

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



FACULDADE
CATÓLICA
DE FEIRA DE SANTANA

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
FACULDADE CATÓLICA DE FEIRA DE SANTANA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

JULIAN SANTOS CARDOSO

RELIGIÕES CRISTÃS E O CUIDADO COM O OUTRO: UM ESTUDO NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 A PARTIR DO PENSAMENTO DE
EMMANUEL LÉVINAS

RECIFE-PE
2025

JULIAN SANTOS CARDOSO

**RELIGIÕES CRISTÃS E O CUIDADO COM O OUTRO: UM ESTUDO NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 A PARTIR DO PENSAMENTO DE
EMMANUEL LÉVINAS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação Interinstitucional em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco e Faculdade Católica de Feira de Santana como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientação: Prof. Dr. Luis Carlos de Lima Pacheco

FEIRA DE SANTANA
2025

C268r Cardoso, Julian Santos.

Religiões cristãs e o cuidado com o outro: um estudo no contexto da pandemia da COVID-19 a partir do pensamento de Emmanuel Lévinas / Julian Santos Cardoso, 2025.
118 f.

Orientador: Luis Carlos de Lima Pacheco
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Mestrado Interinstitucional em Ciências da Religião, 2025.

1. Cristianismo. 2. Levinas, Emmanuel, 1905-1995.
 3. COVID-19 (Doença). 4. Cuidados. 5. Outro (Filosofia).
- I. Título.

CDU 232.22
Luciana Vidal - CRB 4/1338

JULIAN SANTOS CARDOSO

**RELIGIÕES CRISTÃS E O CUIDADO COM O OUTRO: UM ESTUDO NO
CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19 A PARTIR DO PENSAMENTO DE
EMMANUEL LÉVINAS**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Ciências da Religião do Programa de Pós-Graduação Interinstitucional em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco e Faculdade Católica de Feira de Santana como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientação: Prof.º Dr. Luis Carlos de Lima Pacheco.

Aprovada em: 21/01/2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **LUIS CARLOS DE LIMA PACHECO**
Data: 20/01/2026 17:28:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luis Carlos de Lima Pacheco (Orientador)
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Documento assinado digitalmente
 **GENIVAL OLIVEIRA CARVALHO**
Data: 11/02/2026 21:06:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Pe. Dr. Genival Oliveira Carvalho
Faculdade Católica de Feira de Santana - FCFS

Documento assinado digitalmente
 **JOSE AFONSO CHAVES**
Data: 21/01/2026 09:50:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. José Afonso Chaves
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Dedico esta pesquisa a Deus que me conduziu nesta trajetória.
A meu arcebispo e aos padres que me apoiaram nesta trajetória.
À minha arquidiocese e aos colegas de trabalho da FACFS.

Caridade, sopro divino,
é a força do amor,
é a benção do Jesus Menino,
com a graça do Nosso Senhor
a necessidade clama,
não seja egoísta,
é Deus quem te chama,
Ele te quer altruísta
caridade não é só material,
é também espalhar esperança,
é tão sublime e divinal
que nunca sai da lembrança

a caridade liberta,
ela nos livra da cruz,
ela deixa a porta aberta
para uma vida cheia de luz
dê sua ajuda agora,
reverbere a sua nobreza,
se você muito demora
não haverá comida na mesa

“A caridade Deus agradece,
Ele ouve a sua prece,
Faça a sua caridade,
lute contra a adversidade”

Amém...!!!

Nilo Ribeiro

AGRADECIMENTOS

A Deus por dar a capacidade de cada dia buscá-lo através dos estudos e do conhecimento, que dá sentido à minha vida, fonte inesgotável de inspiração e motivo deste trabalho.

Ao meu arcebispo por todo o apoio e incentivo permitindo que pudesse realizar este mestrado.

Aos padres Gilvan e Genival por terem me incentivado neste caminho acadêmico e de persistência em meio às adversidades.

Ao Pe. José Reinaldo pela paciência ao longo destes dois anos diante das atividades da paróquia em que estou trabalhando. Em que precisei deixar algumas atividades pastorais, para dedicar-me aos estudos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Luís Carlos de Lima Pacheco, pela experiência e sabedoria de uma trajetória acadêmica colocada a nossa disposição. Sem dúvidas, esta Dissertação somente foi possível graças às suas correções, sua paciência e total apoio e incentivo.

Ao Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral, coordenador do MINTER. O senhor foi o responsável pela minha persistência e confiança que seria possível chegar até aqui. Sempre incentivando a doar-se mais e mais.

À Coordenação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião (PPGCR), da Universidade Católica de Pernambuco e a todos os professores do PPGCR, especialmente àqueles de cujas aulas participamos, dentre eles, Dr^a Zuleica Dantas, Dr. Newton Cabral, Dr. Gilbraz Aragão, Dr. Drance Elias, Dr. João Luiz. Igualmente sou grato a todos os colaboradores da Faculdade Católica de Feira de Santana.

Aos colegas discentes do PPGCR (MINTER) que permitiu que este caminho fosse feito com mais suavidade.

RESUMO

A dissertação parte da necessidade de entender a dimensão do cuidado com o outro nas perspectivas cristãs, dentro do contexto de pandemia da Covid-19 e perceber os impactos dessas ações no pós-pandemia, já que o cuidado que pode ser traduzido, também, por caridade e amor ao próximo é um dos elementos essenciais das morais cristãs: católica e protestante. Para isso, este estudo se baseou no pensamento de Emmanuel Lévinas como caminho possível para estabelecer as relações de cuidado e corroborar que, apesar das inconsistências vistas no contexto pandêmico, as instituições cristãs mantêm um compromisso de responsabilidade ao outro que clamou por cuidado. O presente trabalho segue uma abordagem qualitativa, utilizando-se da pesquisa bibliográfica; tendo como objetivos específicos: explicitar o pensamento levinasiano; apresentar o cuidado com o outro nas concepções cristãs católica e protestante; e, por fim, analisar como as instituições cristãs são vistas em suas ações por seus adeptos e pela sociedade no contexto de pós pandemia. Assim, compreende-se que o cuidado foi e continua sendo a marca que sempre conduziu os cristianismos, pois parte da experiência de cuidado que nada mais é que se tornar responsável pelo outro que pediu acolhimento diante deste momento tão complexo da humanidade que vivenciamos.

Palavras-chave: Lévinas; Cuidado; Outro; Covid-19; Cristianismos

ABSTRACT

The dissertation stems from the need to understand the dimension of caring for others from a Christian perspective, within the context of the Covid-19 pandemic, and to perceive the impacts of these actions in the post-pandemic period, since care, which can also be translated as charity and love for one's neighbor, is one of the essential elements of Christian morality: Catholic and Protestant. To this end, this study was based on the thinking of Emmanuel Lévinas as a possible way to establish relationships of care and corroborate that, despite the inconsistencies seen in the pandemic context, Christian institutions maintain a commitment to responsibility towards others who cried out for care. This study follows a qualitative approach, using bibliographic research, with the following specific objectives: to explain Levinasian thought; to present care for others in Catholic and Protestant Christian conceptions; and, finally, to analyze how Christian institutions are currently viewed in their actions by their followers and by society in the post-pandemic context. Thus, it is understood that care was and continues to be the hallmark that has always guided Christianity, as it stems from the experience of care, which is nothing more than becoming responsible for others who have asked for shelter in this very complex moment for humanity that we experience.

Keywords: Lévinas; Care; Other; Covid-19; Christianities

SUMÁRIO

1. Introdução	12
2. Emmanuel Lévinas	20
2.1 Vida e obra de Lévinas	20
2.2 CONTEXTO HISTÓRICO	221
2.3 O judaísmo na formação do pensamento levinasiano	232
2.4 Contexto filosófico do pensamento de Emanuel Lévinas	25
2.5 Obras de Lévinas para o desenvolvimento do pensamento ético	28
2.6 Husserl e Heidegger	29
2.6.1 A fenomenologia de Edmundo Husserl	30
2.6.2 Lévinas e Husserl	322
2.6.3 A Ontologia de Martin Heidegger	34
2.6.4 Lévinas e Heidegger	36
2.7 A ética como filosofia primeira	398
2.7.1 O pensamento ético	40
2.7.2 A ética levinasiana	42
2.7.3 A relação da ética do cuidado com o pensamento moral cristão do cuidado	46
3 O cuidado com o outro nas concepções cristãs católica e protestante	50
3.1 A dimensão histórica do cuidado com o próximo no catolicismo e protestantismo	51
3.1.1 A dimensão histórica do cuidado com o outro no catolicismo	53
3.1.2 A dimensão histórica do cuidado com o outro no protestantismo	56
3.2 As ações do cuidado para com o próximo das igrejas cristãs no contexto da Covid-19	59
3.2.1 As ações da Igreja católica no contexto da Covid-19	59
3.2.2 As ações do protestantismo na dimensão do cuidado no contexto da Covid-19	63
3.3 As contradições das falas dos cristãos e de suas práticas no contexto da pandemia	67
3.3.1 As contradições do discurso cristão católico	70
3.3.2 As contradições do discurso cristão protestante	743
4 As instituições cristãs no contexto de pós-pandemia	80
4.1 A compreensão do discurso cristão do cuidado frente seus adeptos	82
4.1.1 Os cristãos católicos diante do cuidado com o outro no pós-pandemia	84
4.1.2 Os cristãos evangélicos e a compreensão do cuidado no pós-pandemia	89
4.2 O olhar da sociedade frente os discursos e ações das igrejas cristãs	92

4.2.1 O olhar da sociedade para a igreja católica nas suas ações no momento atual.....	94
4.2.2 O olhar da sociedade para as igrejas protestantes e evangélicas no pós pandemia.....	97
5 Considerações finais.....	102
Rerefências.....	107

1. Introdução

A religião foi e continua sendo um dos elementos essenciais na construção da pessoa, enquanto indivíduo, e consequentemente no modo como o Eu se relaciona com o Outro, ou seja, como o sujeito se comporta diante do próximo que pede ou que exige um cuidado.

A Religião desde a sua origem fundamenta-se em mito (s), expressando-se em rito (s) e se organizando num conjunto de normas, para bem viver as relações sociais. Na criação e organização de uma conduta ético-moral, cada experiência religiosa cria os seus códigos. Um destes códigos morais é o cuidado com o outro.

Nas experiências religiosas do abraâmismo (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) o cuidado com o outro é um elemento importante para a experiência com o sagrado, já que o outro, também, torna-se um elemento sagrado que conduz a experiência com o divino ou transcendente. A pessoa humana é o centro vital que rege as relações transcendentais, interpessoais e intersubjetivas.

Para o cristianismo seja de linha católica ou protestante é no cuidado com o outro que o sujeito se afirma e se constrói enquanto pessoa. Numa linguagem cristã, o cuidado com o outro é sinônimo de amor ao próximo, caridade, compaixão, misericórdia, doação, entre outros termos que podem ser utilizados. De acordo com Gouvêa (2021, p. 5):

A característica mais importante e mais determinante na vivência cristã é o amor. O mandamento do amor que percorre toda a vida pública de Jesus é dinamizado com o crescimento do cristianismo, que em contato com novas culturas encontram novos desafios para a práxis do amor ao próximo. Perpassa toda a história do cristianismo entre avanços e retrocessos, chegando aos nossos dias com a mesma força revolucionária de seu princípio.

O pensamento do filósofo francês Emmanuel Lévinas permiti-nos ter uma melhor compreensão, no contexto cristão, sobre a dimensão do cuidado com o outro. Pode-se até questionar como um pensador de descendência judaica, que toma o judaísmo como um dos pilares para elaborar a sua filosofia, pode trazer “luzes” para a compreensão cristã do cuidado. A sua formulação da ética da alteridade é a principal conexão que liga o pensamento de um “judeu” a uma ação cristã, pois essa ética da alteridade pode ser interpretada à luz do mandamento cristão do amor ao próximo. Assim, tanto a filosofia levinasiana quanto o cristianismo tomam o outro e o divino como ponto de partida para a reflexão.

Para Lévinas a ética da alteridade acontece quando o “eu” se coloca numa atitude de responsabilidade para com o outro, gerando, assim, cuidado. Para ele, o que rege ou que define as pessoas não é o seu pensamento, ou o modo como se compreende as coisas pela razão, mas o seu ato relacional. Com isso, na sua compreensão, a Filosofia Primeira deveria ser a Ética e não o Ser, pois a primeira coisa que as pessoas realizam na vida é se relacionar e se tornar responsável pelo rosto do outro que se manifesta a mim. Lévinas (1980, p. 203) afirma: “[...] o fato primeiro da significação se dá no rosto. [...] não se articula um raciocínio, mas a epifania enquanto rosto”.

Diante desta perspectiva, o cristianismo no contexto de pandemia da Covid-19 foi chamado mais do que nunca a estar atenta a Epifania (manifestação) do rosto do outro que clamou por cuidado, numa perspectiva de exterioridade. Lévinas explica que é na experiência exterior que o outro dá-se a conhecer e se manifesta a um eu exigindo dele cuidado (1980, p. 239-240): “[...] em tudo o que precede, tentamos expor a epifania do rosto como a origem da exterioridade [...]”.

Sabe-se que, quando se fala de cristianismo, está-se falando de um mundo múltiplo, com diversas expressões e segmentos. É claro que não haveria tempo hábil nem espaço suficiente para compreender a pandemia da Covid-19 nas diferentes expressões do cristianismo. No entanto, a presente dissertação busca trabalhar com dois segmentos desta expressão religiosa: o cristianismo protestante de linha neopentecostal (conhecido, também, como a Terceira Onda do protestantismo) — que foi o mais evidenciado durante a pandemia no Brasil, sobretudo com as falas de pastores como Edir Macedo, Romildo Ribeiro Soares, Valdemiro Santiago e Silas Malafaia — e o cristianismo católico. No viés cristão católico, foram abordados dois segmentos: o da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que representa o pronunciamento oficial da Igreja Católica no Brasil, mas houve também alguns posicionamentos e ações de grupos católicos de tendências mais ultraconservadora do catolicismo, que, por sua vez, foram contrários a algumas medidas sanitárias estabelecidas pela OMS.

A pandemia da Covid-19, também conhecida como pandemia do coronavírus, foi declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia de escala global em março de 2020, mas o seu início se deu em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. A doença é causada pela transmissão do coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus é transmitido pelo ar, pelo contato

direto com a pessoa infectada, levando a vários sintomas, desde a perda do paladar até a insuficiência respiratória, ocasionando, nos casos mais sérios, internação e, nos quadros mais graves, a morte da pessoa.

Diante disso, várias nações adotaram medidas de proteção e de cuidado para evitar a proliferação do vírus e, assim, tentar diminuir as mortes — desde o uso de máscaras e a higienização das mãos até o isolamento social, que, em alguns países, durou meses. Apesar das tentativas de conter o vírus, desde o seu início até a estabilização da pandemia, em 2023, foram cerca de 15 milhões de mortes, segundo estimativas da OMS (Organização Mundial da Saúde).

No Brasil, quando a OMS, em março de 2020, declarou oficialmente a Covid-19 como pandemia, já se registravam mais de cem casos confirmados, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Distrito Federal e Espírito Santo. De 2020 até a estabilização quase total do vírus, em 2023, o Brasil passou por várias ondas da Covid-19, que causaram impactos econômicos, políticos, sociais e religiosos. Diante da pandemia, foram diversas as iniciativas lançadas pelo Ministério da Saúde que buscavam conter o vírus. O que deveria ser visto como uma normativa tornou-se, em muitos momentos, uma queda de braço entre os órgãos competentes da saúde e a Presidência da República da época, que era contrária a algumas medidas sanitárias, sobretudo ao isolamento.

Nesse contexto, o Eu (sujeito) foi convocado a se tornar responsável pelo Outro acamado, o outro que morria, que não tinha para onde ir, não tinha como se isolar, pois precisava trabalhar para pôr comida em casa, o que estava morando na rua, ou aqueles que estavam na linha de frente tentando diminuir as mortes. Houve várias formas em que o outro se apresentou ao eu clamando por cuidados.

Na pandemia percebeu-se, também, que houve uma dualidade no que se refere a dimensão moral do cuidado com o outro, promovido pelas instituições cristãs católica e protestante. O cristianismo sempre pregou e colocou em prática a dimensão do cuidado e do olhar para o outro. Porém, essa visão que é tão cara e importante para os cristãos foi colocada em suspeita, por causa de atitudes advindas de líderes religiosos e de fiéis destas duas principais denominações religiosas no Brasil.

No cristianismo protestante neopentecostal houve algumas experiências negativas por parte de alguns líderes religiosos pedindo para seus fiéis não tomarem a vacina, não ficarem em casa, descumprirem as normas estabelecidas pelo Ministério da Saúde, entre outras situações. Com essas ações percebeu-se que quando uma

prática ou discurso cristão se nega a realizar algo que seja em benefício do outro, a instituição religiosa coloca em dúvida o seu ato religioso, já que a mesma tem o elemento do cuidado com o outro, como um dos seus pilares. Houve, também, iniciativas negacionistas por parte de alguns líderes e fiéis cristãos católicos, principalmente pelos que seguem uma linha mais ultraconservadora, tendo atitudes similares praticadas por alguns cristãos do protestantismo de cunho mais neopentecostal.

Por outro lado, também, percebeu-se o inverso: várias manifestações reais de cuidado com outro no âmbito cristão. Por exemplo: O incentivo a utilização da vacina, a ajuda com mantimentos, além do apoio espiritual, principalmente no momento do sepultamento dos entes queridos. Além disso, os católicos e protestantes buscaram por meio das redes sociais não deixar os seus adeptos sozinhos nesse momento.

O contexto pandêmico expôs as feridas do secularismo e dos frágeis sistemas democráticos e o que foi inicialmente, um problema de saúde pública global, tornou-se também um problema para a “saúde” dos sistemas políticos, econômicos, culturais, sociais e religiosos, pois mudou completamente o modo como as pessoas se relacionam entre si. A pandemia apresentou desafios aos cristianismos: como já foi dito, se por um lado, houve negacionistas contrários as medidas de cuidado imposto pelos órgãos competentes, por outro lado, houve apoiadores dos cuidados com o outro que incentivavam os seus fiéis a cumprirem as medidas estabelecidas. Vendo os prós e contras da experiência religiosa cristã no contexto pandêmico, pode-se indagar, portanto, qual foi mesmo o papel do cristianismo no cuidado com outro no contexto pandêmico?

A partir desse questionamento, surgiu o interesse de compreender o papel do cristianismo no cuidado com o outro no contexto de “dualidade” da pandemia da Covid-19 para lançar compreensões da dimensão do cuidado no contexto de pós-pandemia praticada pelas igrejas cristãs. Esta pesquisa foi de caráter qualitativo e isso aconteceu através da pesquisa bibliográfica (sobre Lévinas, ética, cuidado, história do cristianismo) e pesquisa documental (documentos da CNBB, pronunciamentos de líderes neopentecostais, textos jornalísticos).

Dentro do campo das Ciências da Religião, que visa estudar a religião a partir do fato social e cultural e não propriamente a partir da fé, a pesquisa buscou compreender a dimensão do cuidado para com o outro no Cristianismo Católico e Protestante como objeto, a partir do pensamento de Emmanuel Lévinas.

Esta pesquisa na área da Ciência da Religião se encontrou numa perspectiva fenomenológico-hermenêutico e histórico-sociológico, abrangendo um trabalho transdisciplinar que buscou perceber como estas religiões, conseguiram lidar com um problema de cunho sanitário. Para isso, buscou-se dialogar com o pensamento de Lévinas com alguns autores propriamente das Ciências da Religião como: Peter Berger, Clifford Geertz, Mircea Eliade, Strauss, Durkheim, entre outros. Este trabalho não tem a intenção de esgotar todas as obras e o pensamento do autor em questão, mas se utilizar de algumas obras e conceitos levinasiano que possam corroborar com a compreensão do cuidado com outro vivido por ambas religiões no contexto da pandemia.

No contexto da Pandemia da Covid-19, a religião cristã, pelo menos no Brasil, foi um lugar crucial para a tomada de decisões acerca dos rumos de como se enfrentaria o vírus. Os líderes religiosos cristãos, na sua maioria, se posicionaram acerca de como os seus fiéis deveriam se colocar diante deste período. Seja a partir de um posicionamento espiritual, ou através de um posicionamento concreto que desembocaram em práticas partidaristas e até ideológicas.

Um ponto de conflito com os líderes cristãos se deu com o surgimento das vacinas. Várias teorias negacionistas, inclusive criadas por grupos de líderes religiosos católicos e protestantes, afirmaram que a vacina iria causar problemas maiores nas pessoas e os seus líderes “exigiram” de seus adeptos que não tomassem a vacina, principalmente os líderes ligados ao posicionamento político do então Presidente da República. Passando a colocar em xeque as evidências científicas, utilizando-se de argumentos ofensivos para com os cientistas e pessoas que buscavam um meio para combater o Coronavírus, Morel (2021, p. 4) afirma:

[...] passaram a desqualificar e agredir os cientistas e o discurso científico, sem necessariamente argumentar de fato sobre a dúvida gerada. Logo, apresentaram uma narrativa que se encaixava em valores compartilhados por determinados grupos, em sua maioria conservadores [o termo correto seria fundamentalistas que é diferente de conservadores]. Assim se tornaram comuns as narrativas que defendem a ideia de que os leitos de hospitais vazios, os laudos falsos e os caixões enterrados sem ninguém fariam parte de uma conspiração política para destruir governos de extrema-direita.

Compreende-se que a religião é representada pela prática da religiosidade e constitui-se em uma alternativa na promoção de uma cultura de respeito, paz, diálogo

e de busca do cuidado seja consigo e quando se cuida de si busca-se, também, em teoria, cuidar do outrem. Mas no contexto da Covid-19 parece que houve uma quebra entre o cuidado com o outro e a relação com o divino, que dentro do cristianismo não tem como se separar, e isso partiu de vários líderes religiosos no que se refere a dimensão do cuidado de si e do outro. Que consequentemente gerenciou uma disputa político-partidária (Conservadores e Progressistas)¹: Quem é a favor da vacina é do partido A, quem é contrário a vacina é do partido B.

Diante disso, pode-se realizar alguns questionamentos: A religião cristã, de fato, pode contribuir com o cuidado com o outro? Existe Alteridade praticada no cristianismo ou ela pensa, apenas, no cuidado de si e de seus adeptos, os seus interesses pessoais? O outro que não faz parte da crença cristã não deve ser cuidado também? As ideias destes religiosos contrários aos mecanismos para salvar vidas são de fato as ideias do cristianismo? O Cuidado com o outro não é um dos bens que o cristianismo propaga, prega e afirma?

O sujeito religioso perpassa pela dinâmica do encontro de si com o divino, mas é na relação com o outro que se encontra o estopim deste movimento religioso: A relação do humano religioso baseia-se numa tríade: Eu-Transcendente-Outro. É nesse movimento que o cristão põe a sua religiosidade na vivência concreta da vida. Sabe-se que o cristianismo tem o poder de conduzir a ordem e influenciar o modo e o agir das pessoas na sociedade como afirma Medeiros (2004, p. 1):

A Religião tende a permear aspectos concretos da vida dos indivíduos, o que comporta a proposição de princípios e de valores, bem como de modelos de comportamento orientados para resolver os contrastes existentes entre uma visão ideal da vida, individual e colectiva, e as situações contingentes que surgem no quotidiano das pessoas.

Segundo o pensamento de Lévinas o rosto do outro é manifestado ao Eu que é interpelado e chamado ao cuidado e a responsabilidade com aquele outro. A dor foi o elemento que uniu as pessoas no combate a aquele que deveria ser o único inimigo: o vírus da Covid-19. A isso, percebeu-se uma solidariedade em que as pessoas,

¹ O conservadorismo e o progressismo são correntes filosóficas, políticas e sociais distintas e opostas. O conservador é aquele que busca preservar as tradições, os costumes e as instituições; ou seja, os conservadores valorizam, sobretudo, a ideia de família, hierarquia, religião e normas tradicionais. Já os progressistas são aqueles que defendem o progresso na sociedade e na política; para eles, faz-se necessário promover mudanças e reformas que visem uma maior igualdade dentro da sociedade. Enquanto, para um, é necessário manter as estruturas sociais existentes, para o outro, faz-se necessária uma ruptura com padrões tradicionais que não contemplam a sociedade como um todo.

principalmente no campo religioso cristão buscou meios, também, para ajudar o outros, mesmo diante de contradições em que seus próprios líderes caíram.

Existe uma contradição na vivência cristã no contexto da referida pandemia. Se naquele momento havia uma maior preocupação com os mais suscetíveis a contrair o vírus, a preocupação com o outro que não tinha como se resguardar da Covid-19.

Buscou-se, também, procurar meios de ajudar as pessoas a passarem por este momento de calamidade pela busca de uma espiritualidade que os ajudassem a vivenciar este momento com menos horror. Porém, muitos religiosos instigaram os seus adeptos a várias práticas que não condiziam com a dimensão do cuidado com o outro, como se estivessem incentivando-os a “morrer”. Houve, portanto uma cisão entre aquilo que se toma por sagrado e o cuidado com outro, já que para o autor que dá base a essa dissertação, não há como separar sagrado (entendido em Lévinas como divino) e responsabilidade diante do outro.

O cristianismo no Brasil entrou em choque já que ele deveria respeitar aquilo que as autoridades da saúde visavam naquele momento para o bem comum. Contudo, parte dos religiosos influenciados por ideologias faziam o contrário. Rossato *et al* (2022, p. 8) afirma: “A assistência espiritual respeita dilemas éticos, crenças religiosas e cuidados de saúde”. O cristianismo não deve ser guiado por ideias que não permitam a plena evolução e cuidado para com a pessoa humana, já que na dimensão ética do cuidado visa sempre o bem do outro. Lévinas afirma (2011, p. 95) “[...] a responsabilidade pelo outro é anterior a toda a deliberação, a todo consentimento, a toda a liberdade.” Diante dessa situação que ocorreu na pandemia, busca-se compreender a influência e o papel que o cristianismo teve no decurso da prática do cuidado e de responsabilidade com a vida do outro.

O sujeito foi instigado a deixar de olhar somente para si e para os seus, para olhar de forma responsável para o outro. O sofrimento do outro tornou-se para o Eu algo em que ele é chamado a cuidar, porque o Eu, também, sofreu com o que viu e sentiu da Covid-19. O outro tornou-se meio para que o eu pudesse fazer a experiência com o transcendente. Assim, o cuidado com o outro, parte da responsabilidade que a religião possui como parte integrante de sua conduta ética.

A alteridade proposta por Lévinas é o caminho escolhido para corroborar a afirmação da dimensão do cuidado com o outro em que a religião é chamada a seguir. A Filosofia de Lévinas ratifica a dimensão do cuidado, que é um dos elementos em

que a religião é chamada a viver e desenvolver nas suas práticas. Já que isso parte de uma dimensão ética e moral que a mesma é chamada a viver.

O próprio Levinas nas obras *Totalidade e Infinito* e *Ética e Infinito* desenvolve o pensamento de tal maneira que se compreende que a relação face a face, onde o Outro se revela ao Eu, com sua força e fragilidade, convoca, impeli e implora que o Eu aja sempre com responsabilidade. Na religião, o Eu é chamado a se unir ao transcendente, ao sagrado, mas isso só é possível passando pelo outro. O outro impele o sujeito, por meio da manifestação do rosto, a ser responsável por ele.

O estudo em questão é importante por integrar interesse pessoal, social e acadêmico: A Alteridade (cuidado com o outro) e a religião cristã no contexto da pandemia da Covid-19. Este trabalho buscou fornecer reflexões críticas, científicas e metodológicas acerca da prática do cuidado vivenciado pelo cristianismo no contexto da Covid-19 que abalou o mundo em todos os seus aspectos. Portanto, a presente pesquisa que foi realizada torna-se mais uma contribuição para ampliar os horizontes, os conhecimentos teóricos de como foi vivenciado na prática religiosa a dimensão do cuidado, já que ela é chamada a ser a guardiã do outro.

Para o desenvolvimento desta dissertação foram escolhidos alguns pronunciamentos, documentos histórico e jornalístico que pudesse dar base para evidenciar a dimensão do cuidado por ambas as religiões estudadas. Apesar do presente trabalho não se utilizar da pesquisa através de entrevistas, buscou-se nas fontes midiáticas, sobretudo na que se refere ao catolicismo e ao mundo protestante, como elas perceberam a conduta destas religiões no contexto da Covid-19.

Os capítulos seguintes seguiram uma determinada estrutura metodológica para facilitar a compreensão, demonstrando a importância deste autor para o desenvolvimento do trabalho. Em primeiro, explicitar o pensamento levinasiano da ética da alteridade; em seguida, apresentar o cuidado com o outro nas concepções cristãs católica (CNBB e a linha ultraconservadora) e protestante (linha neopentecostal); e por fim, analisar como as instituições cristãs católica e protestante são vistas no contexto de pós-pandemia por seus adeptos e pela sociedade.

A coerência interna desta dissertação se deu através da articulação dos objetivos, capítulos e procedimentos metodológicos, buscando facilitar a melhor compreensão do leitor. Em primeiro lugar, procurou-se compreender, por meio da pesquisa bibliográfica de análise de algumas obras de Lévinas - sobretudo aquelas que tratam da responsabilidade, do cuidado e da hospitalidade - para assim

compreender os fundamentos da ética levinasiana que puderam contribuir para o desenvolvimento do estudo.

O segundo objetivo deste trabalho, desenvolvido no segundo capítulo da dissertação, consistiu em examinar como as categorias propostas por Lévinas iluminam a relação entre sagrado e responsabilidade ética presente nos cristianismos católico e protestante no contexto de pandemia da Covid-19. Isso se deu por meio da revisão crítica dos comentadores e da análise teórico-comparativo.

Já o terceiro e último capítulo buscou entender em que medida houve a dissociação entre o sagrado e o cuidado praticado pelos cristianismos durante a pandemia, e como isso influenciou a forma como estas instituições são vistas no pós-pandemia por seus adeptos e pela sociedade externa.

Diante disso, o presente trabalho, por meio de suas partes, buscou contribuir para o alcance dos objetivos propostos, garantindo, assim, uma unidade temática e metodológica no desenvolvimento da reflexão elaborada.

2. Emanuel Lévinas

Emanuel Lévinas é considerado um dos mais influentes e complexos pensadores do século XX, devido ao seu cabedal linguístico e cultural, já que ele possui uma tripla nacionalidade: judaica, lituana e francesa. Isso influenciou toda sua vida, principalmente o seu pensamento filosófico. Lévinas realizou uma virada estrutural no pensamento filosófico ocidental de até então. Se até o presente momento o pensamento filosófico estava alicerçado na estrutura e no pensamento do Ser e do Conhecimento, Lévinas repropõe a estrutura do pensamento filosófico, afirmando que a Ética deve ser considerada a Filosofia Primeira e não a Ontologia como outrora se afirmava, já que é a partir da ética que as pessoas se realizam.

Segundo Lévinas, o pensamento ontológico deu base para que os horrores das guerras mundiais, principalmente a Segunda Guerra, encontrassem base teórica para fundamentar as suas atrocidades e o descaso para com o outro. Isso faz com que não haja responsabilidade para com o outrem, Lévinas (1991, p. 119) afirma: “O único valor absoluto é a possibilidade humana de dar, sobre si, uma prioridade ao outro”. A ética derivada dos acontecidos históricos que seguem na vida de Lévinas é uma responsabilidade inegociável para com o outro. É este outro que determina o meu modo de agir ético.

2.1. Vida e obra de Lévinas

Para compreender o pensamento de Emanuel Lévinas, faz-se necessário, por primeiro, entender a sua trajetória de vida, pois é a partir dela que se entenderão os caminhos propostos e repropostos por Lévinas no seu pensamento. Especialmente no que diz respeito ao judaísmo, base de sua ética. Lévinas (2011, p. 23) afirma: “Toda a minha filosofia é dominada pela ideia do infinito. Ela vem da bíblia e do judaísmo”. Lévinas afirma que o judaísmo sobretudo na perspectiva lituana tem uma importância singular no desenvolvimento de seu pensamento.

Para tal compreensão, é imprescindível entender o contexto histórico em que ele está situado, pois é dentro deste contexto que o seu pensamento filosófico foi formado e amadurecido e se chegarão às principais obras que norteiam todo o seu pensamento. Todo o pensamento levinasiano é embasado nas suas experiências de vida, principalmente durante a Segunda Guerra Mundial, em que ele foi prisioneiro em um campo de concentração. Essa experiência serviu de base para algumas de suas obras e pensamentos, principalmente o pensamento sobre a Filosofia do Outro ou pensamento Ético.

2.2. Contexto histórico

Emanuel Lévinas nasceu em *Kovno*, na República da Lituânia, no ano de 1906, advindo de uma família de judeus. Os seus pais eram judeus de nascença e, conseqüentemente, apesar de não ter nascido na região de Israel ele pertencia por tradição à família judaica.

O pai de Lévinas era um livreiro, possuía um espaço, que atualmente chama-se de livraria. Isso fez com que o autor em questão tivesse contato com diversos autores e obras que iriam influenciar posteriormente a sua visão de mundo e os seus escritos. Ele foi criado dentro de uma relação direta com a cultura judaica e russa e, mais tarde, pela cultura francesa. Possuía um contato direto com a literatura clássica russa, que é citada várias vezes em suas obras, que acabaram influenciando, também, o seu modo de pensar, Costa (2000, p. 32) afirma: “[...]. O acesso às obras de autores russos como Pouchkine, Gogol, Dostoievski, Tolstoi, Lermontov, entre outros, era para Lévinas relativamente fácil, já que seu pai era o proprietário de uma bem sortida livraria na cidade [...]”.

Com o advento da Primeira Guerra mundial em 1914, Lévinas experimentou pela primeira vez a profundidade da guerra. Dois anos após o início da Primeira Guerra, seus pais foram forçados a migrar para a Ucrânia, na Cracóvia, onde são acolhidos como refugiados. Apesar de todos os problemas derivados da guerra mundial e da revolução russa, Lévinas focou nos seus estudos, já que isso advém de um costume antigo da tradição judaica: os meninos necessitam empenhar-se nos estudos independentes da situação em que se encontrem. Por isso, dedica-se profundamente aos textos sagrados do judaísmo e à literatura russa, Lévinas afirma (1997, p. 29) “Minha juventude foi alimentada tanto pela Torá e pelo Talmude quanto pela grande literatura russa [...]”.

Os seus estudos no Liceu² tanto na Lituânia como na Ucrânia foram marcados pelo pensamento russo, principalmente pela literatura romântica. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, Lévinas retorna para a Lituânia com a sua família e dá continuidade aos seus estudos até o ano de 1923, quando ele vai para França e inicia os seus estudos filosóficos. É dentro deste contexto que se inicia todo o seu processo acadêmico de revolução do pensamento filosófico.

Já no ano de 1939 eclodiu a Segunda Guerra Mundial, esta guerra vai trazer marcas e impactar não só a vida, mas vai dar base para a reflexão filosófica do pensamento de Emanuel

² Pode ser traduzido como um estabelecimento (escola) de ensino secundário.

Lévinas. Quando a Segunda Guerra Mundial estourou, Lévinas estava em Paris. Ele, apesar de ter tripla cidadania: lituânica, judaica e francesa, foi capturado e preso pelos nazistas no campo de concentração.

Lévinas ficou mais ou menos cinco anos exilado no campo de concentração de Stammlager, em Hannover, na Alemanha, até o ano de 1945. Dentre os campos de concentrações existentes, este foi considerado o que menos usou de atrocidades em comparação com Auschwitz, Varsóvia, Treblinka, entre outros. Mas este campo de concentração não deixou de trazer marcas profundas para Lévinas sobre o que o homem é capaz de realizar para com o outro do ponto de vista negativo, principalmente com os trabalhos forçados e desumanos que foram características deste campo específico. Paiva e Dias (2012, p. 136) afirmam: “[...] O campo de prisioneiros, Stammlager, se diferenciava dos campos de concentração, pois não havia a tortura e o extermínio, mas trabalho forçado [...]”.

Estes acontecimentos e fatos históricos, principalmente as duas guerras mundiais deixaram marcas profundas não só na vida, mas no pensamento e vão impulsionar Lévinas a realizar uma reflexão profunda sobre as relações humanas. Para tal, é necessário compreender a influência do pensamento judaico que caracteriza todo o pensamento elaborado por Lévinas sobretudo na questão ética.

2.3. O judaísmo na formação do pensamento levinasiano

O pensamento religioso judaico interpelou Lévinas tanto na sua perspectiva ética quanto no seu âmbito da justiça, que são, na visão dele, os pressupostos da condição humana. É por meio desta experiência religiosa que o autor em questão dá embasamento real para a construção teórica da ética como filosofia primeira do pensamento ocidental. Mas isso só foi possível devido a um ambiente que incentivava a leitura interpretativa dos textos sagrados judaicos.

A Lituânia, local onde Lévinas nasceu e viveu durante alguns anos de sua vida, é marcada por uma comunidade judaica que trazia um judaísmo voltado mais para a dimensão intelectual do que mística. De certa forma, acaba opondo-se ao hassidismo³ que incentivava uma compreensão do pensamento judaico no viés mais místico e emotivo. É claro que na compreensão judaica não se exclui a dimensão mística, porém ela não foi preponderante para este grupo. É neste espaço da Europa Oriental que o judaísmo encontrou um desenvolvimento

³ É um movimento religioso judaico que surgiu na Polônia por volta do século XVIII que possui uma característica de cunho mais místico.

espiritual e intelectual profundo, na visão de Lévinas (1999, p. 29) “O judaísmo da Europa Oriental, especialmente o da Lituânia, era antes de tudo um judaísmo de estudo, da inteligência e do rigor conceitual.”

Este tipo de judaísmo formado na Europa Oriental baseia-se em uma visão do pensamento rabínico voltado para o conhecimento racional, intelectual dos textos sagrados advindo dos textos talmúdicos que irão posteriormente dar base para o desenvolvimento do pensamento ético levinasiano, sobretudo no que tange às realidades das relações humanas. Os valores e os costumes vivenciados não só por Lévinas, mas também pelos judeus neste espaço temporal, compreendidos como aqueles que abarcam toda a realidade da sociedade. Isso vem da percepção das referências dos textos talmúdicos.

O *Talmude* pode-se dizer que é o texto mais completo para as interpretações dos rabínicos sobre a vida do povo judeu. O Talmud essencialmente é a compilação por escrito da junção da tradição oral e da Torá (lei escrita) da Lei Judaica que estabelece as prescrições que um judeu deve seguir. É neste contexto que Lévinas percebe a importância dos textos talmúdicos (2001, p. 45) “O Talmude não é um tratado de teologia abstrata, mas uma interpretação da vida humana em sua concretude.” Na obra *Ética e Infinito* Lévinas, ainda, afirma (2005, p.24) “[...] minha formação judaica foi essencialmente talmúdica [...]”

Através desses textos, Lévinas desenvolveu sua curiosidade pelos estudos e pela leitura. A dimensão intelectual do judaísmo moldou sua formação mais do que a prática religiosa em si, embora os valores e costumes judaicos tenham sido internalizados por ele. Essas experiências possibilitaram a Lévinas uma compreensão relacionada à verdadeira dignidade e conduta humana. É nas interações entre o Eu e o Outro, que é completamente diferente e transcende as análises do sujeito, que essa compreensão se revela. Esse entendimento é enriquecido pelo contato direto com a língua hebraica, que lhe permite captar o significado das coisas em sua essência.

Uma característica que a tradição talmúdica traz na sua dimensão ética é a existência de uma responsabilidade inegável que uma pessoa tem para com a outra. É diante deste aspecto que Lévinas vai basear a sua filosofia ética. Pois ele compreende que Deus se desvela, ou seja, se mostra que se revela sob a forma do mandamento da responsabilidade ética. Conforme afirma Bordin (1998, p. 4):

No judaísmo, o ato mediante o qual os israelitas aceitam a Torá precede o conhecimento. Para eles, é a fonte do sentido e o evento fundamental que instaura a ética. Antes da liberdade, antes do sujeito constituído como liberdade, existe uma responsabilidade irrecusável. A escolha da Revelação, da Lei, da Torá, caracteriza o homem como

resposta, como consciência da destinação ao outro. O sentido pois não está no cuidado de si, mas na responsabilidade para com o outro.

Lévinas não busca criar um novo conceito ético, mas demonstrar que o caminho ético é o ponto de partida para a reflexão filosófica. Isso advém da compreensão judaica.

Para Lévinas, é neste caminho de reflexão dos textos talmúdicos que se encontra, também, a reflexão filosófica que embasa as verdades que ele considera universais e compatíveis com a razão e a experiência filosófica. Isso o levará a desenvolver o seu pensamento filosófico, que para alguns é considerado apenas uma visão moralizante do judaísmo do que uma filosofia propriamente dita, segundo Moro (1982, p. 88-89):

Alguns chegam a duvidar do caráter filosófico de seu pensamento ou caracterizá-lo como mero sermão moralizante. Por outro lado, a maioria dos estudiosos afirma que sua obra é uma aventura filosófica que busca uma saída que permita escutar um outro significado sem desertar da filosofia.

No decorrer do texto, pode-se perceber que, para Lévinas, o judaísmo tem uma importância ímpar para o desenvolvimento de seu pensamento. Mediante essa perspectiva, Lévinas compreende que, para viver diante do sagrado (que, para ele, é sinônimo do divino), não se pode dissociá-lo da experiência com o outro.

A experiência com o Sagrado se dá concretamente na relação com o outro, sobretudo com aquele que requer de mim cuidado. Lévinas (1993, p. 105) afirma: “A relação com o Outro é, em si mesma, esta relação com Deus.” Logo, para o pensamento levinasiano, a experiência com o sagrado só pode ser vivida na relação ética com o outro, pois o sagrado se manifesta no apelo do outro, que clama, através de seu rosto, por cuidado.

2.4. Contexto filosófico do pensamento de Emmanuel Lévinas

O pensamento judaico, principalmente dos textos advindos da literatura do *Talmude*, como já foi mencionado no tópico acima, não influenciou apenas sua visão religiosa de mundo, mas sobretudo seu pensamento filosófico que tem uma raiz no pensamento judaico. A partir dos textos sagrados, ele realiza uma reflexão filosófica que o permitiu compreender o mundo pelo viés humanista judaico. De acordo com Dieckmann e Maslowski (2019, p. 109):

A partir da leitura do Talmude, apoiando-se no método fenomenológico, Lévinas reflete sobre a realidade que o rodeia, interpretando-a à luz das Escrituras. Para tanto, o filósofo acessa os

textos sagrados sob a ótica filosófica e produz filosofia a partir das ideias e do pensamento judeu.

Outro fator que contribuiu para a formação filosófica de Lévinas, está nos estudos dos grandes pensadores da Filosofia do Ocidente que dão norte ao caminho de suas reflexões, como o próprio Lévinas explica (2000, p.19):

Ainda antes de começar os meus estudos de filosofia na França, li os grandes escritores russos, de que lhe falei. (...) Aí encontrei, aos dezoitos anos, quatro professores a que meu espírito atribuiu prestígio incomparável: Charles Blondel, Maurice Halbwachs, Maurice Pradines e Henri Carteron. (...) Foi o contato com esses mestres que se revelavam as grandes virtudes da honra intelectual e da inteligência, mas também da clareza e da elegância da universidade francesa.

Em 1923, quando ele se direciona para Estrasburgo, na França, para estudar licenciatura em filosofia, o que mais lhe chama a atenção no curso, são as áreas da Ética e da Política; estas duas áreas do conhecimento, posteriormente irão ocupar um lugar central no seu trabalho filosófico. Passos (2012, p. 5) afirma: “[...] existe no pensamento do filósofo Emmanuel Lévinas uma relação entre ética e política sem a qual não seria possível pensar o sentido do humano em suas dimensões individual e social. [...]”. Lévinas pode propor uma visão filosófica capaz de pensar o sujeito a partir do Outro, ou seja, é na relação do cuidado e do respeito para com o Outro que o Eu se forma.

Um dos primeiros autores do ocidente com que Lévinas entrou em contato de imediato e que direcionou as suas reflexões filosóficas foi Bergson⁴. A reflexão bergsoniana se dará na questão do Tempo, que irá definir a formulação de algumas questões fundantes da ética levinasiana.

À medida que aprofunda sua leitura de Bergson, Lévinas demonstra indecisão sobre qual caminho filosófico seguir dentro do pensamento filosófico, já que o pensamento de Bergson não consegue trazer reflexões mais aprofundadas. Conversando sobre as suas angústias filosóficas com um professor na universidade em que estudara, este o apresentou o pensamento filosófico de Edmund Husserl por meio da célebre obra *As Investigações Lógicas*. Após a leitura da obra, Lévinas mudou drasticamente o modo como compreendia a filosofia. Como descreve Lévinas (2000, p. 37):

[...] ‘Li as Investigações Lógicas com muito interesse e tive a impressão de ter encontrado não simplesmente mais uma construção especulativa inédita e sim novas possibilidades de pensar, uma nova

⁴ Filósofo francês dos séculos XIX e XX, que rompe com o dualismo vigente da relação entre mente e corpo, rompendo assim com o dualismo cartesiano do pensamento.

possibilidade de passar de uma idéia a outra, prescindindo da dedução, da indução e da dialética, uma nova maneira de desenvolver os conceitos' [...].

Com o passar das leituras daquele que seria um dos mestres de Lévinas, o autor em questão decide ir a Friburgo, na Alemanha, com o objetivo de dialogar diretamente com Husserl, para compreender melhor o método fenomenológico⁵, que influenciara o pensamento levinasiano.

Com o aprofundamento dos estudos husserlianos, Lévinas percebe que, ainda, não é isso que procura para o desenvolvimento dos seus estudos e reflexões. A partir do conhecimento da fenomenologia existencial do *Dasein* em Martin Heidegger, Lévinas vai percebendo o caminho que pode ajudá-lo numa melhor compreensão de seus estudos filosóficos. Como descreve Lévinas *apud* Costa (2000, p. 37-38):

[...] 'Husserl parecia menos convincente porque ele me parecia menos imprevisível [...] Tudo parecia imprevisível com Heidegger, as maravilhas de suas análises sobre a afetividade, os novos acessos ao cotidiano, a diferença entre ser e ente, a famosa diferença ontológica'. [...].

No percurso acadêmico de Lévinas, percebe-se que ele foi influenciado por diversos autores e pensadores clássicos do pensamento filosófico ocidental, como por exemplo: Platão, Descartes, Kant, Hegel, Franz Rosenzweig (este autor deixou intuições importantes no pensamento de Lévinas), mas é Heidegger, com sua abordagem da questão do Ser, que mais influenciará Lévinas. Como expõe Lévinas *apud* Santana (2000, p. 16):

[...]. Apesar do horror que um dia veio associar-se ao nome de Heidegger — e que nada poderá dissipar — nada conseguiu desfazer em meu espírito a convicção de que *Sein und Zeit*, de 1927, é imprescritível.

Além do filósofo da floresta negra, Lévinas foi fortemente influenciado pelo pensamento de Edmund Husserl, Lévinas (2000, p. 4) afirma: “[...] quase sempre, começo com Husserl ou em Husserl, mas o que digo já não está em Husserl”. O método fenomenológico deixou marcas profundas no pensamento levinasiano. Ao mesmo tempo que há uma aproximação de Lévinas com estes autores, percebe-se que existe, também, um distanciamento de pensamento. Mas serão as ideias de ambos que permitiram que Lévinas realizasse o seu caminho filosófico, realizando uma revolução copernicana na filosofia ocidental.

⁵ Tanto o Método Fenomenológico quanto a Ontologia serão abordados nos próximos tópicos.

Portanto, do ponto de vista filosófico, Lévinas percebe que a filosofia ocidental derivada do pensamento grego foi condicionada por uma dominação da ontologia do ser que influenciou regimes totalitários que excluíram a noção da pessoa e do cuidado para com o outro. A partir de um novo prisma, Lévinas convida a filosofia ocidental a repensar a filosofia por meio da ética baseada nas relações humanas. São com estas nuances que Lévinas, em suas obras, propõe um novo modo de se fazer filosofia, mas todo o seu pensamento filosófico é baseado tanto na tradição de pensamento judaico quanto no pensamento filosófico ocidental.

2.5. Obras de Lévinas para o desenvolvimento do pensamento ético

O pensamento de Emmanuel Lévinas é permeado pela concepção humanista voltada para o pensamento ético na relação da alteridade. Principalmente pelas concepções dos textos bíblicos judaicos e da sua vivência no campo de concentração, onde ele percebe que as pessoas não eram tratadas como pessoas, mas como objetos ou coisas que poderiam ser coisificadas. Com o término da Segunda Guerra Mundial e da sua libertação do campo de concentração, Lévinas se dedica, ainda mais, à vida acadêmica e aos escritos que se tornaram obras que ajudaram na compreensão do sistema ético criado por ele. Apesar de haver diversas obras e reflexões escritas pelo autor em questão, antes mesmo de ser preso no campo de concentração.

São estas obras que serão citadas abaixo que darão uma compreensão sobre qual é o caminho que Lévinas realizará para a compreensão da dimensão ética da vida humana. Afinal, para o autor estudado, a ética ocupa um lugar central em suas reflexões filosóficas. Como se verá nos próximos tópicos, o estudo da ética em Lévinas é voltado para a relação com o outro, não é meramente um estudo sobre a ética do ponto de vista etimológico ou meramente conceitual, mas um estudo sobre a ética da alteridade que leva em consideração o lugar do outro na relação, partindo de suas experiências práticas, principalmente dentro do campo de concentração.

A primeira obra, considerada uma das mais importantes do seu pensamento ético, é *Totalidade e Infinito*, escrito em 1961. É considerada uma obra de síntese das suas investigações realizadas até o momento. Com esta obra, Lévinas realiza uma crítica acerca do tema da totalidade, que é um problema da filosofia ocidental, que coloca o saber absoluto como fonte primeira do conhecimento humano. Ou seja, isso acabou se tornando, ao longo da história humana, uma visão totalizante que caracteriza quase todos os temas da filosofia ocidental.

Com isso, Lévinas busca, além de refletir sobre a ideia de totalidade, realizar uma distinção com a ideia de infinito que, para ele, é produzida na relação do Eu com o Outro. Deve-se realizar uma passagem da ontologia como filosofia primeira para um pensamento que coloca o outro no lugar central da discussão. Por isso, o outro é infinito, pois o Eu não consegue acessar totalmente quem o Outro é. Para Lévinas, a sociedade atual precisa passar de um sistema totalizante e egoísta para uma relação ética de infinito que leva o outro a ocupar um lugar real nas relações, nas palavras de Silva (2022, p. 138-139):

Considerada uma das obras mais importantes, se não a mais importante, *Totalidade e Infinito* foi o marco no pensamento filosófico de Levinas. É aqui, especificamente, que o autor começa a tecer algumas de suas mais importantes teses sobre a ética, o cuidado com o outro, a metafísica, o rosto, o infinito, etc. Estruturada em quatro seções e a conclusão, a obra aborda os mais variados temas, desde o desejo infinito, na primeira seção até a relação de filialidade na quarta seção.

Outra obra importante para o desenvolvimento do trabalho é *Ética e Infinito*, esta obra foi escrita no ano de 1982. Foi elaborada em forma de entrevista em que Lévinas aborda e explica os principais temas de seu pensamento. Principalmente, ao demonstrar que o pensamento sobre o Ser não deve se sobrepor ao pensamento ético, Nemo (1982, p. 9) afirma:

[Esta obra] constitui uma apresentação sucinta da filosofia de Emmanuel Levinas, a cujo resumo poderia, sem dúvida, convir o título *Ética e infinito*. As dez conversas acompanham o desenvolvimento do pensamento de Levinas desde os anos de formação até aos mais recentes artigos dedicados ao problema de Deus

Tem, também, a obra *Entre nós: um ensaio sobre a alteridade*. Nesta obra, Lévinas coloca a alteridade no centro das reflexões. Segundo o autor, o sujeito deve refletir a partir de sua relação com um Outro radicalmente distinto do eu, Lévinas (1997, p. 12) afirma:

O livro reúne vinte escritos que resultam das conferências, de entrevistas e artigos, e que se situam entre 1951 e 1988, espaçados entre quarenta e sete de atividade e produção filosófica. O tema convergente central que produz sua unidade é a alteridade.

Uma outra obra importante para o estudo da ética em Lévinas é *Da Existência ao Existente*. Uma grande parte desta obra foi escrita dentro do campo de concentração e uma outra no período pós-guerra, finalizado no ano 1947. Lévinas afirma que o ser humano, o sujeito, não pode ser reduzido apenas à existência biológica, mas é um ser totalmente diferente que se relaciona com um totalmente outro que não pode ser reduzido ao eu, que é interpelado pelo outro que me chama à responsabilidade, segundo Zanon (2019, p. 50):

Esta obra começou a ser escrita por ele no cativeiro durante a Segunda Guerra Mundial e já inaugura o questionamento à ontologia de Heidegger e a fenomenologia de Husserl. [...] Lévinas inicia suas reflexões na ontologia, encontra nela a porta de entrada para o Ser e verifica que o existente que dá sentido aos entes no fundamentava-se numa impessoalidade superável apenas pelo Ser-para-o-outro, como momento ético de respeito a Alteridade.

Além destas obras, existem outros textos em que Lévinas continua ou reformula a sua reflexão acerca da temática da ética da alteridade, incluindo principalmente os conceitos de Rosto, Epifania, Face a Face, Responsabilidade e Justiça.

O presente tópico ajudou a compreender melhor o pensamento de Emmanuel Lévinas e o caminho que o conduz à reflexão sobre a dimensão da filosofia ética como caminho universal para a compreensão da pessoa nas relações. Mas para tal, faz-se necessário, também, compreender melhor a relação de Lévinas com aqueles com os quais ele tomou como princípio norteador do seu pensamento, mas foi aos poucos se distanciando para criar o seu próprio caminho.

2.6. Husserl e Heidegger

Dentre os diversos pensadores que inspiraram e ajudaram Lévinas na construção do seu pensamento filosófico estão Husserl e Heidegger. Eles foram os que mais influenciaram Lévinas nos seus escritos, e o ajudaram na construção de seu pensamento ético. Husserl, com a sua fenomenologia, influenciou Lévinas através do seu método fenomenológico que o ajudou a compreender e a criar o seu pensamento filosófico ético da alteridade e da responsabilidade diante do outro. Com Heidegger, tem-se uma relação de aproximação e afastamento do pensamento da fenomenologia existencial e do pensamento ontológico. Levinas afirma (2005, p. 21-22) “Minha formação filosófica foi dominada pela fenomenologia de Husserl [...]. A filosofia de Heidegger foi para mim uma revelação, mas uma revelação que exigia ser ultrapassada.”

Para tal, faz-se necessário compreender a fenomenologia e a ontologia de Husserl e Heidegger para assim compreender melhor o pensamento e como eles influenciaram o distanciamento teórico que Lévinas tem com ambos. Lévinas (2012, p. 14) afirma: “Husserl mostrou a estrutura da consciência; Heidegger mostrou a estrutura do ser. Mas entre a consciência e ser está o outro, que nenhum deles tematizou suficientemente”. Para Lévinas, a ruptura com os seus “mestres” se dá aqui, pois, para ele, o primeiro não é a consciência nem o ser, mas sim a relação ética.

2.6.1 A fenomenologia de Edmund Husserl

Edmund Husserl foi um filósofo e matemático alemão que viveu entre os séculos XIX e XX. Ele é o criador da escola filosófica chamada de Fenomenologia, que inspirou e influenciou vários pensadores dos séculos seguintes, inclusive o próprio Emmanuel Lévinas, cuja tese de doutorado foi alicerçada na principal obra de Husserl, *As Investigações Lógicas*. Utilizando-se do método lógico, Husserl rompe com o caminho positivista da ciência e da filosofia vigente. Assim, ele elaborou duras críticas ao pensamento historicista e o Psicologismo⁶ através do método lógico, Borba (2010) afirma que:

Foi com muita delicadeza intelectual, crítica e aprofundamento da sua perspectiva que ele refletiu sobre o avanço desenfreado do pensamento naturalista, do historicismo e do idealismo. Discutiu o apego ao psicologismo, as consequências do historicismo, da ideologia, e principalmente a naturalização da consciência e das ideias, no momento em que a ciência e a psicologia tentaram nivelar a consciência aos fatos naturais e as normas da razão lógica. Tratar a consciência como um fato natural é coisificá-la, apenas como um objeto separando-a do sujeito.

A Fenomenologia é uma reflexão sobre os fenômenos que aparecem diante da consciência. Do ponto de vista etimológico, a fenomenologia é uma área do conhecimento filosófico que realiza uma reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra à consciência. Isso é realizado por meio da *epoché* que é a suspensão do juízo inicial sobre a realidade que se apresenta. Com isso, Husserl busca contribuir para o conhecimento através da compreensão do mundo e das coisas como elas se apresentam à consciência por meio da intencionalidade, conforme afirma Bueno (2001, p. 35):

Para a fenomenologia, o conhecimento não tem sentido se não estiver relacionado às coisas humanas. O conhecimento não é um veredicto, nem um dogma. A fenomenologia não se prende a um único aspecto da realidade, achando que ele é suficiente para conhecer tudo o que existe. A fenomenologia é uma leitura dialética da realidade, entendendo toda a realidade em todos os seus aspectos: histórico, social, político, sentimental e de vivência do homem.

Husserl cria o método fenomenológico diante do contexto de crise da filosofia do século XIX, em que a ciência estava em desenvolvimento e se colocando como aquela que poderia dar respostas para todos os problemas do mundo prático. Também derivado do psicologismo

⁶ Tanto o Historicismo quanto a Psicologismo no final do século XIX não só tinha um prestígio no cenário do conhecimento, mas elas eram as chaves de leituras principalmente para a compreensão da teoria do conhecimento e da lógica.

e do historicismo, Husserl cria a fenomenologia com a proposta de se desvincular do psicologismo e do historicismo vigente.

A reflexão sobre a fenomenologia aparece pela primeira vez em Husserl no seu escrito *As Investigações Lógicas* (1900/1901), por isso é considerada a obra fundadora do pensamento fenomenológico Husserliano. Nesta obra, Husserl realiza uma crítica que estava pautada na ciência, como já fora descrita acima. Nessa obra, Husserl apresenta a fenomenologia como uma filosofia, uma atitude e um método que norteará o conhecimento humano posterior.

Para Husserl, a fenomenologia é pensada como uma ciência pura que vai em busca da essência das coisas para decodificar e descrever o fenômeno para assim entendê-lo, como diz Bueno (2001, p. 47):

Husserl pensou a fenomenologia enquanto uma ciência pura, eidética, ou seja, como a ciência das essências universais que se caracteriza pela descrição dos dados, descrever a essência ou a estrutura do fenômeno. A redução eidética é compreendida como “uma análise descritiva das vivências da consciência, da sua relação com o mundo. Essa redução busca descobrir e apreender as essências dos fenômenos”.

A fenomenologia propõe uma compreensão epistemológica que busca o entendimento da essência, desvincilhando-se da aparência do fenômeno que se apresenta à consciência que a investiga. Ou seja, é através das investigações das vivências da consciência na inter-relação dialética com o mundo que se compreenderá o mesmo.

Para Husserl, o sujeito busca compreender o mundo como fenômeno, e é este mundo que se apresenta à nossa consciência, sendo apreendido antes mesmo de se realizar qualquer tipo de julgamento inicial. Para isso, realiza-se uma redução fenomenológica que é a *épouque*. É dentro deste contexto que Lévinas inicia os seus estudos filosóficos e busca investigar a relação do conhecimento entre o sujeito cognoscente e o mundo que se revela ao conhecimento.

2.6.2. Lévinas e Husserl

O contato de Lévinas com Husserl se dá por meio da fenomenologia transcendental husserliana⁷. Isso se deu no início dos seus estudos em Freiburg, na Alemanha, quando pôde estar em contato direto com Husserl. Lévinas apresenta uma concepção sobre a subjetividade

⁷ Na compreensão husserliana, a fenomenologia transcendental é uma atitude de reflexão e de análise, na qual se busca compreender o sentido íntimo das coisas, ou seja, a coisa em sua essência, ou na linguagem husserliana “na sua doação originária”, como ela se mostra a consciência que a investiga.

humana. A partir desta percurso, inicia-se um distanciamento do pensamento de introspecção e de intencionalidade da consciência promulgada por Husserl. Para Lévinas, o sujeito é afetado pela alteridade humana que é manifestada na relação interpessoal.

Nessa perspectiva, Lévinas percebe a fenomenologia transcendental como um método para filosofar e não exclusivamente uma concordância com a compreensão husserliana sobre a subjetividade. Pellizioni (1994, p. 60) afirma: “[...]. A apreciação inicial de Lévinas em relação à fenomenologia transcendental é que o que se designa sob esta categoria está constituído como método, ou melhor, como maneira de filosofar”.

A tese de doutorado de Lévinas, baseada na compreensão fenomenológica de Husserl, tem como objetivo entender o que é e como se dá o processo da intuição. Para Lévinas a intuição se mostra na consciência a partir de um sentido, ele (2009, p. 15) afirma: “A intuição não é uma percepção vulgar, mas o modo como o sentido se dá à consciência”. Assim, no decorrer do seu estudo, Lévinas percebe que não há como entender a intuição husserliana separada da compreensão ontológica. O estudo da intuição em Husserl só terá real sentido alicerçado na compreensão do pensamento originário. Ou seja, a fenomenologia de Husserl tem como pano de fundo a ontologia que busca a compreensão do ser em Husserl. De acordo com Lévinas apud Pellizioni (1994, p. 63):

Propondo-nos estudar aqui o intuitivíssimo na fenomenologia de Husserl, não podemos, por conseguinte, separar em nossa exposição a teoria da intuição como método filosófico do que poderia chamar de a ontologia de Husserl. Queremos, ao contrário, mostrar como a intuição, que propõe como modo de filosofar, provém de sua própria concepção do ser.

Neste caminho, Lévinas busca dar um salto epistemológico na compreensão fenomenológica. Enquanto em Husserl há um valor excessivo na consciência, Lévinas resgata o valor do corpo como base para que a consciência viesse e entendesse o mundo. O que ocorre é um distanciamento de Lévinas para com Husserl, enquanto este se baseia em uma concepção idealista, tendo uma preocupação excessivamente com a consciência numa perspectiva pura, aquele se baseia numa realidade da consciência a partir do corpo que apreende a realidade que chega à consciência. Deste distanciamento, Lévinas recorda que é vivendo no mundo concreto e real que o sujeito compreende fenomenicamente as coisas que o cercam, Rosa (2012, p. 39) diz:

Lévinas, ao propor como ponto de partida de seu pensamento a perspectiva da alteridade, vai de encontro ao sistema ocidental que concebe o ser humano e o mundo a partir de um eu narcísico,

ensimesmado, totalitário. ‘A metafísica, a transcendência, o acolhimento do Outro pelo Mesmo, de Outrem por mim reduz-se concretamente como a impugnação do Mesmo pelo Outro, isto é, como ética que cumpre a essência crítica do saber’. Com efeito, ‘pensar o infinito, transcendente, o Estrangeiro, não é, pois, pensar um objeto’. Antes, trata-se de estar ‘[...] em face de um rosto’.

Lévinas vai além dos conceitos preestabelecidos e das afirmações sobre o sujeito consciente do seu mestre. É se lançando numa proposta ética da alteridade que Lévinas realiza a valorização do humano mediante a sua subjetividade e a sua relação com o Outro, não o reduzindo, apenas, a uma realidade consciente, mas um totalmente outrem. Para Lévinas, em contrapartida, a construção se dá pela “consciência da consciência”, isso através da relação do sujeito com o outro no mundo. Lévinas (1991, p. 29) afirma: “a fenomenologia de Husserl, que busca o sentido a partir da consciência, prepara o questionamento do Mesmo pelo Outro”.

O modo como Lévinas compreende a dimensão da subjetividade vai aos poucos distanciando-se do seu predecessor e mestre Edmund Husserl. Ele vai enriquecendo o conceito de consciência através da realidade de um corpo em que o sujeito é dotado e conscientemente percebe o mundo, decodificando-o através das relações corporais, como descreve Bastos (2020, p. 23):

Para Lévinas a subjetividade se dá como tomada de consciência da consciência na relação do “eu” com o “outro” do mundo. O sujeito consciente da existência do “outro” diferente de si ou do “mesmo” alcança a autoconsciência e consciência do “outro” percebendo que com este “outro” mantém uma relação de alteridade.

O distanciamento de Lévinas com Husserl se dá sobretudo na compreensão da subjetividade, pois em Lévinas ela é compreendida na relação com o outro, que vai desenvolvendo-se numa relação de alteridade. Em Husserl, a subjetividade e a sua compreensão se dão somente pela própria consciência em si. Em Husserl, há, também, uma percepção de autoconsciência que o faz perceber diferente dos outros entes existentes no mundo. Apesar desta compreensão, em Husserl não realiza e nem explora o sentido de alteridade e intersubjetividade que são fortemente presentes na filosofia levinasiana.

Diante desta compreensão de Husserl, Lévinas percebe que há algo que falta e é a partir das experiências e das conversas com Heidegger que ele percebe que a Filosofia do mestre da floresta negra, como é, também, conhecido, é mais completa e que pode dar significados mais concretos à sua filosofia.

2.6.3 A Ontologia de Martin Heidegger

Martin Heidegger foi um dos maiores e importantes filósofos alemães do século XX. Foi discípulo de Edmund Husserl, principalmente no que se refere à tese da Fenomenologia criada por ele. Porém, em Heidegger, a Fenomenologia é concebida dentro de um viés, o existencial. Daí o termo fenomenologia existencial em Heidegger. Pois o lugar de trabalho de Heidegger se dá em entender o ser, o seu sentido, significado na existência. Por isso, alguns o chamam de filósofo existencialista, apesar do mesmo negar esta realidade.

Por que a preocupação primordial de Heidegger é com o ser? Ele entende que a filosofia se preocupa, e é essa sua tarefa, com os fundamentos das coisas (entes), ou seja, a grande pergunta dele é: qual a essência das coisas? Para isso, faz-se necessário compreender o que é o ser e o que o distingue dos entes. Portanto, na compreensão de Heidegger, a filosofia nada mais é do que uma ontologia (em Heidegger, a ontologia é a reflexão sobre o sentido profundo do ser). Rovighi (1999, p. 260) afirma: “Para Heidegger a filosofia precisa refletir sobre o que é o ser? O que é o existir? Ou seja, a sua preocupação está com o ser das coisas e não propriamente com o ente. Para Heidegger o ser é indefinível”.

Heidegger utiliza do método fenomenológico para mostrar o sentido do ser. O homem é o ser por excelência que tem a capacidade de desvelar e entender o sentido e o fundamento do ser das coisas, nas palavras de Rovighi (1999, p. 399):

Heidegger traz para a própria existência humana a reflexão sobre o ser, e principalmente sobre Dasein, isto porque, a existência é o que há de mais peculiar, “é o homem considerado em seu modo de ser, é o Dasein, o ser aí, em que indica ao mesmo tempo seu ser de fato, seu encontrar-se no mundo sem ter-se colocado ali por conta própria, é o lugar em que se manifesta o ser”.

Com o desenvolvimento da filosofia no ocidente, Heidegger (2002, p. 39) constata que, no percurso histórico, o ser foi deixado de lado, entrou no esquecimento, para ele isso se caracteriza como: “[...], um erro fundamental e uma fatalidade [...]”. Com isso, o ser foi confundido com o ente e foi entendido como ente, mas em Heidegger o ser é aquilo que é imutável, já o ente possui mudanças de significado continuamente. França (2013) afirma: “De acordo com Heidegger, a filosofia complicou-se em não distinguir o ser e o ente e ao distanciar-se de suas origens na Grécia antiga [...]”.

Heidegger aprofunda sobre a questão e o sentido do ser na sua célebre obra *Ser e Tempo*, publicada em 1927. Nesta obra, Heidegger busca afasta-se das questões relacionadas aos entes e passa a desenvolver questões relacionadas propriamente ao ser. É dentro deste contexto que o filósofo da floresta negra, cria o termo *Dasein*, que, traduzindo de

forma literal, é “ser aí” que é a característica do ser humano. É um ser lançado na existência no mundo chamado a entender quem é ele mesmo, pois só assim se entenderá o que de fato é o ser, Heidegger (1997, p. 315) afirma: “A investigação de uma ontologia fundamental deve começar pela análise do homem, enquanto está nele a questão do ser”.

Durante as suas compreensões acerca do ser, Heidegger compreende que o ser se depara com um grande dilema que é a fatalidade da existência humana. Heidegger entende que o ser só pode ser compreendido nesta tensão que é dada pela existência. Segundo Heidegger somente o homem é o único ser capaz de compreender, questionar o sentido e a verdade do ser dos entes, Heidegger (1996, p. 29) afirma: “Somente o homem, em meio a todos os entes, experimenta, o chamado pela voz do ser, a maravilha de todas as maravilhas: que é o ente”.

Portanto, para Heidegger, a filosofia deve ocupar-se com a compreensão do sentido do ser das coisas, a partir do homem que desvela e compreende o real significado do ser escondido nos entes. Trabalhando dentro duma perspectiva de ontologia, como filosofia primeira, finita, pois acaba lidando com a finitude da existência do homem, que é o local primordial de desvelamento do ser.

2.6.4 Lévinas e Heidegger

Assim como Husserl, Heidegger foi, também, um dos grandes mestres para Lévinas. O filósofo existencialista influenciou bastante o pensamento de Lévinas, principalmente do ponto de vista de seu distanciamento com a ontologia como filosofia primeira. Diante da leitura da obra-prima de Heidegger, *Ser e Tempo*, Lévinas compreende que, na verdade, a filosofia de Heidegger é nada mais que um prolongamento do pensamento de Husserl, Lévinas apud Costa (2000, p. 37) afirma:

A leitura de *Sein und Zeit*, levou Lévinas à convicção de que a filosofia de Heidegger era o prolongamento da transfiguração do pensamento de Husserl. ‘A grande coisa que encontrei foi a maneira como a trilha de Husserl estava sendo prolongada e transfigurada por Heidegger.

Diante do Pensamento Heideggeriano, Lévinas ficou vislumbrado com a capacidade do filósofo da floresta negra conceber o pensamento e a existência do homem. Com isso, Heidegger parecia mais empolgante do que Husserl. Deste modo, Lévinas deixa de lado a fenomenologia transcendental de Husserl para se aventurar nos estudos sobre a fenomenologia existencial de Heidegger.

Apesar desta empolgação com o pensamento Heideggeriano, Lévinas vai aos poucos percebendo que o filósofo existencialista dá quase que um poder absoluto à dimensão da racionalidade do homem. Com isso, o ser humano é visto exclusivamente pela sua capacidade de razão, pois na compreensão de Heidegger só assim o homem pode entrar em contato com o ser. Pois para o filósofo, o homem cumpre, só, o seu papel de ente aberto ao ser e capaz de responder sobre o seu sentido na existência (Cf. Lévinas, 1967).

Lévinas busca distanciar-se desta perspectiva do homem como um ser somente racional, possuidor de uma inteligência surpreendente que se direciona em busca da compreensão do ser. Lévinas afirma que Heidegger, com o seu pensamento, deu brechas para envolver a totalidade do homem tão-somente no viés do ser e racional, Heidegger (1997, p. 22) afirma que:

O homem inteiro é ontologia. Sua obra científica, sua vida afetiva, a satisfação de suas necessidades e seu trabalho, sua vida social e sua morte articulam, com um rigor que reserva a cada um desses momentos uma função determinada, a compreensão do ser ou a verdade. Nossa civilização inteira decorre desta compreensão, mesmo que esta seja esquecimento do ser. Não porque há o homem que há verdade. É porque o ser em geral se encontra inseparável de sua possibilidade de abertura, porque há verdade, ou, se se quiser, porque o ser é inteligível é que existe humanidade.

Diante desta perspectiva, Lévinas busca compreender. E isso ele deixa claro na sua obra *Entre Nós*, que a filosofia ocidental e a própria sociedade de sua época possuem uma tendência de reduzir o homem tão-só à sua capacidade de inteligência e de tratar o diferente, o outro, como um prolongamento do eu que pensa e raciocina. Por isso, Lévinas é contundente em afirmar que a filosofia baseada na metafísica visa à totalização das coisas, com tudo que se refere ao diferente, ao outro, deve ser abolido. Lévinas (1988, p. 225) afirma: “Heidegger compreende o ser como mais antigo que a ética. Mas é o rosto do outro que questiona o ser”

Na concepção de Lévinas, este pensamento de Heidegger, da filosofia baseada puramente na ontologia, deu brechas para a manipulação do ser humano, traduzindo-se em guerras, como no caso da Segunda Guerra Mundial, com o pensamento nazista. Lévinas escreve um artigo (1988) com título de *Como um consentimento com o horrível*. Neste texto discute a adesão de Heidegger ao nazismo e a sua adesão de permanecer em silêncio diante de tudo o que estava acontecendo, e como a sua filosofia pode ter servido de base teórica para o nazismo.

Diante de uma civilização que supervaloriza a razão e possui um desejo exacerbado de redução do diferente àquilo que se pode racionalizar; pois só assim que ele poderá manipular a capacidade de raciocinar, segundo Bastos (2020, p.25):

[...]. É necessário que tudo seja possível de ser conhecido, compreendido a partir de certas pré-compreensões, sintetizado numa espécie de totalização, analisado e utilizado; se algo for percebido como coisa dotada de impossibilidade de ser perscrutada pela mente racionalista, ela é considerada como irrelevante ou mero presságio, coisas de que a razão não deve perder tempo em ocupar-se [...].”

Diante deste contexto, Lévinas se sente obrigado a desvencilhar o ser humano do pensamento filosófico ocidental baseado, apenas no Ser, na sua totalização e massificação da sua individualidade que é próprio e característico de cada ser humano.

Não é que Lévinas busca eliminar a racionalização do ser, mas o grande questionamento que o faz distanciar-se de seu mestre é a valorização excessiva que é dada à dimensão da ontologia. Esse fundamento é totalizante e acaba reduzindo o diferente ao mesmo, não permitindo que haja espaço para o diálogo com a alteridade. Enquanto para Heidegger o sentido do sentido está no Ser, para Lévinas isso está na alteridade e nas relações. O próprio (1988, p. 67) afirma: “Em heidegger, o ser tem prioridade sobre o ente humano; em meu trabalho, o outro tem prioridade sobre o ser”.

Além desta questão que distancia Lévinas de Heidegger, existem outras que estão no campo da compreensão da crítica: a representação e o papel do outro. Heidegger vê a representação como um fenômeno histórico, cultural. Já Levinas afirma que a representação se dá quando o Eu se reconhece diante do outro, deixando-o ser um totalmente outro diferente de mim. Na perspectiva do papel do outro, em Heidegger, o Ser está presente na relação com os outros, porém essa relação não é necessariamente ética, mas é designada pela estrutura ontológica do ser que está no mundo; já em Lévinas, a relação com o outro é sobretudo uma relação interpelativa e ética. Pois o outro não se manifesta ao eu apenas quando está presente, mas a sua ausência é uma alteridade que interpela e exige uma resposta concreta do eu em relação ao outro.

Apesar das diferenças e contraposições existentes entre Lévinas e Heidegger, sobretudo no que se refere ao nazismo, que foi o ponto de ruptura com o seu mestre, ambos entendem que a relação com o Outro é importantíssima para a existência do ser humano. Enquanto Heidegger dá uma maior ênfase à estrutura ontológica do ser, dentro da existência

do ser no mundo por meio da história; em Lévinas, a ênfase está na ética e na responsabilidade diante do outro.

O presente tópico buscou mostrar a importância do pensamento de Edmund Husserl com o seu método fenomenológico e de Martin Heidegger com a sua fenomenologia existencial e o seu estudo sobre a ontologia para o desenvolvimento do pensamento de Emmanuel Lévinas. Vários autores foram importantes e deixaram marcas no pensamento de Lévinas, mas estes dois últimos contribuíram de forma mais significativa para a construção do pensamento filosófico de Lévinas, sobretudo para o desenvolvimento de sua filosofia da ética da alteridade que o marca e o deixou conhecido como o filósofo do Outro. Apesar de eles terem sido seus mestres, o próprio Lévinas faz o seu caminho filosófico bebendo destas fontes, mas, também, distanciando-se deles, apesar de que nos seus escritos se percebe a influência destes pensadores.

2.7 A ética como filosofia primeira

A ética passou a ser vista como “filosofia primeira” a partir da perspectiva de Emmanuel Lévinas, que teorizou, principalmente, a partir de suas experiências no campo de concentração. Segundo Lévinas, desde o início da filosofia até os tempos atuais a Ontologia era vista como filosofia primeira. Lévinas, de fato, realiza uma crítica ao modo como a ontologia é vista na filosofia; para ele, o problema está na visão de uma ontologia que acaba sendo totalizante, ou seja, quando o eu reduz o outro a uma totalidade. Em Lévinas, o outro não pode ser reduzido a algo que possa ser definível, mas o outro é sempre alguém que escapa do eu pelo rosto, vai estar sempre além de mim.

Para Lévinas, a ética não pode ser vista apenas como um ramo do pensamento filosófico, mas a essência, o fundamento de todo o pensamento filosófico e da existência humana. A partir do pensador do Outro, Lévinas leva os seus leitores a entenderem que o ser humano é dirigido pelo caminho ético, são as relações que movimentam e conduzem a pessoa humana⁸. O presente tópico será elaborado da seguinte forma: Faz-se necessário, por primeiro, compreender o que é e como foi trabalhada a ética ao longo da história; depois, entender o que é a ética no pensamento de Lévinas e, por fim, analisar a relação da ética do cuidado de Lévinas com o pensamento ético cristão do cuidado.

⁸ Um recém-nascido não nasce questionando-se sobre o ser ou sobre as coisas, mas ele sai de uma relação com a sua progenitora, para se relacionar com as pessoas que a circundam.

2.7.1 O pensamento ético

A palavra ética advém do termo grego *ethos*, que pode designar: costume, hábito, caráter da pessoa humana, etc. Os primeiros pensadores a refletirem sobre a ética são os filósofos gregos, principalmente a partir do século IV a.C. Quando se fala do pensamento ético clássico, os maiores pensadores que desenvolveram este tema foram: Sócrates, Platão e Aristóteles. Para eles, a pessoa deveria pautar a sua vida e sua conduta dentro de um equilíbrio, nem menos, nem mais, mas na justa medida das coisas.

Para Sócrates, a ética é entendida como uma virtude, e virtude nada mais é do que sabedoria e conhecimento que é experimentado pelo homem que busca a verdade. Para o pai da filosofia clássica, o homem é um ser bom por natureza, porém ele, também, é ignorante, é através da virtude (ética) que ele vai tornando-se um ser ético, pois o que ele busca é a felicidade que só pode ser dada pelo seu reto agir, de acordo com Vázquez (1997, p. 231):

[...] para Sócrates, bondade, conhecimento e felicidade se entrelaçam entre si. O homem age retamente [a pessoa é ética] quando conhece o bem e, conhecendo-o, não pode deixar de praticá-lo; por outro lado, aspirando ao bem, sente-se dono de si mesmo e, por conseguinte, é feliz.

É por meio de Platão que se tem o conhecimento sobre quem foi Sócrates. O pensamento ético para Platão só pode ser entendido a partir da compreensão da alma, já que na visão dele a ética é uma realidade transcendental, pois está no campo do mundo invisível. A alma é tripartida: a racional, que é responsável pelo conhecimento; a alma irascível, que está associada às emoções, e a alma apetitiva, que se dirige exclusivamente aos prazeres.

A partir disso, Platão entendia que uma pessoa só poderia tomar decisões éticas na sua vida quando a parte racional de sua alma se sobrepunha às demais. Pois só assim o sujeito ético é capaz de governar a si mesmo, discernindo quais os valores que deveriam nortear a sua existência. O homem poderia alcançar o bem como meta última da ética. Logo, para Platão, a ética busca ocupar-se com o correto modo de agir em busca da sua felicidade, que é a sua meta, mas isso só será possível por meio da cidade justa, onde este sujeito ético habita, Ribeiro (2025) afirma: “[...] A finalidade da cidade justa e boa é, então, propiciar a felicidade do indivíduo ao viabilizar a prática de suas virtudes, de suas aptidões específicas”.

Aristóteles foi propriamente o primeiro filósofo a tratar a ética como um campo específico do conhecimento humano. A ética é classificada por Aristóteles no campo da vida prática da pessoa. A ética, para ele, está estritamente relacionada com a virtude e a felicidade. A felicidade, que é o fim do ser humano, só pode ser conquistada se ele for prático na vida,

pois é a prática de uma vida virtuosa que tornará uma pessoa feliz. Aristóteles compreende que o homem só pode ser ético quando ele se utiliza das suas deliberações, escolhas e ações em busca da vida virtuosa. Conforme Silva (2013, p.7):

[...] A intenção da ética é conduzir o homem ao Sumo Bem, ou seja, à felicidade (*eudaimonia*). A ética do Estagirita é nitidamente teleológica, ele interpreta a ação humana segundo as categorias de princípio, meio e fim.

No pensamento medieval, a ideia da ética estava inserida na ideia de virtude, que era entendida como a busca pela salvação. Isso se dará pela obediência aos mandamentos divinos, que pode ser traduzida pela felicidade. O homem só é feliz quando está em Deus, com isso a sua visão ética é norteadada pela felicidade, Vasconcellos (2014, p. 27) afirma que:

Na idade média, os autores ao investigar “quem é o homem que possui Deus”, eles compreendem, sem dúvida, que esse homem é feliz. [...] o homem que encontra a Deus obtém a felicidade, ao passo que, quem se afasta da divindade, “por vícios e pecados”, não obtém o favor de Deus. A felicidade, pois, não pode ser dissociada da busca de Deus, que coincide com a busca da verdade. É feliz quem quer viver na posse da verdade, que é Deus. Aspirar à verdade, como máximo bem a ser buscado, é o caminho para a felicidade, que outra coisa não é, a não ser a posse amorosa do Bem. [...] não basta o conhecimento intelectual da verdade; a razão não pode abarcar uma visão imediata de Deus; é preciso mais; faz-se necessário o amor à verdade. O amor a Deus e o desejo da verdade constituem em Agostinho a possibilidade da construção de uma relação afetiva, onde o sobrenatural supre as carências da dimensão racional.

Já a ética na idade moderna, é compreendida pela passagem do pensamento teocêntrico para um pensamento centrado no ser humano, na sua capacidade de raciocinar e na sua autonomia moral. É o indivíduo, como ser racional e de pensamento, que determina pela sua liberdade o que ele pode considerar o que ético ou não, o que é certo ou errado. O indivíduo é o ser capaz de fazer as suas próprias escolhas, partindo, sempre, de uma responsabilidade.

No contexto pós-moderno ou contemporâneo, a ética é compreendida não no viés universal e único do pensamento, mas há diversas expressões e compreensões do pensamento partindo de diversas perspectivas. Vão-se refletir a partir das complexidades e dos desafios do mundo atual. Seja das abordagens mais clássicas repensadas até as abordagens com novas perspectivas que vão responder a questões atuais e emergentes da sociedade. Segundo Bauman (1997, p. 74):

Não somos morais graças a sociedade (somos apenas éticos ou obedientes à lei graças a ela); vivemos em sociedade, somos sociedade, graças a sermos morais. No coração da socialidade está a solidão da pessoa moral. Antes da sociedade, antes dos legisladores e seus filósofos chegarem a expressar os princípios éticos da sociedade, há seres que já eram morais sem a compulsão (ou será ela luxo?) da bondade codificada.

Eu, autor desta dissertação, me insiro dentro deste contexto de pensamento ético. Em que para ele só é possível pensar de forma ética a partir da relação com o Outro, a partir do próprio outro, ou seja, é um deixar o outro ser ele mesmo sem nenhuma interferência daquele que pensa ou diálogo com o outro.

2.7.2 A ética levinasiana

Lévinas, diferente dos pensadores gregos (sobretudo Aristóteles) e, posteriormente, de Kant, Hegel e outros pensadores que também trataram da questão ética, não cria um sistema ético como esses. O que, de fato, Lévinas busca realizar é reabilitar o sentido da palavra ética quando se pensa a relação com o outro. Como expõe Lévinas (1982, p. 39):

No livro, falo da responsabilidade como da estrutura essencial, primeira, fundamental da subjectividade. É em termos éticos que descrevo a subjectividade. A ética, aqui, não aparece como suplemento de uma base existencial prévia; é na ética entendida como responsabilidade que se dá o próprio nó do subjectivo.

Lévinas afirma que não propõe fazer uma ética no sentido dos sistemas dos antigos pensadores, ou seja, no sentido normativo. Para ele, a ética está ligada à irrupção do outro, ao rosto do outro que me impele a uma responsabilidade. Assim, ele possibilita, com a reabilitação da palavra “ética” reinterpretar as éticas antigas. Ou seja, pensar a ética a partir da relação com o outro.

O surgimento do pensamento ético em Lévinas se dá no período entre o seu regresso a Paris e a segunda guerra mundial. É dentro deste contexto que Lévinas começa a elaborar fortemente o seu pensamento ético do Outro. Lévinas acredita que a ética é a resposta segura para a compreensão e a salvadora da pessoa. A construção sobre o pensamento ético de Lévinas está alicerçada nos estudos de seus mestres intelectuais Husserl e Heidegger, além, do pensamento judaico, especificamente dos textos talmúdicos.

A filosofia ética levinasiana é uma proposta de reflexão que vai ao encontro do Outro⁹ como uma possibilidade de tirar do sujeito pensante e do ser a resposta para os problemas da humanidade, Pivatto e Oliveira (2001, p. 88) afirma que:

O Eu não se deve ao Ser mas ao outro. Voltar-se para e pelo outro significa responsabilidade. Manifesta des-inter-essamento de si e do seu ser, dispõe-se ao outro, o primeiro que se apresenta, sem ser objeto de escolha, aliás, sem ser objeto absolutamente. Descortina-se a relação como ética pelo transcender-se do eu, abrindo a ordem da bondade. A ética torna-se o eixo fundamental precisamente porque contém e revela a possibilidade e a realidade do além do ser e da identidade do mesmo como transcender para o outro numa relação responsável que Lévinas chama de alteridade.

Este pensamento citado é a síntese do pensamento de Lévinas, pois a filosofia ética é o regaste na visão do Outro. Porquanto, a partir do momento que se pensa no outro, como ele mesmo afirma, deve ser realizado um caminho em que o Eu se abre para a compreensão do outro a partir dele mesmo. É a dimensão do respeito que é emergida pela responsabilidade¹⁰ que o Eu tem diante do outro. O próprio Lévinas, aprende isso através de sua estada no campo de concentração em que ele sofre a aniquilação do outro. Lévinas afirma (1997, p. 24) “O eu não encontra em si mesmo o princípio do sentido, mas no outro que interpela”

Há um deslocamento do pensamento a partir de Lévinas, se antes estava centrado no Ser, agora está centrado no Outro, através do processo de Alteridade¹¹ em que o Outro pode se tornar ele mesmo. É o Outro se mostra como ele é através de seu rosto. Pivatto (2001, p. 13) afirma: “A tese central de Lévinas, opondo-se radicalmente, [...], a Heidegger, afirma que a relação ao outro ‘consiste certamente em querer compreendê-lo, mas a relação (da alteridade) excede esta compreensão”.

O outro pode ser visto como possibilidade que é manifestado através do seu rosto que não é em Lévinas, apenas, uma realidade biológica ou física. É ir ao encontro do outro como

⁹ Lévinas ficou conhecido como filósofo do Outro. O Outro é um conceito chave no pensamento de Lévinas, é compreendido por ele como aquele que não pode ser reduzido a um objeto de conhecimento ou assimilado a minha compreensão. O Outro é totalmente distinto do Eu. O Outro é totalmente único e distante do Eu.

¹⁰ A Responsabilidade é um dos conceitos essenciais do pensamento ético de Lévinas. As reflexões de Lévinas sobre a responsabilidade é discutida principalmente na sua obra *Outro modo de ser ou para além da essência*. Para Lévinas a responsabilidade acontece quando o Eu se coloca diante do Outro, portanto, a responsabilidade é uma exigência ética diante do outro que impõe uma ação desinteressada, pensando sempre no bem do outro.

¹¹ Alteridade é um outro conceito central do pensamento de Lévinas. Alteridade na compreensão de Lévinas é uma total diferença do Eu em relação ao Outro. Isso implica em qualquer tentativa de querer assimilar, dominar ou reduzir o Outro ao Mesmo. Com o processo de alteridade rompe-se uma barreira de egoísmo, e passa-se para uma ética da responsabilidade pelo cuidado com o outro.

outro, do homem enquanto homem. E é nesse encontro da face a face que (rosto)¹² é a única possibilidade que o mesmo tem como caminho para aprender a ser.

A filosofia levinasiana existe em mostrar que inevitavelmente há uma separação entre o Eu e o Outro; o resultado disso é mostrar que o Eu¹³ em hipótese alguma poderá reduzir o Outro a uma imagem de si mesmo, como a ontologia acaba realizando, assim como o eu jamais poderá definir o outro, já que ele é infinito, nisso o outro estará sempre fora do alcance do eu. O pensamento de Lévinas está centrado na saída de si para encontrar-se com outro. É colocar-se sempre no lugar do outro a partir dele mesmo, não como um eu, mas como o outro, conforme Poirié (2007, p. 82-83):

Sair de si é ocupar-se do outro, e de seu sofrimento e de sua morte, antes de ocupar-se da sua própria morte. Eu não digo de maneira alguma que isso se faça com alegria de coração, que isso não é nada, nem sobretudo que isso seria uma cura contra o horror ou cansaço de ser ou contra o esforço de ser, uma maneira de distrair-se de si. Eu penso que é a descoberta de fundo de nossa humanidade, a própria descoberta do bem no encontro de outrem – Eu não tenho medo do termo “bem”; a responsabilidade para com o outro é o bem. Isso não é agradável é bem.

Neste caminho do Eu para o Outro abre-se uma possibilidade de diálogo é por meio deste caminho que nasce o conceito de responsabilidade que o Eu deve ter para com outro, mesmo que este Outro não haja da mesma forma com o Eu. O outro clama por ajuda, por meio do rosto, dentro deste contexto, o Eu é quase obrigado a agir diante do clamor do outro, mesmo que ele não necessite de ajuda. O Eu é obrigado a agir de forma recíproca para com o outro. Conforme afirma Calvacanti (2010, p. 60):

De acordo com Levinas, diante da alteridade suplicante do Outro o Eu contrai obrigações que não acarretam a reciprocidade da outra parte. Em suma, as obrigações do Outro não dizem respeito ao Eu. Incumbe ao Eu uma responsabilidade pelo Outro, a qual, por sua vez, não diz respeito de exigir o retorno.

¹² O Rosto é um outro conceito chave do pensamento ético de Lévinas. O rosto não é entendido como um elemento biológico ou físico, mas vai além da realidade fisionômica, é a expressão máxima do chamamento do Outro que interpela o Eu para o cuidado. Como o próprio Lévinas afirma “[...] o modo como o Outro se apresenta, ultrapassando, a ideia do Outro em mim, chamá-lo, de facto, rosto” (Lévinas, 1980, p. 37). Isso se dá pelo encontro da face a face do Eu com o Outro. O Eu se sensibiliza pelo Outro através do rosto que manifesta o apelo do cuidado.

¹³ Na linguagem de Lévinas o Eu pode ser entendido como Mesmo que é, também, uma das palavras-chaves do seu pensamento ético. O Mesmo é o Eu ou o Sujeito que tenta dominar e assimilar o Outro a partir de si mesmo e não do outro. O Mesmo está dentro das críticas que Lévinas faz a tradição filosófica ocidental centrada, apenas, no Eu.

No pensamento ético de Lévinas, a relação do Eu com o outro não é uma relação de causa e efeito. Pois o que ocorre aqui é uma responsabilidade do Eu que se compromete com o outro. Como já fora dito, isso não é uma relação de causa e efeito, pois o Eu não pode obrigar e nem esperar que o outro seja responsável pelo Eu.

Mas poderia se questionar quem é este outro que interpela sempre o Eu? É alguém que pedi um prato de comida, é alguém que grita por socorro, que está doente e necessita de ajuda, de uma visita. O outro é aquele que me interpela um conselho, o outro é sempre alguém que necessita de socorro e de ajuda. Para o pensamento ético de Lévinas, a vida concreta das pessoas se dá nas relações, mas esta não é uma tarefa simples, já que o Eu sempre busca ser dominante diante do Outro.

O pensamento ético de Lévinas mostra que o homem é e deve agir com responsabilidade para com o outro, mas ele também se torna parte do outro que ele também é, é nesse interim que nasce o pensamento de Lévinas no âmbito de que o outro não pode ser visto com uma visão utilitarista para o Eu. Segundo Gan (2014, p.9):

[...] nasce uma filosofia que não está interessada na utilidade do Outro, mas numa relação social desinteressada, no sentido de que ela não busca satisfazer-se, mas simplesmente em compreender a realidade e situar-se no mundo com o Outro.

Essa relação do Eu com o Outro só é possível pela relação do face a face, é pelo rosto que isso acontece. Isso se dá sempre pela abertura do Eu para o Outro. O face a face permite que o Eu deixe de estar no seu mundo isolado e fechado em si mesmo para adentrar no mundo do Outro que lhe é próximo. O rosto é sempre uma impossibilidade de negação do Eu para o Outro, de acordo com Lévinas (1997, p. 61):

O face a face é assim uma impossibilidade de negar, uma negação da negação. A dupla articulação desta fórmula significa concretamente: o “não cometerás homicídios” se inscreve no rosto e constitui sua própria alteridade. A palavra é, portanto, relação entre liberdades que não se limitam nem se negam, mas se afirmam reciprocamente. Elas são transcendentais uma em relação à outra. Nem hostis nem amigáveis; toda inimizade, toda afeição já alteraria o puro cara a cara do interlocutor. O termo respeito pode ser retomado aqui; desde que se sublinhe que a reciprocidade deste respeito não é uma relação indiferente como uma contemplação serena, e que ela não é o resultado, mas a condição da ética. Ela é linguagem, ou seja, responsabilidade. O respeito vincula o homem justo a seu sócio na justiça, antes de vinculá-lo ao homem que reclama justiça. O face a face da linguagem admite, com efeito, uma análise fenomenológica mais radical.

Em Lévinas, a ética se dá neste processo de alteridade em que é o Outro que suscita o pensamento ético. O outro não é o objeto do pensamento da ética, mas é ele que formula a ética e é o elemento essencial da ética levinasiana. Para Lévinas, a ética não é vista como um conjunto de códigos morais, como uma lei, mas é compreendida dentro do viés judaico que é um mandamento travestido de apelo pessoal do outro.

Logo, a ética de Emmanuel Lévinas não é um tema que deve ser apenas estudado, mas é um ato de movimento de si para o outro. É o outro que movimenta e dirige o apelo ético, Gan (2014, p.13) afirma: “[...] A Ética da Alteridade, compreendida nos ditames de Lévinas, acontece no encontro com o Outro e na relação concreta”.

2.7.3 A relação da ética do cuidado com o pensamento moral cristão do cuidado

Apesar de Lévinas não utilizar a expressão cuidado no desenvolvimento de seu pensamento filosófico, o termo pode ajudar a compreender a sua ética da alteridade, que se destina a uma responsabilidade para com o outro. Da mesma forma, a ética do cuidado também enfatiza a responsabilidade e a atenção que o eu deve dedicar ao outro, permitindo que o Eu saia de uma visão egoísta, centrada em si mesmo. O embasamento de Lévinas é sempre o Outro, que interroga o Eu dentro de uma dimensão de responsabilidade que se traduz no chamado ao cuidado que advém de uma lei ou mandamento que interpela o sujeito, Bernardes (2013, p. 83) afirma: “[...] para Lévinas reconhecer a alteridade de outrem é reconhecer uma lei ou mandamento, no sentido daquela responsabilidade bíblico-judaica [...]”.

O pensamento cristão, no que designa à sua moral, traduz-se em cuidado com o outro. É um mandamento categórico o doar-se ao outro ou, numa linguagem cristã ao próximo¹⁴, principalmente o cuidado para com os necessitados e desvalidos. A centralidade da moral cristão está no amor ao próximo, baseado nos ensinamentos do próprio mestre desta crença, Jesus Cristo.

A moral cristã, independente das suas vertentes, baseia-se na compaixão, na caridade, na solidariedade, portanto, no compromisso com o outro, de forma especial com os mais vulneráveis, que, segundo as narrativas bíblicas, são o órfão, a viúva e o pobre. Conforme Brustolin (2006, p.460):

[...]. As religiões, especialmente a cristã, vivem desse cuidado com a vida, em todas as suas dimensões. Jesus de Nazaré definiu sua ação

¹⁴ Da tradição judaica ao pensamento cristão, o conceito de Próximo tornou-se algo amplo como afirma Bento XVI na sua carta encíclica Deus é amor. O próximo é universal, ou seja, qualquer um que se apresente ao eu necessitando de ajuda, é digno de minha responsabilidade e reciprocidade.

no mundo como o Divino Cuidador: 'Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância'(Jo 10,10)' [...].

A ética do cuidado ou do Outro em Lévinas compartilha vários elementos em comum com o pensamento moral cristão. Apesar de as origens, reflexões e os seus fundamentos terem perspectivas diferentes e terem embasamento opostos, ambas valorizam a responsabilidade pelo outro, traduzida pela dimensão do cuidado que se deve ter para com as pessoas.

Percebe-se que tanto a proposta cristã quanto o pensamento ético Levinasiano baseiam-se numa dimensão relacional que o sujeito possui. Essa dimensão relacional parte de uma necessidade do eu de sair de si para encontrar-se com o outro que é diferente de si, para assim poder se autorrealizar.

Como o próprio Jesus nos seus evangelhos, isso pode ser encontrado nos textos de Marcos, Lucas, João e Mateus, textos bíblicos em que os mandamentos são resumidos em apenas dois que fundamentam toda a vida cristã, que é o amor a Deus e ao próximo. Segundo Bernardes (2013, p. 91):

[...] o Reino de Deus que Jesus apresenta é uma realidade comunitária que se consolida na dinâmica do amor recíproco e da vivência de um nós, a partir do reconhecimento de um tu personificado na figura do próximo de quem fala o Evangelho [...].

O homem como ser relacional traduz em si aquela dimensão proposta por Lévinas da responsabilidade que se dá pelo cuidado. É nesta realidade dialógica, de responsabilidade e de cuidado que o homem responde ao seu chamado mais íntimo de ser um ser humano que é direcionado a viver em plena reciprocidade.

O Outro, em Lévinas e no pensamento cristão, é uma lei categórica que apela ao Eu a uma resposta imediata. Ambas vivem uma inversão do poder do sujeito. O Eu só dará significado à sua existência e só conquistará aquilo que tanto deseja, a sua salvação, por meio do trato da alteridade e de quanto amou o próximo, Melo (2003, p. 225) afirma:

[...] O outro é a possibilidade de libertação da opressão da subjetividade enclausurada. Compreender a liberdade e a alteridade supõe que a "Estrutura do estatuto da alteridade tem no outro a sua regra, na ordem do enigma do terceiro; a liberdade é possível porque o outro apela à responsabilidade, porque o mandamento não exige a sua submissão a uma força hostil".

Esta alteridade é vista de forma concreta pelo apelo do rosto do outro que "força" o Eu a sair de si e encontrar-se com outrem. É pelo rosto do outro que se traduz este apelo para o

cuidado em que o Eu é chamado. Pelo rosto, o Eu se insere numa dimensão relacional que envolve todo o seu ser em busca de relação de cuidado, Boff (1999, p. 139) afirma: “[...] O rosto e o olhar lançam sempre uma pro-posta em busca de uma res-posta. Nasce assim a responsabilidade, a obrigatoriedade de dar res-postas [...]”. Ou seja, o nascimento da ética reside nesta responsabilidade diante do rosto do outro que me interpela e me chama para o cuidado.

Percebe-se que as abordagens em questão do pensamento ético demonstram a importância das relações interpessoais derivadas da alteridade e da responsabilidade que o sujeito possui diante do outro. Se a ética da alteridade foca nas relações humanas como critério essencial do cuidado, o pensamento cristão se baseia no dever moral, expresso na condição do amor divino. Ambas as abordagens tecerem críticas ao pensamento individualista excessivo que deixa de lado a dimensão relacional e do cuidado que é parte fundamental da existência do ser humano.

Ambos os pensamentos tratam de uma reflexão e de uma ação na qual a aproximação e a relação com o outrem não podem ser vistas apenas como princípios, mas devem ser vistas como lugar de onde a ética deve e pode ser vista como vocação e sentido da condição da existência humana.

A ética do cuidado em ambos os pensamentos se caracteriza não em um princípio ontológico, mas numa relação mesma do ser humano com a sua exterioridade. É nesta fraternidade do cuidado que o Eu se abre sem reservas para o outro. Isso só é possível por causa da abertura ao outro, Cerviño (2012, p. 71-72) afirma: “[...] o aspecto fundador da fraternidade é a alteridade”.

O Eu, seja do ponto de vista levinasiano, seja na visão cristã, realiza a sua vocação à responsabilidade. Quando isso acontece, ele assume o seu espaço como homem que é interpelado pelo outro por meio do rosto. Dentro da linguagem trazida por Susin, todas as pessoas são messias ou outros Cristos, no sentido de colocar-se sempre no lugar do outro para cuidar dele a partir dele mesmo, sem nenhuma interferência do Eu. O Eu é sempre responsável pelo outro (Cf. Susin, 1984, p. 445-446).

A ética da alteridade e o pensamento moral cristão do cuidado têm uma visão profunda do cuidado, da compaixão, do amor ao próximo derivado da responsabilidade que cada um tem para com o outro. Apesar de seus fundamentos serem diferentes, ambas as abordagens oferecem reflexões contundentes para entender as relações humanas baseadas no respeito e no cuidado com o outro.

O presente capítulo buscou compreender melhor quem é Emmanuel Lévinas e a importância do seu pensamento sobre a alteridade ou a Filosofia do Outro e quais foram as

suas contribuições para o pensamento atual, trazendo as possíveis reflexões e pistas de trabalho para a compreensão do cuidado na visão das igrejas cristãs. Todo o pensamento de Lévinas deixa brechas para que as religiões, em especial o cristianismo, visem uma relação de cuidado para com o outro por meio de sua responsabilidade. Tanto o pensamento levinasiano quanto o pensamento cristão continuam a inspirar reflexões e ações de cuidado, num mundo em que cada vez mais se preza pelo individualismo. É nesta abertura do cuidado para o outrem que o sujeito se realiza como pessoa.

Faz-se necessário analisar de forma detalhada como as igrejas cristãs viram a dimensão do cuidado e como foram trabalhadas durante o contexto da pandemia da Covid-19, em que milhares de pessoas tiveram as suas vidas ceifadas de diversas formas.

3. O cuidado com o outro nas concepções cristãs católica e protestante

Pode-se perceber no pensamento filosófico de Emmanuel Levinas, como foi analisado no capítulo anterior, que o Outro está no centro de suas reflexões e possui uma importância basilar. Da mesma forma, nas reflexões teológicas e ações das Igrejas Católica e Protestante, o outro¹⁵ sempre esteve no centro não somente de suas teologias, mas na vivência prática (ação pastoral) dos seus modos de ser e viver a igreja desde os primórdios. Neto (2015, p. 316) afirma que:

O cuidado praticado entre os membros da comunidade torna-se o distintivo da igreja cristã dos primeiros tempos, a exemplo do que afirma o apóstolo Paulo: 'Cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros. De maneira que, se um membro sofre, todos sofrem com ele; e se um deles é honrado, com ele todos se regozijam' (1Co 12.25s).

No contexto da Sagrada Escritura que norteia a vida das instituições cristãs, principalmente o novo testamento, mostra as ações de Jesus Cristo, “fundador” deste novo modo de viver a fé. Um dos pilares deste cristianismo é o amor ao próximo, tanto que o próprio Jesus nos escritos dos evangelhos afirma que toda a lei e os mandamentos do antigo testamento são resumidos em somente dois, sendo “amar a Deus e ao próximo” (Cf. Mt 22,39).

O amor, no sentido grego, *Ágape* (Deus com o ser humano) e *Filia* (Ser humano com outro ser humano), é traduzido pela dimensão do cuidado, sendo uma responsabilidade que o cristão, independente da sua profissão de fé, tem como princípio de sua crença em Jesus como Deus. O caminho do cristão perpassa pelo cuidado com o próximo, sem esta realidade não existe um caminho seguro que o conduza a Deus. No evangelho segundo Mateus (2019):

[...] eu estava com fome e me destes de comer; eu estava com sede e me destes de beber; eu era estrangeiro e me recebestes em casa; eu estava nu e me vestistes; eu estava doente e cuidastes de mim; eu estava na prisão e fostes me visitar' [...] 'Em verdade eu vos digo, que todas as vezes que fizestes isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizestes! [...] (Mt 22 34, 35-40).

Esta dimensão do cuidado para com o próximo pode ser vista concretamente diante da calamidade mundial da Covid-19, em que milhares de pessoas foram chamadas mais do que nunca a estarem atentas à epifania (manifestação) do rosto do outro que clamou por cuidado.

¹⁵ O Outro de Emmanuel Levinas neste capítulo que inicia será tomado como sinônimo de Próximo. Sendo esta uma linguagem própria das reflexões teológicas das Igrejas Cristãs Católica e Protestante.

Nesse contexto, o Eu tornou-se responsável pelo Outro acamado, o outro que perecia, que não tinha para onde ir, não tinha como se isolar, pois precisava colocar comida em casa, o que estava morando na rua, entre outras formas em que o outro se apresentou ao eu.

Na pandemia, percebe-se, também, que houve uma controvérsia entre o discurso cristão e a sua ação prática por parte de alguns membros das diversas denominações cristãs. O cristianismo sempre pregou a dimensão do cuidado e do olhar para o outro. Porém, essa visão, sendo tão cara e importante para os cristãos, foi colocado em xeque, devido a algumas atitudes advindas de líderes religiosos e de fiéis destas duas principais denominações religiosas no Brasil.

Diante disso, o presente capítulo buscará compreender como é trabalhada a dimensão do cuidado com o outro nas igrejas cristãs católicas e protestantes desde seus primórdios. Isso seguirá a seguinte estrutura metodológica para facilitar a compreensão. No primeiro momento, buscar-se-á compreender a partir da dimensão histórica do catolicismo e protestantismo a dimensão do cuidado propagado por elas; no segundo momento, entender-se-ão as ações do cuidado e, também, de não cuidado e omissões realizadas por ambas no contexto da Covid-19; por fim, se demonstrará as contradições do discurso cristão e das suas práticas no contexto da pandemia.

3.1 A dimensão histórica do cuidado com o próximo no catolicismo e protestantismo

No percurso histórico da igreja, seja a instituição católica apostólica romana, seja o protestantismo, desde os seus primórdios havia a preocupação para com o cuidado com o próximo. Era e continua sendo um elemento basilar da fé e do modo de ação dos adeptos do cristianismo. A fé em Jesus Cristo perpassa pelo amor e cuidado com Deus, consigo e com o próximo. Sem estes elementos, a fé cristã é vazia e destoa dos ensinamentos do mestre Jesus, conforme afirma Benedetti (2017, p. 8):

Na Bíblia, mais precisamente no livro do Evangelho atribuído ao Apóstolo Mateus, constam os chamados “Dez Mandamentos”, as dez regras basilares que devem ser observadas por todo aquele que se considera adepto do catolicismo e suas variáveis. O segundo mandamento, que nos termos da doutrina cristã também é segundo em nível de importância (o primeiro é “amar a Deus sobre todas as coisas”), de antemão, deixa claro qual a posição que a caridade e as ações voluntárias devem ter para seus seguidores: “Amarás teu próximo como a ti mesmo”. O mandamento cristão evidencia que amar a si mesmo é parte da condição humana e estender esse amor aos demais seres humanos é a regra que se impõe e que é expressada com o exercício da caridade.

Desde o antigo testamento, o cuidado com os mais necessitados, principalmente a classe dos estrangeiros, as viúvas, órfãos e os pobres, é a classe preferida de Deus e por isso o ser humano precisa cuidar sobretudo destes necessitados. Isso continua se aplicando no novo testamento, quando o próprio Jesus em suas ações coloca o amor para com o próximo, no centro da sua pregação, assim os cristãos tomando como referência os ensinamentos de Jesus continuaram tentando por em prática a caridade, sobretudo para os mais necessitados. Segundo Santos (2019, p. 6):

O Rosto do Outro evoca a quadriade veterotestamentária “da viúva, do órfão, do estrangeiro e do pobre” como a categoria existencial do Outro violentado pela dominação do Mesmo e pelo seu preconceito, cuja presença já é comunicação de si mesmo e de sua necessidade pela vulnerabilidade da nudez do Rosto que se dá e impõe um discurso e um mandamento indeclinável para o Eu: “Tu não matarás!” A resposta ética que o homem dá a esse mandamento é o caminho que realiza autenticamente a sua humanidade: o cuidado pelo Outro.

No novo testamento, sobretudo nos evangelhos que contêm os ensinamentos de Jesus Cristo, percebe-se que o que está no centro do anúncio de Jesus é o amor a Deus e ao próximo, como já fora explicitado acima. Isso será desdobramento posteriormente após a paixão, morte e ressurreição de Cristo. Segundo os cristãos, principalmente nas comunidades cristãs dos apóstolos de Cristo, sobretudo nas cartas de Paulo, Tiago, João e nos Atos dos Apóstolos, se percebe este cuidado com o próximo.

Na comunidade primitiva dos Atos dos Apóstolos percebe que um dos pilares que norteava a vida dos cristãos era a partilha. O que mais tinha vendia seus bens para partilha e colocava em comum com os mais necessitados (cf. Atos 2, 42-47). Esta partilha baseava-se na vida fraterna tendo como o centro desta opção a pessoa de Jesus, era por causa dele que se buscava dispor os bens para as necessidades da comunidade. De acordo com Gourgues (1990, p. 58):

Há motivo para que se veja nessa partilha a expressão ou a transcrição exterior da união espiritual dos fiéis, que os cinco primeiros capítulos dos Atos acentuam à vontade. Isso se nota claramente, sobretudo, no segundo sumário que, ao começar a falar do pôr em comum os bens, chama a atenção para o fato de que “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (4,32). A comunhão na fé parece chegar naturalmente à comunhão dos bens. Ou, se preferirmos, a relação vertical de abertura a Deus leva à relação horizontal de solidariedade e partilha. A fé constitui, pois, o fundamento da unidade comunitária, que se realiza em dois níveis: da união dos espíritos e do pôr os bens em comum.

Na epístola de Tiago percebe-se que o mandamento do amor ao próximo é o princípio normativo da comunidade cristã primitiva, pelo menos, nas comunidades orientadas por Tiago. É um princípio que demonstra a ação prática da vida cristã que perpassa pela orientação do seguimento a Jesus, como explica Gonzaga (2023, p. 297-298):

[...] o mandamento do “amor ao próximo” pode ser cumprido de variadas formas concretas pelos cristãos, de acordo com o sopesamento das circunstâncias reais verificadas no cotidiano. Através dessa perspectiva, exige-se a ação cristã condizente com práticas que representem situações de “amor ao próximo” na maior intensidade possível.

De forma similar, pode-se pensar nos demais escritos do novo testamento sobre a dimensão do cuidado para com o próximo, é uma norma que perpassa todas as comunidades primitivas alicerçadas sob os apóstolos de Jesus. Pois para seguir Jesus exige-se um desapego de si para viver a fraternidade de filhos e filhas do reino que o próprio Jesus veio anunciar.

3.1.1 A dimensão histórica do cuidado com o outro no catolicismo

O cuidado com o outro praticado pelos membros da igreja nos primeiros séculos estava fundamentado em várias passagens bíblicas do novo testamento. Dentre os cuidados praticados para com o próximo, tinha a solidariedade em situações de emergências, a hospitalidade, as ofertas para as obras sociais e o sepultamento dos corpos, entre outras práticas realizadas pelos membros da igreja. O modo de vida dos cristãos do início da era cristã causava um certo desconforto, mas, ao mesmo tempo, impressionava até aqueles que eram contrários à fé cristã, como no Imperador Juliano (361 a 363 d.C).

No contexto do cristianismo, a palavra cuidado comporta dois significados que são interdependentes: atenção e dedicação ao próximo. Um cristão que cuida do próximo está atento às necessidades, fazendo-se próximo do irmão (irmã). O próprio Jesus explica isso na parábola sobre o bom samaritano. Diante desta parábola, Jesus demonstra a urgência que se tem de ir ao encontro de quem está necessitando de ajuda. Jesus ensina quem de fato é o próximo e o porquê ele necessita de cuidados, como descreve Brustolin (2006, p. 457):

Próximo não é somente aquele que padece ao meu lado, mas aquele do qual me aproximo, porque sua dor me impulsiona a ajudá-lo. Da atenção ao outro nasce o compromisso de solidariedade. Cuidadoso é aquele que coloca atenção no que faz, ele não se distrai e mostra interesse no que acontece. Essa tomada de posição supõe um despertar para perceber a realidade como ela.

Os cristãos se sentiam responsáveis pelos órfãos. Em muitos textos antigos, por exemplo, aos que remetem ao Pastor de Hermas, Justino, Aristides, entre outros, estes textos e autores recomendam a comunidade a cuidar dos órfãos. Pois, segundo eles, a sobrevivência destas pessoas era quase impossível, pois só restavam para eles se quisessem sobreviver a prostituição ou à escravidão. Alguns textos da era patrística evidenciam que algumas vezes as comunidades cristãs pagaram resgates de escravos com os fundos do caixa de “solidariedade”, havia sobretudo o cuidado que a comunidade tinha para com os escravos idosos.

O bispo Cipriano sentia-se responsável pelos prisioneiros, em várias de suas cartas recomendava às suas comunidades que auxiliassem os prisioneiros com alimentos, vestuários, etc. Este gesto de Cipriano motivou outras pessoas cristãs ao gesto de solidarizar-se e auxiliar os prisioneiros, Neto (2015, p. 326) afirma que:

Em relação a esses, ele recomenda, ‘para que nada lhes falte em víveres, vestuário e dinheiro’. O exemplo de Cipriano despertou em muitos a solidariedade em relação aos encarcerados, chegando ao ponto de alguns cristãos venderem sua própria liberdade para, com o dinheiro arrecadado, libertar outros. ‘Deixam-se algemar para que outros possam estar livres [...]’.

Os gestos de solidariedade e cuidado com o próximo não eram somente empregados pelos cristãos para com outros cristãos, mas, também, para com aqueles que não faziam parte da comunidade dos batizados. Ou seja, a preocupação com as pessoas, sejam elas cristãs ou não, fazia parte do pensamento cristão, as comunidades não eram fechadas em si, mas a grande preocupação era com o outro que necessitava de ajuda, como se percebe no relato de Dionísio, Neto (2015, p. 319) afirma: “O bispo Dionísio de Alexandria (falecido em 265) escreve sobre a peste que atingiu sua cidade e relata que os cristãos cuidaram dos doentes sem fazer distinção entre cristãos e não cristãos [...]”.

É evidente que essas atitudes e tantas outras praticadas pelos cristãos católicos ao longo do seu caminho de existência são baseadas nos princípios da fé cristã que estão inseridos, também, nos seus textos sagrados (Cf. Mt 5,44), que fala sobre amar e orar pelos inimigos e perseguidores, assim como a hospitalidade para com os estrangeiros (Cf. Hb 13, 2), etc.

O modo como Jesus agiu não inspirou, somente, os cristãos da era antiga, mas, por exemplo, no contexto do medievo, várias ações de cuidado com o próximo, acamado, enfermo, prisioneiro, necessitado foram realizadas por várias congregações católicas que têm

como carisma o próximo. Algumas estão cuidando do próximo através da educação, outras através dos hospitais, das obras sociais e caritativas. Em muitas destas comunidades religiosas, sobretudo, o outro estava no centro das discussões de Jesus, como ele afirma em seus evangelhos: “o que fizer a um destes meus irmãos, é a mim que o fazes”.

Segundo Mollat (1989, p.17), entre os séculos XII e XIII d.C. surgiu um novo formato sobre a ação caritativa, sobretudo a partir do pensamento e das ações de Francisco de Assis e de Domingos de Gusmão, que são contrários à ideia vigente de que os pobres são as escadas de salvação dos ricos. Os ricos não podem querer auxiliar os pobres e necessitados para somente conquistar a sua salvação, mas devem ajudá-los devido ao princípio de amor ao próximo que gera no cristão um dever moral de auxiliar o próximo, independentemente de suas condições econômicas.

Baseada nos ensinamentos de Jesus, a caridade cristã católica deve ser baseada no ato de amor ao próximo (cf. AG, n.º 19). Segundo a concepção católica, ela se estende sem distinção de raça, condição social ou religião. Se foi através do amor gratuito que Jesus se entregou à humanidade, os cristãos devem mostrar solícitos pela caridade para com todos os homens. Como explica Silva (2006), a caridade é traduzida em solidariedade que gera responsabilidade e deve para com o outro devido à mensagem evangélica que Cristo deixou para os seus adeptos:

[...] solidariedade como sentimento de responsabilidade e dever para com o outro, sentimento que envolve reciprocidade, responsabilidade e dever de um grupo com outro grupo, ou de um indivíduo para com outro indivíduo [...].

No contexto brasileiro católico, as práticas de caridade são evidenciadas pelas confrarias, irmandades e ordens terceiras que tinham a missão de cuidar sobretudo dos desvalidos e necessitados. Todo o trabalho realizado por estas entidades católicas visava o cuidado para com o próximo, conforme era orientado pelo próprio mestre Jesus. Como expõe Souza (2011, p. 4):

Ao se tratar de práticas caritativas católicas neste país, somos remetidos às corporações medievais que na então colônia do século XVII foram chamadas de irmandades, confrarias e ordens terceiras. Entre elas se destacaram as Irmandades da Misericórdia, das quais surgiram em diversas cidades brasileiras as Santas Casas de Misericórdia, hospitais voltados à população mais pobre, e também as Confrarias de Negros, que garantiam sepultamento a escravos e arrecadavam recursos para a obtenção de alforrias [...].

Estes trabalhos caritativos para com o próximo são evidenciados até os dias atuais, através das suas ordens, congregações, irmandades e confrarias, que continuam auxiliando o próximo nos setores da educação, saúde, abrigo, hospitais, presídios e outros departamentos da vida humana. Além dos trabalhos realizados por estes grupos, existem os realizados pelas paróquias, comunidades e dioceses do Brasil que buscam diminuir o sofrimento dos necessitados.

A partir da concepção de caridade cristã católica, percebe-se que o cuidado para com o próximo transcende a concepção de fé, cuidado dos necessitados, independente dele seguir ou não a mesma fé daquele que se ajuda, pois, a caridade é baseada na ideia de amor fraterno. O único critério exigido, segundo os cristãos católicos, para realizar isso, era a vontade de servir o próximo sem buscar nada em troca dele, nem ao menos que ele passe a professar a mesma fé. Nas palavras de Bingemer (1994, p. 301):

Crescer em solidariedade, viver a solidariedade é, portanto, segundo a fé cristã e o ensinamento da Igreja, viver uma ética que leva continuamente ao reconhecimento da dignidade pessoal do outro seja qual for seu estado de vida e condição social em pé de igualdade consigo mesmo e ao compromisso com a vida de todos, particularmente dos pobres e dos inimigos.

Do ponto de vista cristão católico, a ação caritativa e o cuidado para com o próximo advêm da experiência com a pessoa de Jesus que pedi que se cuide uns dos outros, ou seja, o amor a Deus se traduz no amor ao próximo, este amor se traduz na responsabilidade e no cuidado que o cristão deve ter para com o próximo.

3.1.2 A dimensão histórica do cuidado com o outro no protestantismo

Até o século XVI d.C., período em que ocorreu a Reforma Protestante, a igreja no ocidente era considerada uma só. Com isso, os princípios, valores e ações eram as mesmas realizados por toda a igreja católica do ocidente. Inclusive as atividades de caridade para com o próximo.

É com o advento da Reforma que as coisas começaram a se modificar. Com a cisão motivada por Lutero, Calvino e outros, a concepção do cuidado para com o próximo se diferencia, também, devido às concepções teológicas. Queiroz *et al.* (2021, p. 16) afirmam que: “[...] analisam que, ao longo dos anos, igrejas protestantes se tornaram centros de apoio comunitário, oferecendo serviços de assistência social, educação e saúde em muitas regiões carentes”.

A prática de uma ação do cuidado-caridade com o outro ou com o próximo no protestantismo, seja da linha histórica, pentecostal ou neopentecostal, é uma prática que deriva dos ensinamentos de Jesus Cristo que estão contidas nas sagradas escrituras, como já fora vista no tópico anterior sobre o catolicismo. Já que não havia, ainda, uma separação entre igrejas do ocidente. Isso é baseado no princípio basilar do evangelho de Jesus, o qual é o amor a Deus e ao próximo, conforme afirma Lopes (2007, p.20-21).

A missão integral enfatiza de modo claro que a evangelização e a ação social não se separam, tornando necessário pregar Jesus Cristo como Senhor e Salvador de forma verbal e prática, verbal no que diz respeito à palavra de Deus e ao plano salvífico de Jesus, para a restauração, transformação, libertação e cura do homem e da mulher, ou seja, de toda humanidade através do poder do Espírito Santo na vida espiritual e no relacionamento com Deus; e prática no que diz respeito ao testemunho de amor e vida de Jesus, na ação física solidária para com as necessidades dos pobres e marginalizados trazendo restauração, transformação, libertação e cura no viver do próximo dentro da sociedade, através do Espírito Santo no contato pessoal e social. Desta forma, a missão integral reflete o cuidado e os propósitos de Deus pela pessoa como um todo, alcançando as quatro áreas em que Jesus cresceu - sabedoria (aplicação de verdades bíblicas na vida), estatura (atendimento de necessidades físicas), graça diante de Deus (ministério espiritual) e graça diante dos homens (atendimento social), reconhecendo Deus como importante, amoroso e capaz de transformar vidas, igrejas, comunidades e nações, fundamentando-se nos mandamentos bíblicos de Jesus de amar a Deus e ao próximo, demonstrando um estilo de vida de amor desempenhado por igrejas e indivíduos, seguidores de Jesus que demonstram a compaixão de Deus pelo seu próximo.

No período da reforma protestante, tem-se uma nova visão sobre o cuidado-caridade para com o próximo. Essa visão foi baseada nos princípios teológicos, principalmente das fundamentações sobre a teologia da graça¹⁶ e do sacerdócio comum dos fiéis¹⁷.

Por exemplo, Lutero (n. 43-45) afirma que as obras de caridade para com o próximo devem ser uma resposta à graça de Deus. Nas suas noventa e cinco teses, ele afirmava que a necessidade de cuidado dos carentes é melhor do que pagar as indulgências, inclusive o não cuidado com o necessitado em detrimento de pagar as indulgências. O fiel estaria trazendo a ira de Deus, como o próprio afirma.

A teologia da graça protestante afirma que a salvação é dada exclusivamente por Deus, basta que o fiel tenha a fé em Jesus Cristo.

¹⁷ O sacerdócio real dos fiéis afirma que os cristãos são sacerdotes e todos possuem a mesma missão de serem anunciadores do evangelho de Jesus Cristo. Logo, todos os cristãos têm acesso direto a Deus e, com isso, não necessitam de intermediários.

Deve-se ensinar aos cristãos que, dando ao pobre ou emprestando ao necessitado, procedem melhor do que se comprassem indulgências. Ocorre que através da obra de amor cresce o amor e a pessoa se torna melhor, ao passo que com as indulgências ela não se torna melhor, mas apenas mais livre da pena. Deve-se ensinar aos cristãos que quem vê um carente e o negligencia para gastar com indulgências obtém para si não as indulgências do papa, mas a ira de Deus.

Diante disso, ele criou fundos comunitários para a manutenção dos mais necessitados e conseqüentemente realizou críticas ferrenhas à igreja católica por estar usurpando os fiéis em nome da caridade. Em João Calvino, a compreensão se dá pela visão de trabalho, pois para ele é através do trabalho e da prosperidade econômica que as pessoas poderiam auxiliar os mais necessitados em suas necessidades econômicas, corporais e até espirituais. Calvino criou hospitais e escolas que eram financiadas e estavam sob os cuidados da igreja. Conforme Garcia (2015, p. 54-55):

São inúmeras as contribuições de João Calvino no que diz respeito à assistência social. Ele aplicou isso na cidade de Genebra. Criação de um hospital geral; [...] criação de possibilidade de trabalho, luta por salários digno, [...], assistência a invalidez e velhice, etc.

Nos séculos XVII e XVIII existiram dois grupos, os chamados Puritanos e os Pietistas¹⁸. Para aqueles, a fé se desdobrava na prática do cuidado com os pobres, na educação e na justiça social; estes afirmavam que a vida cristã autêntica se dá pela prática da piedade que conduz o próximo a Deus também. Ambas fundaram escolas, orfanatos e vários outros espaços de ajuda ao próximo que mais tarde se tornariam referências de assistência social.

Já nos séculos XVIII e XIX, com o movimento missionário dos protestantes, houve uma grande onda de práticas sociais, sobretudo no cuidado com o próximo. Por exemplo, com John Wesley, fundador da Igreja Metodista, criou uma sociedade de auxílio mútuo, principalmente com os escravizados e os pobres. Nas Américas, quando o mundo protestante adentra nestes territórios, acabam criando escolas, hospitais e vários projetos que beneficiavam os mais necessitados ao redor de onde eles estavam instalados. Desde este período, foram várias ações que o mundo protestante realizou, Guedes *et al* (2021, p. 31) afirmam que:

[...] desde o século XIX, o protestantismo esteve envolvido em movimentos educacionais e assistenciais, fundando escolas, hospitais e instituições de caridade que atendiam às populações marginalizadas. Esses trabalhos acadêmicos revelam o profundo compromisso de muitas denominações protestantes com a

¹⁸Os Puritanos foram um grupo que surgiu na Inglaterra no final do século XVI. Buscavam reformar a Igreja Anglicana, através do afastamento de práticas e doutrinas que consideravam inadequadas. Já os Pietistas são um movimento alemão nascido no fim do século XVII que valorizava as experiências individuais do crente.

transformação social, especialmente em áreas negligenciadas pelo Estado [...].

Atualmente, o cuidado com o próximo continua sendo uma das prioridades das Igrejas protestantes independentes das suas ramificações e orientações teológicas. Pode-se perceber isso através da ajuda humanitária para com os locais em situações de guerras e catástrofes naturais, no combate à pobreza e à desigualdade social. O cuidado com os refugiados e o combate ao tráfico de pessoas. Gonçalves (2011, p. 23) afirma: “[...] muitas igrejas protestantes mantêm prática [caridade] [...], incentivando a contribuição voluntária e o serviço social para com os necessitados [...]”.

A partir do que já foi visto, o cuidado com o próximo no meio protestante foi e continua sendo uma constante no seu desenvolvimento. Isso desde os reformadores do século XVI até as instituições evangélicas atuais. Gonçalves (2011, p. 28) afirma: “[...] [o mundo protestante] enfatiza a importância do serviço ao próximo e da transformação social, baseando-se na ideia de que todos os seres humanos são criados à imagem de Deus (*Imago Dei*) [...]”.

Claro que a ação caritativa protestante para com o próximo possui uma motivação teológica, mas a partir dela percebe-se haver uma preocupação para com os necessitados, isso independentemente de se o cristão faz parte da mesma linha teológica ou não. Através de suas ações, acabam transformando a sociedade na totalidade para o cuidado com o próximo.

Com este tópico, buscou-se evidenciar brevemente o caminho caritativo que as igrejas católicas e protestantes realizaram e possuem no decorrer de suas histórias de existências. Apesar das distinções teológicas, dogmáticas e doutrinárias; no que concerne à dimensão do cuidado para com o próximo, ambas se aproximam, pois elas se baseiam no mandamento supremo de Jesus, o qual é o amor a Deus e ao próximo.

3.2 As ações do cuidado para com o próximo das igrejas cristãs no contexto da covid-19

A pandemia da Covid-19 (Coronavírus) foi uma doença causada pelo vírus SARS-CoV-2. Identificado pela primeira vez, em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. Deste local, o vírus se espalhou por todo o globo terrestre, causando milhares de mortes e deixando várias pessoas com sequelas gravíssimas. Assim, a pandemia da COVID revisitou o colapso não somente do sistema de saúde do mundo inteiro, mas problemas do sistema econômico, social,

político e religioso. Segundo a página online oficial do Ministério da Saúde, no Brasil, o primeiro caso foi diagnosticado em 26 de fevereiro de 2020 (Brasil, 2020).

No contexto da Pandemia da Covid-19, as religiões cristãs, pelo menos no Brasil, foram também um lugar crucial para a tomada de decisões acerca dos rumos de como se enfrentaria o vírus. Os líderes religiosos cristãos, na sua maioria, se posicionaram acerca de como os seus fiéis deveriam se colocar diante deste período. Seja a partir de um posicionamento espiritual, ou por um posicionamento concreto, que desembocaram em práticas de cuidado para com o próximo.

Tanto as igrejas católicas quanto as protestantes promoveram ações de cuidado para com o próximo. Dentro deste contexto, as igrejas tiveram que se reinventar no modo como acompanhar os seus fiéis, dando a assistência necessária para que eles passassem por este momento. No que se refere ao âmbito material, com a ajuda de suprimentos de necessidades básicas, como alimentos, roupas, medicamentos e outras coisas que auxiliassem as pessoas a passarem por este momento de uma forma menos cruel. Tantos sacerdotes quanto religiosos, leigos e pastores, homens e mulheres de diversas expressões cristãs se uniram em prol de uma causa maior, auxiliar os necessitados. Afirma o Papa Francisco, num documento oficial do magistério da igreja, (2020, nº 3) na sua mensagem para o trigésimo nono dia mundial do doente:

A pandemia destacou também a dedicação e generosidade de profissionais de saúde, voluntários, trabalhadores e trabalhadoras, sacerdotes, religiosos e religiosas: com profissionalismo, abnegação, sentido de responsabilidade e amor ao próximo, ajudaram, trataram, confortaram e serviram tantos doentes e os seus familiares. Uma série silenciosa de homens e mulheres que optaram por fixar aqueles rostos, ocupando-se das feridas de pacientes que sentiam como próximo em virtude da pertença comum à família humana.

O presente tópico será desenvolvido da seguinte forma: no primeiro momento, buscasse-a verificar as ações de cuidado para com o próximo da igreja católica; no segundo momento, buscará entender as ações praticadas pelas igrejas protestantes durante a pandemia do Coronavírus. Demonstrando, em ambos os casos, como foi importante o auxílio destas expressões religiosas para tentar amenizar os sofrimentos e as sequelas deixadas pela Covid-19.

3.2.1 As ações da igreja católica no contexto da Covid- 19

A igreja católica no contexto da pandemia teve um papel importante na relação do cuidado com o outro, principalmente na promoção de ações de caridade (solidariedade) e da assistência espiritual, sobretudo as pessoas que foram consideradas as mais vulneráveis.

O sociólogo francês Émile Durkheim desenvolveu uma teoria acerca da integração social. Segundo o autor em questão, a integração social será desenvolvida pelos indivíduos por meio de uma ação solidária que une os membros de um determinado grupo em prol de um bem maior (cf. Durkheim, 1999, p. 21). A teoria de Durkheim ajuda no processo de compreensão de como as instituições religiosas, no caso em questão, a igreja católica, exercem uma função importante na integração dos indivíduos no contexto social, mas sobretudo diante de momentos de crises.

Dentro deste pensamento, a igreja católica atua como lugar de coesão, colaborando contra as ações que desagregam o meio social causada por diversas situações, como, por exemplo, foi o caso do Covid-19 em que as pessoas ficaram impossibilitadas de transitar “livremente” e de cuidar um dos outros sem nenhuma restrição; além de não poder realizar os seus atos litúrgicos com a participação total dos seus adeptos (Cf. Giddens, 1978). Diante deste contexto, houve mudanças das condutas sociais que provocaram a instituição católica a colaborar com novas formas de evangelização, mas sobretudo com novas formas de realizar ações caritativas, no que se refere ao cuidado com o próximo. O que se busca com esta nova forma de evangélica e de cuidado com o próximo foi a preservação da vida de tantas pessoas que poderiam se contaminar e transmitir consequentemente a terceiros levando a morte, como afirma CNBB, na sua página oficial online, (2020) “[...] Todas as normas visam à proteção das pessoas, buscando evitar a contaminação e preservar a vida”.

Diante de tantas situações de cuidado com o próximo desenvolvidas por ONG's, pelo próprio governo, a igreja católica, também, por meios dos seus agentes de pastorais, comunidades, paróquias, dioceses e congregações buscou organizar e distribuir a ajudar aqueles que estão sofrendo não somente do ponto de vista material, mas espiritual e psíquico. Abaixo, será trazida algumas experiências de ajudar ao próximo realizada pela igreja católica em busca de amenizar o sofrimento do outro causado pela pandemia da Covid-19.

Com o crescimento dos casos da Covid-19 no Brasil no início da pandemia, a Pastoral da Saúde da Igreja Católica divulgou algumas recomendações de combate a proliferação a Covid-19. Foram algumas medidas que ajudariam a cuidar do próximo sem colocar a vida de ninguém em risco. Hidaka *et al* (2022) afirmam:

As orientações publicadas pela Pastoral incluíam a suspensão de visitas pastorais em hospitais e residências, o aumento das interações a distância, especialmente com aqueles que são considerados do grupo de risco, precaução e suspensão de reuniões e confraternizações que gerassem aglomeração, estímulo para que outras paróquias e comunidades religiosas promovessem e respeitassem as orientações contra o contágio do vírus, preparação dos ambientes religiosos de forma a seguir as regras prescritas às localidades; promoção da conscientização da população sobre a importância e as formas de prevenção contra o vírus e a determinação de regras quanto ao sacramento da Eucaristia em residências por meio dos ministros.

A CNBB, por meio da Cáritas Brasileira¹⁹, lançou a campanha “Tempo de Cuidar”. O objetivo desta campanha foi de promover uma ação solidária emergencial que uniu as mais de duzentos e setenta circunscrições eclesiais²⁰ da igreja católica do território brasileiro. Na qual promoveram ações de apoio material, emocional e espiritual àqueles que foram afetados pela Covid-19 (cf. CNBB, 2020).

Diversas dioceses, arquidioceses, prelazias, congregações religiosas, paróquias e diversas comunidades católicas se mobilizaram para arrecadar doativos para distribuir entre aquelas pessoas que não podiam sair para trabalhar, por isso não tinham como levar o alimento diário para casa. Mas, também, o auxílio da escuta, pois muitas pessoas dentro deste contexto se sentiram sozinhas devido ao isolamento. Segundo o site oficial da CNBB, a Arquidiocese de Curitiba–PR lançou um serviço de escuta telefônica solidária, criado para ouvir e acolher as pessoas que se sentem sós ou emocionalmente abaladas neste momento de isolamento social (CNBB, 2020).

A igreja católica buscou meio de cuidado não somente dos seus adeptos, mas de todos os que necessitavam de ajuda, pois, conforme afirma Boff, o cuidado é a dimensão fundamental do ser humano, ou seja, é a essência. Diante do cuidado, o sujeito que cuida entra numa relação de reciprocidade, de responsabilidade, de preocupação e de um envolvimento afetivo que o impele a ir ao encontro do outro, como fora visto no primeiro capítulo desta dissertação. Boff (1999, p. 33) afirma: “[...] o cuidado, que se opõe ao descuido e não se encerra em atos pontuais, representa uma atitude de preocupação e de responsabilidade com o outro”.

¹⁹Cáritas é um organismo da Igreja Católica que promove ações de solidariedade para com as pessoas, comunidades e cidades afetadas por guerras, catástrofes naturais ou situações similares, visando uma sociedade mais justa e solidária.

²⁰ Circunscrição eclesial é a organização territorial e administrativa da igreja católica em arquidioceses, dioceses, prelazias cujo objetivo é tornar mais eficaz a ação administrativa da igreja católica.

Neste sentido, a igreja vive em função da relação, seja com o Deus cristão transcendente, seja em relação às pessoas. A sua tarefa é se relacionar, anunciar e evangelizar, tudo isso a partir do seu contato com o outro. Daí, pode-se afirmar que a igreja possui uma responsabilidade intrínseca na dimensão do cuidado com as pessoas. Ela foi chamada sobretudo no contexto da Covid-19 a demonstrar, através das ações do cuidado, a sua marca que a distingue e a caracteriza como local de amor e de ação caritativa. A igreja vai em busca sempre da vida periclitante (Schweitzer, 2001, p. 165–166).

Tanto a igreja católica quanto os seus adeptos, dentro deste contexto, foram convocados a saírem de si, de seus muros e igrejas para irem ao encontro do próximo que clamava por socorro. O rosto do outro, conforme afirma Lévinas, clamava por socorro, impeliu a igreja a ir ao encontro. Diante disso, a igreja se sentia no direito e no dever de responsabilidade para com o próximo, dando assim, a assistência necessária para aqueles que precisavam, seja no campo material, espiritual ou psíquico.

A ação altruísta da igreja estava voltada totalmente para o compadecimento do outro, como afirma Durkheim foram estes atos altruístas que permitiram que a instituição católica e os seus adeptos juntamente com outras tantas pessoas se mantivessem unidas num laço forte e duradouro mesmo diante de tantas perdas causadas pela Covid-19: “[...]. Os homens não podem viver juntos sem que se entendam e, por consequência, sem que façam sacrifícios mútuos, sem que se liguem reciprocamente de uma maneira forte e durável (Durkheim, 1999, p.249). Como o próprio Papa Francisco no documento oficial do magistério da igreja (2020, n.º 32) afirma, diante da tempestade da Covid-19, a igreja não pode se fechar num “eu” isolado que pensa somente em sua imagem, mas a igreja numa pertença comum, sofrendo e se alegrando com tudo aquilo que a sociedade passa (cf. FT).

A igreja católica, por meio de suas ações caritativas-solidarias, neste contexto da Covid-19, reafirmou o seu papel de cuidadora do outro que necessitava de auxílio nos seus diversos âmbitos. Seja por meios das ações concretas: assistência social, apoio espiritual, incentivo ao confinamento, o acolhimento dos mais vulneráveis, através destas ações, a instituição religiosa reafirmou o seu compromisso e responsabilidade para com a dignidade da pessoa humana e cuidado para com o bem comum.

O exemplo do Papa Francisco e de diversas dioceses, paróquias, comunidades religiosas e leigos e leigas que traduziram a sua experiência de fé em gestos de caridade e de serviço foram as respostas da instituição para com o próximo.

3.2.2 As ações do protestantismo na dimensão do cuidado no contexto da Covid-19

Assim como na igreja católica, em que houve várias ações em prol do bem comum e do próximo no contexto da Covid-19. Houve, também, várias ações realizadas pelas comunidades cristãs protestantes, tanto no âmbito material quanto no âmbito espiritual, buscando amenizar o sofrimento por que vários membros de suas comunidades estavam passando, mas também em prol do próximo que não pertencia ao seu grupo religioso.

As comunidades protestantes ao redor do mundo demonstraram um forte compromisso com o cuidado ao próximo, refletindo os valores cristãos de amor, solidariedade e serviço. Essas ações ocorreram em diversas dimensões, desde o apoio espiritual até iniciativas práticas de assistência às populações mais vulneráveis. O cuidado para com o próximo pelos protestantes foi visto, por eles mesmos, como um dever moral que visava sempre o olhar para o necessitado, Silva (2008, p. 51) afirma que:

[...] a prática da assistência deve ser entendida como manifestação de caridade cristã. Ela acaba por ser difundida como um dever moral, uma possibilidade para aquele que pratica a caridade demonstrar perante a sociedade um caráter nobre e bondoso.

Martin Lutero, o fundador da reforma protestante, dentre os seus escritos sobre como deveria ser a nova visão teológica de fé, inclusive nas suas famosas teses, acaba rompendo com a mentalidade teológica da época que vinha do pensamento tradicional escolástico. Assim, ele acaba se debruçando somente nas Sagradas Escrituras como fonte única para desenvolver suas ideias acerca da fé cristã. Kunz (2016, p. 6) afirma: “[...] Os tópicos mais comentados eram a justiça da fé, os méritos de Cristo e a distinção entre a Lei e o Evangelho”.

Diante da conhecida peste bubônica que assolou a Europa em 1527, vitimando milhares de pessoas, Lutero escreveu uma carta de conselho pastoral, intitulada de “Se alguém pode fugir de uma praga mortal”. Ele afirma que o cristão é chamado e possui o dever de cuidar do próximo, assim como é dos órgãos públicos competentes. O próprio Lutero afirma a importância do cuidado consigo para evitar a contaminação para outras pessoas, mas sem deixar de auxiliar os necessitados. Como registra Lutero (2020, p. 16):

Pedirei a Deus para, misericordiosamente, proteger-nos. Então farei vapor, ajudarei a purificar o ar, a administrar remédios e a tomá-los. Evitarei lugares e pessoas onde minha presença não é necessária para não ficar contaminado e, assim, porventura infligir e poluir outros e, portanto, causar a morte como resultado da minha negligência. Se Deus quiser me levar, ele certamente me levará e eu terei feito o que ele esperava de mim e, portanto, não sou responsável pela minha própria morte ou pela morte de outros. Se meu próximo precisar de mim, não evitarei o lugar ou a pessoa, mas irei livremente conforme declarado acima. Veja que essa é uma

fé que teme a Deus, porque não é ousada nem insensata e não tenta a Deus.

Fazendo as transposições com as devidas ressalvas do contexto em que Lutero viveu, percebe-se que diversos segmentos do meio protestante foram convocados a cuidarem dos necessitados e das vítimas da Covid-19. Foram inúmeras ações realizadas que buscaram auxiliar os doentes, os idosos, os que estavam isolados, os que passavam fome. Os cristãos foram convocados a cuidar uns dos outros, principalmente dos mais vulneráveis.

Muitas igrejas protestantes, por exemplo, as igrejas batistas, metodistas, presbiterianas, a universal do Reino de Deus, a internacional da graça, entre tantas outras, desempenharam um papel importante no cuidado para com o próximo, de forma que mobilizaram os seus fiéis e as suas comunidades em busca de superar ou pelo menos amenizar os desafios sociais gerados pelo isolamento, principalmente o *lockdown*, os desafios espirituais já que não se poderia ter encontros ou cultos de forma física e com abundância de pessoas.

Houve campanhas de doações de alimentos, remédios, produtos de higiene pessoal, roupas, além da assistência emocional e aconselhamento que muitas destas igrejas realizaram por meio das plataformas digitais. Assim também como na igreja católica, houve várias discussões sobre a questão da vacinação, que será tratada no próximo tópico. Mas houve, ao mesmo tempo, aqueles líderes das igrejas protestantes que incentivaram os seus fiéis a se vacinarem. Estas ações foram a forma encontrada pelos líderes e comunidades evangélicas para reforçar o compromisso e a responsabilidade pelo outro, ou seja, promovendo uma responsabilidade cristã em prol do bem comum. Diante das ações realizadas, o mundo evangélico demonstrou o seu compromisso baseado nos valores cristãos.

As igrejas evangélicas ofereceram várias ações e atividades que buscavam auxiliar os mais necessitados, como já foi explicitado alguns casos acima. Além disso, ofertaram diversos trabalhos assistenciais para as mulheres que foram vítimas de formas mais contundentes de violência doméstica, trabalhos com os idosos, dependentes das drogas, além das pessoas em situação de rua, prisional.

O caso da IURD²¹ que realizou diversas ações em prol dos jovens e dos necessitados, conforme Reis apud Scheliga afirma:

No caso de atividades de assistência da IURD que observei, o uso de máscara era incentivado. As fotografias divulgadas nas mídias sociais da igreja no período costumavam mostrar fiéis voluntários utilizando máscaras e obedecendo a algum distanciamento social.

Imprescindivelmente, também vestiam camisas ou coletes que faziam referência à IURD e ao projeto denominacional específico do qual a ação fazia parte (Unisocial, Força Jovem Universal etc.), de modo a demonstrar publicamente que, apesar dos templos fechados, igreja e fiéis continuavam contribuindo para a realização da obra de Deus.

Estas igrejas demonstraram com suas ações uma empatia profunda que só foi possível devido ao modo como elas enxergavam o mundo. O perigo comum à Covid-19 evidenciou para as igrejas protestantes a necessidade de promover ações comuns. Sem este sentimento comum e sem este senso de responsabilidade, o drama trazido pelo coronavírus poderia ter sido, ainda, maior. Reis (2020) afirma: “A Igreja Batista Nazareth colocou a mão na massa! O Departamento de Serviço da igreja monitora os membros que enfrentam maiores dificuldades materiais e, dentro do possível, supre essas necessidades”.

A pandemia permitiu as diversas instituições, inclusive as igrejas evangélicas, a abrirem para novas formas de evangelização e de ajuda mútua, Passos (2021, p. 85) diz:

A pandemia abriu novos horizontes de percepções e valores para todos ou, ao menos, para os que estão dispostos a ver, discernir e aprender com os fatos. Os que vivem fechados nas próprias ideias – preconceitos – não se abrem a essa dinâmica, não aprendem. Esses ensinamentos podem não ser duradouros; serem não mais que sentimentos e percepções de um tempo de crise.

As igrejas pentecostais e neopentecostais, com as devidas exceções, têm a caridade e a assistência ao próximo como valores intrínsecos a suas experiências de fé, demonstrando que apesar das situações proporcionadas pela Covid-19, elas deveriam criar meios de subsistência além da busca do bem-estar emocional e espiritual (cf. Ferreira, 2024).

Como o pastor Alex Moreno, pastor da Igreja do Povo, que afirma a importância de atender as famílias, sobretudo neste tempo que foi a pandemia. Foi o momento crucial para os cristãos revisitarem o modo de suas ações em prol de um mundo melhor baseado nos fundamentos da fé em Jesus. Segundo Moro (2021):

[...] a Igreja precisou em algum momento se reposicionar diante do seu papel, “até porque se a Igreja não cumpre o seu papel fazendo a diferença na vida das pessoas que a rodeiam, ela não cumpre aquilo que Jesus nos outorgou a fazer [...]”.

Outra ação realizada foi pela igreja Assembleia de Deus Bom Refugio, que possui um projeto chamado Semear. Com o projeto Caixa do Bem, várias famílias foram beneficiadas. Estas caixas espalhadas por condomínios, supermercados, famílias e outros lugares tinham o intuito de arrecadar doativos para cuidar de tantas famílias necessitadas, afirma o

representante legal da Assembleia Boanerges Figueiredo numa entrevista (cf. Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, 2021).

Mediante alguns exemplos de ações citados no decorrer deste tópico sobre a igreja protestante no Brasil, percebe-se que as ações destacaram a relação da fé destes adeptos ao trabalho do cuidado com o próximo.

As iniciativas das igrejas protestantes não somente aliviaram o sofrimento das pessoas que pertencem ao grupo de fé, mas alcançaram várias pessoas demonstrando, assim, o papel destas comunidades religiosas como agentes de transformação social e religiosa em um contexto de total desespero humano e de crise. Através do cuidado para com o próximo, os protestantes demonstraram que, através da fé, pode-se ajudar muitas pessoas, não ficando somente no âmbito espiritual.

Este tópico busca evidenciar, com alguns exemplos, a importância das igrejas cristãs, sobretudo a católica e a protestante, nas diversas ações realizadas por elas que buscaram amenizar os sofrimentos causados devido à Covid-19. Estas ações se basearam numa visão de caridade e de responsabilidade, sobretudo dos desamparados e os que mais sofreram com o Coronavírus.

Por outro lado, houve algumas discordâncias entre as ações e alguns discursos realizados por líderes destas religiões que remaram contra as posições do ministério da saúde e das declarações da Organização Mundial da Saúde. Neste ínterim, foi gerado um choque entre aquilo que as instituições pregam e as suas ações em favor dos desvalidos da Covid-19.

3.3 As contradições dos discursos cristãos e de suas práticas no contexto da pandemia

No contexto da Pandemia da Covid-19, as religiões cristãs, pelo menos no Brasil, foram um lugar crucial para a tomada de decisões acerca dos rumos de como se enfrentaria o vírus. Os líderes religiosos cristãos, na sua maioria, se posicionaram acerca de como os seus fiéis deveriam se colocar diante deste período. Seja a partir de um posicionamento espiritual, ou por um posicionamento concreto, que desembocaram em práticas partidaristas e até ideológicas.

Muitos foram os questionamentos que se realizaram acerca da Covid-19. O primeiro grande problema foi o slogan: “Fiquem em casa!” Isso colocou em xeque o posicionamento dos líderes católicos e protestantes. Com isso, percebeu-se que se misturaram-se religião e partido político. Utilizaram-se da religião para expressar os seus posicionamentos partidaristas e ideológicos.

Em consequência daquele problema, surgiu um segundo ponto de conflito que a religião travou e que acabou entrando em choque com a sociedade: as igrejas deveriam ficar fechadas. Somente as atividades essenciais poderiam atender às pessoas. Todos foram obrigados a se resguardarem e, conseqüentemente, nesse ato deveriam cuidar do outro. Mas muitos acabaram questionando este isolamento social e o que seria concebido como somente atividades essenciais.

Outro ponto de conflito com os líderes cristãos se deu com o surgimento das vacinas. Várias teorias negacionistas, inclusive criadas por grupos de líderes religiosos católicos e protestantes, afirmaram que a vacina iria causar problemas maiores nas pessoas e os seus líderes “exigiram” de seus adeptos que não tomassem a vacina, principalmente os líderes ligados ao posicionamento político do então Presidente da República. Passando a colocar em xeque as evidências científicas, utilizando-se de argumentos ofensivos para com os cientistas e pessoas que buscavam um meio para combater o Coronavírus, conforme Morel (2021, p. 4):

[...] passaram a desqualificar e agredir os cientistas e o discurso científico, sem necessariamente argumentar de fato sobre a dúvida gerada. Logo, apresentaram uma narrativa que se encaixava em valores compartilhados por determinados grupos, em sua maioria conservadores [o termo correto seria fundamentalista que é diferente de conservadores]. Assim se tornaram comuns as narrativas que defendem a ideia de que os leitos de hospitais vazios, os laudos falsos e os caixões enterrados sem ninguém fariam parte de uma conspiração política para destruir governos de extrema-direita.

No contexto da Covid-19, parece que houve uma dualidade que partiu de vários líderes religiosos no que se refere à dimensão do cuidado do outro. Que conseqüentemente gerenciou uma disputa político-partidária (Conservadores e Progressistas).

Até o prezado momento, o texto vem sendo dissertado sobre o como as igrejas cristãs buscaram dentro de suas ações cuidar do próximo no contexto da Covid-19, no valor supremo baseado nos valores cristãos, o amor ao próximo. Nos tópicos anteriores, tentou-se descrever como isso foi realizado pelas igrejas cristãs católica e protestante, porém, no decorrer da pandemia da Covid-19, ficou muito claro que houve incongruências entre o discurso, partindo de vários líderes cristãos, e as suas ações de cuidado.

Estes discursos estavam colocando em xeque as ações do cuidado e da manutenção da vida de milhares de pessoas. Muitos líderes religiosos, como, por exemplo, padres, pastores, bispos e leigos e leigas das diversas igrejas cristãs, se posicionaram contrário às ações emitidas pelos organismos de saúde do Brasil. Houve, dentro deste contexto religioso, diversas explicações sobre as causas que trouxeram a Covid-19, muitas destas afirmações

advindas de teorias mágicas e punitivas do castigo do Deus cristão contra as diversas blasfêmias do povo, nas palavras de Leão (2022):

No contexto da pandemia, [...]. Foram dadas explicações mágico-religiosas sobre a origem da pandemia, trazendo, como causa raiz desse sofrimento, a punição divina, decorrente da descrença e blasfêmia humanas.

Mediante aos discursos contrários as normas de saúde e de cuidado, muitos católicos de linha mais conservadora e carismática foram contrárias as medidas de proteção, como, também, protestantes, principalmente vindo da linha neopentecostal que colocaram em discussão como já foi citado acima, se as igrejas seriam consideradas atividades essenciais e por isso deveriam ser mantidas abertas, Leão (2023) afirma: “muitos desses grupos defenderam a manutenção do funcionamento de templos religiosos durante a pandemia, sob o argumento da importância do serviço social-psicológico, simbólico das igrejas, [...]”.

Os protestantes evangélicos apoiaram de forma explícita, por meio de seus pastores, as ações do governo presidencial da época que era contra as medidas de proteção. O jargão apresentado pelo presidente da república da época deixa isso bem claro: “A Covid-19 é uma gripinha”. A partir destas e de outras afirmações, perceberam que o cuidado com o próximo não foi colocado como um valor central que necessitava ser colocado em primeiro lugar.

No percurso da pandemia tiveram muitas falas e atos públicos do poder político nacional apoiado pelas redes do “conservadorismo” brasileiro, partindo da bancada evangélica e de grupos dos católicos de linha conservadora e carismática, mostrou que a alta mortalidade no Brasil só não foi evitada pela falta de responsabilidade do governo federal e do apoio destes líderes religiosos que prestaram um culto à morte, a violência, ao desrespeito as medidas de proteção, Giovanella (2020) afirma:

Os impactos da pandemia e o rumo que ela tomou no Brasil estão inter-relacionados desde o viés político até o âmbito religioso. As *Fake News*, os negacionismos e a utilização do nome de Deus nos discursos contrários às medidas de proteção são evidências claras de uma visão de mundo contrária ao cuidado com o próximo (cf. Dias e Nobre, 2021).

Diante do que foi exposto, o presente tópico buscará num primeiro momento demonstrar os discursos contraditórios dos cristãos católicos; no segundo momento será evidenciado os discursos dos cristãos protestantes, principalmente dos líderes religiosos da linha neopentecostal que foram os mais evidenciados diante deste contexto; por fim, se mostrará como estes discursos colocaram em xeque o valor absoluto do cristianismo que é o amor traduzido no cuidado com o outro.

3.3.1 As contradições do discurso cristão católico

No âmbito do catolicismo, no contexto da Covid-19, houve diversas situações que fizeram a sociedade questionar qual de fato foi a posição da igreja acerca da pandemia. Por um lado, houve membros da igreja que se colocaram numa posição de ajuda ao próximo por diversos caminhos, como no caso, também, dos pronunciamentos (eletrônico) oficiais da igreja por meio da sua conferência nacional dos bispos (CNBB) .

Conforme Silveira (2008), com a diminuição de católicos de linha progressista, a Renovação Carismática Católica passou a ser considerada uma das maiores expressões do catolicismo, introduzindo no seu pensamento um teor conservador no seu posicionamento intelectual, espiritual e da ação. Desta linha carismática e da ala conservadora da igreja brotaram vários discursos contrários às medidas que buscavam amenizar o número de mortos causado pela Covid-19.

Tanto na doutrina como na moral católica, a pauta que rege o pensamento e a vivência dos fiéis católicos é a dimensão da promoção da vida. A vida se sobressai sobre qualquer decisão e argumento cristão. A defesa da vida, prática nos meios de comunicação sociais durante a pandemia, foi colocada em xeque pelos mesmos grupos que foram contrários às medidas que buscavam resguardar a vida.

Por outro lado, ouve, também, vários pronunciamentos de membros da igreja seja por meio de seus líderes (padres) como de leigos através dos diversos canais de comunicação midiática que se posicionaram contra as medidas de proteção promulgadas pelas autoridades sanitárias no modo como deveria combater a propagação da Covid-19, através do isolamento social que deveria ser realizado por todas as pessoas e estabelecimentos, fechamento inclusive das igrejas, Bandeira e Carranza (2020, p. 190) afirmam que:

No cenário confuso de choques entre as orientações presidenciais, as dos governadores e prefeitos e as da OMS, lideranças religiosas, algumas delas católicas, embora não os oficiais, se alinharam ao Presidente Jair Bolsonaro, sobretudo quanto à interrupção dos serviços e o fechamento dos templos como forma de colaboração com as medidas de isolamento.

Foram diversos discursos nos meios digitais de influenciadores católicos, a maioria vinda da ala mais conservadora e carismática da igreja, eles se utilizavam destes meios para defender publicamente o relaxamento das medidas de proteção, sobretudo as que limitavam a participação das pessoas nas missas e serviços pastorais católico, além da negação do uso da vacina.

Para isso, este grupo utilizou o argumento do princípio da liberdade religiosa e da liberdade de expressão, por meio disso foram utilizados para justificar as medidas de restrição que estavam sendo utilizadas. Havia um argumento da necessidade de as igrejas estarem abertas, pois elas auxiliariam as pessoas a passarem por este momento de forma menos sofrida, por isso, ela deveria ser entidade como um serviço social (Carranza, 2020). A igreja estaria dando uma assistência social e espiritual.

O segmento dos cristãos católicos da linha conservadora causou uma fissura nas posturas em relação às medidas de combate à pandemia. Eles se utilizavam de vídeos, textos, áudios compartilhados pelas redes sociais como o Instagram, Facebook, WhatsApp, X, YouTube e outros meios para disseminar o posicionamento contrário às medidas, incluindo até notícias falsas sobre a pandemia. Pode-se citar os seguintes argumentos.

Houve grupos de alas carismáticas e conservadoras da igreja católica que afirmavam que pandemia, na verdade, é “a limpeza” que Deus está fazendo num mundo depravado que perdeu o sentido da fé em Deus. Os fiéis precisariam se humilhar diante de Deus para que ele pudesse curar o mundo dos males da Covid-19. Para estes grupos, a pandemia é vista no viés punitivo de Deus contra todas as aberrações realizadas pelos homens, conforme afirmam Sarto *et al* (2022):

[...] algumas mensagens traziam interpretações sobre a pandemia como uma justa punição lançada sobre a Terra em virtude dos “afrontamentos a Deus”, tendo como exemplo as representações de um “Jesus negro” no desfile da escola de samba da Mangueira, no carnaval de 2020, no Rio de Janeiro ou, ainda, das sátiras ao cristianismo feitas pela equipe de humor do programa “Porta dos Fundos”. Nesse caso, a dimensão conservadora político-religiosa se apresentava nas mensagens analisadas a partir de uma proposta de que, diante da maldição do coronavírus, o povo de Deus precisaria se humilhar e se converter aos caminhos de Jesus para que assim Ele pudesse curar a Terra. Dessa maneira, observou-se, dentro do cenário da Pandemia da COVID-19 e da crise política, o apoio mútuo entre o presidente e setores evangélicos e católicos.

Foi compartilhado um vídeo do canal católico oficial, onde se tinha vários jovens pedindo aos bispos o relaxamento das medidas, pois eles queriam receber a eucaristia, já que estavam impedidos de participarem da missa, por precaução, daí o slogan “devolvam-nos a eucaristia!” Ou “devolvam-nos a missa!”

Queridos bispos do Brasil, sabemos que são tempos difíceis, mas nós temos um pedido: por favor, nos devolvam a santa missa. Já começou a ser permitido a abertura de pequenas lojas. As lojas que vendem produtos básicos estiveram abertas durante todo o período de

confinamento. O que pode ser mais importante e essencial para nós do que a santa missa? O Papa Francisco disse: a igreja é concreta, não pode permanecer virtual. Por favor, nos devolvam a santa missa (Nos Devolvam a Santa Missa [S.I.]: Youtube, 2020).

Utilizando-se da fala desconexa do Papa Francisco, este canal buscou “sensibilizar” os bispos para que reabrissem as igrejas para as atividades religiosas. Com isso, esta campanha fazia supor que eram os bispos os responsáveis pelo fechamento dos templos. Quando pedem que os devolvam, é como se estivessem afirmando que foram os bispos que retiraram a missa. Eles estavam responsabilizando os bispos pelo que estava acontecendo. Porém, se viu que os bispos estavam, somente, cumprindo as ordens das autoridades sanitárias que visam o bem comum e o bem do próximo. Silva; Silveira (2020, p. 202) afirma: “[...] fiéis, de um lado, expressavam desejo de reabertura dos templos, contrariando recomendações sanitárias, políticas e eclesiais [...]”.

Outro grupo exigia aos bispos que abrissem as igrejas, pois seriam serviços necessários para a manutenção da sociedade neste contexto. Este grupo na rede social afirmava que a morte da igreja estava sendo decretada, já que ela estava sendo vivenciada, somente, no âmbito virtual. Silva; Silveira apud Frates In Unum (2020, p. 202) afirmam:

É indissimulável o sentimento de vazio no coração dos católicos por uma Páscoa incompleta, distante do Santo Sacrifício da Missa, distante do sacramento da Comunhão, distante da confissão... A retórica dos bispos e dos padres – “assistam à missa pelas redes sociais” – tornou a situação ainda mais dolorosa, pois é de conhecimento comum entre os fiéis que nada supre a assistência direta dos sacramentos. Simplesmente parece que a Páscoa não aconteceu! A Igreja nunca esteve tão subserviente aos governos seculares, tanto da ONU quanto dos governos locais. A mínima insinuação da conveniência do isolamento, toda a estrutura eclesial se trancou em uníssono, deixando os fiéis do lado de fora. Os padres obedecem aos bispos e os bispos se aconchavam segundo suas próprias articulações internas, e o povo só assiste, atônito, gritando de fome. E criou-se um precedente ainda pior: se um vírus é o bastante para fechar de maneira indiscriminada as Igrejas e interromper o culto público, então, já não haverá mais legitimidade, de agora em diante, para nunca mais acontecer nenhuma reunião de fiéis, visto que existem e existirão milhões de vírus em circulação, de menor ou maior letalidade, e todos somos vetores. De forma subliminar, o clero católico cometeu o mais absurdo “eclesiocídio”, auto relegando-se à perpétua clandestinidade.

A retórica utilizada por este grupo coloca a culpa nos bispos e padres no que se refere ao fechamento das igrejas, os impedindo de receber os sacramentos, sobretudo a eucaristia. A igreja se acovardou, se unindo à ONU e aos governos locais, impedindo os fiéis de

praticarem a sua fé. Acabam justificando que houve e haverá vários vírus circulando, toda vez que isso acontecer, se fecharam as igrejas.

Outro posicionamento vem de um padre católico pertencente a uma comunidade de vida que possui uma enorme influência nos meios de comunicação, sobretudo entre a renovação carismática católica, a Canção Nova. Com este argumento, o padre está colocando em xeque a eficácia da vacina que tinha o intuito de salvar e imunizar as pessoas contra o vírus. Com o seu discurso, diversos fiéis o escutando poderiam ter tomado a decisão de não se vacinar, como várias pessoas fizeram ao escutar o discurso deste ou de outros líderes e canais católicos que foram contra a vacinação. Em uma missa, o padre Elenildo diz:

Cuidado, é só a capa. Só a capa. Eu não estou dizendo que sou contra a vacina, não sou. Desde que passe por todos os testes possíveis e imagináveis, em todas as fases, com comprovação científica. Aí sim, eu tomarei. Mas enquanto não houver comprovação científica, padre Elenildo não tomará (Brasil de Fato, 2021)

Apesar do recorte que foi feito com alguns exemplos dentro dos diversos que foram registrados, ao longo da pandemia, sobre o discurso católico contrário às medidas de restrição, todos eles possuem um argumento central: se utilizaram do argumento da defesa de liberdade religiosa. Além disso, estes grupos ou movimentos acreditavam que as restrições impostas feriam o direito dos fiéis a se aproximarem dos sacramentos.

A Constituição Brasileira de 1988 considerada uma das cartas mais avançadas sobre os direitos e os deveres que todo cidadão deve ter e realizar. Esta carta afirma que a pessoa humana possui uma dignidade que é inviolável, inclusive toda pessoa possui uma liberdade que a permiti escolher o que quiser fazer e ser, sem interferências de terceiros. Quando trata da liberdade religiosa, é mencionado no artigo quinto, incisos VI, VII e VIII da constituição a liberdade que qualquer pessoa possui de ter e professa uma crença religiosa ou de não querer professar também uma fé. Segundo Benedetti, Trindade (2009, p. 5):

O principal fundamento para a existência e defesa da liberdade religiosa está no princípio da dignidade da pessoa humana que, em suma, garante a integridade física e moral da pessoa, de modo a protegê-la de torturas, ofensas e humilhações, bem como o desenvolvimento de sua personalidade, culminando na realização de todos os direitos fundamentais. Em sentido estrito refere-se à pessoa, e em sentido amplo, à coletividade.

Apesar dos argumentos da CNBB favoráveis às medidas de proteção, os grupos considerados conservadores possuem um papel de disfunção de notícias, conseguindo

abarcam e conduzir diversos fiéis a aderirem aos seus posicionamentos. Os conservadores acabaram comungando de forma ideológica dos argumentos e orientações do governo federal da época. Ratificando as medidas de proteção e de amparo social e espiritual.

Portanto, o discurso subjetivo de alguns grupos do catolicismo buscou-se se afirmar em detrimento da ciência, Sarto *et al* (2022): [...] “verdades postuladas pelas ciências e as instâncias de autoridade [...]”. Os discursos destes grupos católicos descaracterizam todo o posicionamento médico e consequentemente o próprio valor defendido pela instituição, sendo a vida.

3.3.2 As contradições do discurso cristão protestante

Assim como no meio católico, houve, também, no ambiente protestante uma disparidade entre a prática do cuidado com o outro no contexto da pandemia da Covid-19 e o seu discurso contrário às medidas de proteção promulgadas pelos organismos sanitários. Houve diversos discursos minimizando a pandemia, desde aqueles que afirmavam que a pandemia não passava de um castigo divino até aqueles que afirmavam que não necessitava usar máscara e se vacinar, pois Deus estaria protegendo os seus escolhidos. A maioria destes discursos veio de pastores, principalmente daqueles que vem da linha neopentecostal oriundo dos meios midiáticos. De acordo com Leão (2023):

[...]. Não por acaso, o meio evangélico foi identificado como espaço de grande circulação das fakenews, principalmente sobre desconfianças na ciência e circulação de notícias pseudo-verdadeiras sobre o enfrentamento da pandemia de covid-19.

Dentro deste contexto, essa visão cristã mobilizou diversas interpretações que desembocaram em determinadas ações contrárias às medidas tomadas no geral. Desde explicações “mágico-religiosas” sobre o porquê da pandemia até as explicações sanitárias falsas. Tudo isso levou a várias pessoas a desacreditarem das medidas que poderiam ter evitado diversas mortes.

O que mais chamou a atenção foi a postura de várias igrejas neopentecostais que propuseram uma narrativa contrária, minimizando a pandemia. Os seus discursos foram endossados pelo discurso do presidente do governo federal, que foi contra as medidas, sobretudo o *Lockdown*. As autoridades religiosas foram contrárias ao fechamento das igrejas e por isso continuaram com os seus cultos contando com milhares de pessoas.

Os pastores midiáticos, como, por exemplo, Edir Macedo fundador da IURD (Igreja Universal do Reino de Deus), Silas Malafaia (Assembleia de Deus), R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus) Valdomiro Santiago (Igreja Mundial do Poder de Deus), entre outros pastores do meio midiático foram cruciais para a banalização das medidas sanitárias, Carletti; Nobre (2021, p. 308) afirma: “[...] circularam mensagens em seus blogs e redes sociais convocando seus seguidores a não temerem o vírus, pois Deus protegeria quem tem fé [...]”. Ou seja, para eles, fechar as igrejas seria falta de confiança e de fé em Deus.

O pastor Silas Malafaia (2020), em um dos seus discursos (eletrônico) sobre o isolamento social, diz:

Se dependesse dessas quarentenas aí, sei lá, se dependesse disso aí era para no Brasil “ter” morrido milhares e centenas e centenas de centenas de milhares de pessoas. Tudo de araque, tudo de araque, que até hoje “tá” tudo cheio, tudo lotado, ônibus lotado, tudo aí. Ninguém tem distanciamento, o distanciamento só vale para a igreja, só vale para a religião; e em 00:03:35 - Máscaras só se utilizaram a partir de 15 de maio de 2020 e outra nas comunidades carentes não “teve” comércio fechado, não “teve” distanciamento, não “teve” máscaras, só no Rio de Janeiro tem mais de três milhões de pessoas vivendo em comunidades carentes [...].

Silas Malafaia, em um dos seus discursos pela plataforma do YouTube, afirmou que as medidas protetivas eram feitas somente para as igrejas, porém os outros lugares não tinham nenhum tipo de isolamento ou de medidas restritivas. Para o pastor, esta ação é uma seletividade que busca perseguir a religião e demonstra a ineficiência da quarentena e da utilização da máscara.

Outro pastor que teve atitudes similares foi Valdomiro Santiago que por meio de seu programa na TV (2020):

Você vai semear essa semente; ela vai nascer e na planta que nascer vai estar escrito “Sê tu uma bênção”. “Mas isso é enganar?” “Não. Você é que tá enganado”. Cê viu? Na última reunião de bispos e pastores [...] um laudo médico... gente curada de coronavírus em... em estado terminal, né? Podemos dizer assim. Gravíssimo. E Deus operou e fez maravilha; e tá ali o exame para quem quiser [...] O propósito que eu vou fazer é de R\$1.000,00 para cada um. E muitos que estão me assistindo também vão fazer de R\$1.000,00. E outros vão fazer de R\$500,00. E finalmente outros vão fazer de 200, de 200... E até de R\$100,00.

O Pastor Valdomiro fez este pronunciamento em maio de 2020, no canal de sua igreja, TV Mundial. Segundo ele, uma suposta semente milagrosa iria curar as pessoas da Covid-19, sobretudo as pessoas que estavam em estado gravíssimo,

bastariam comprar e comer. Ou seja, ele estava apresentando um suposto antídoto contra o Coronavírus. Este foi, somente, um dos diversos discursos proferidos por ele que coloca em xeque o cuidado com o próximo.

Por sua vez, Edir Macedo (2020), por meio do seu programa (TV) Palavra Amiga em março, afirma que:

(...) Minha amiga e meu amigo, não se preocupe com o coronavírus, porque essa é a tática ou mais uma tática de Satanás. Satanás trabalha com medo, com (o) pavor. Satanás trabalha com a dúvida. Satanás apavora as pessoas. E quando as pessoas ficam com medo, quando as pessoas ficam em dúvida, as pessoas ficam fracas, ficam débeis e susceptíveis a qualquer ventinho que tiver... é uma gripe, é uma pneumonia pra ela (...).

O bispo Edir Macedo atribui a pandemia a uma tática de satanás que busca por medo nas pessoas. Essa fala é bem característica do pensamento do fundador da IURD. A regra de ouro de sua igreja é a tática de satanás que deve ser derrubada por Deus, por isso o povo não deve ter medo do coronavírus. O mais impressionante do discurso dele é a comparação do Coronavírus com uma gripe.

Outra figura do meio neopentecostal foi R. R. Soares, que em abril de 2020 publicou em suas redes sociais a oração do comando que, segundo ele, tinha o poder de expulsar o Coronavírus do corpo das pessoas que a adquiriram. Soares (2024) afirma: “Corona, sai daquela pessoa no hospital agora, em nome de Jesus Cristo. Vai embora! Acabou! A bênção chegou e todo o mal está desfeito em nome de Jesus Cristo”. Juntamente com esta fala, o pastor afirmou em outros momentos em suas redes que membros de sua igreja foram curados da Covid-19, graças à água consagrada. Estes discursos de Soares de fato colocaram a segurança e o cuidado com as pessoas em segundo plano, num contexto em que as pessoas estavam desesperadas, por não saber o que fazer diante da pandemia, com isso se agarravam a qualquer proposta que viesse para as libertar e acabar com o vírus.

Existem diversas falas de tantos outros líderes religiosos, sobretudo da linha pentecostal, que foram contrárias às medidas e que acabaram induzindo os seus fiéis a não se precaverem e, conseqüentemente, com isso, acabaram contaminando muitas pessoas, conduzindo-as, provavelmente, à morte. O que facilitou a propagação destas ideias e de tantas outras foi a tecnologia, sobretudo as redes sociais. As mensagens postadas neste ambiente facilitaram os fiéis a terem acesso à chamada “cura divina” (cf. Rodrigues, 2021, p. 69–70).

Numa visão geral, os representantes destas igrejas de linha pentecostalista propagaram medidas que se desvirtuaram daquelas planejados e defendidas pelos organismos de saúde nacional e internacional. Quando os líderes defenderam a manutenção

das igrejas com culto presencial, alegando ser um serviço essencial e que auxiliaria as pessoas a atravessar esta situação de forma menos dolorosa. Além de alegarem a não vacinação. Não se precisa ter medo, pois aqueles que têm fé em Deus não estariam correndo nenhum risco, esta foi a fala deles, com isso colocaram milhares de vidas em jogo. Strauss²² (1986, p. 17) afirma que por vezes, os princípios das ações cegas que não permitem enxergar o que se está fazendo, coloca em risco cegamente tanto o Eu como o outro.

Uma vez compreendido que os princípios de nossas ações não têm outro fundamento que nossas preferências cegas, não cremos mais realmente neles. Não podemos mais agir de coração tranquilo. Não podemos mais viver como seres responsáveis.

Percebe-se quão tamanha foi a consequência das atitudes cegas destes líderes que colocaram a saúde e a vida de milhares de pessoas em risco, devido à ideologia política-religiosa cega.

Diante destas questões trazidas tanto pelo posicionamento católico como pelo viés protestante-evangélico, por primeiro, o outro neste contexto foi reduzido ao eu e a falta de responsabilidade que induz a gerar atrocidades que se pode realizar com a vida humana conforme Lévinas explicita e que já foi trabalhado no primeiro capítulo desta dissertação.

Os líderes possuíam uma responsabilidade neste contexto para com o outro que colocava a sua responsabilidade na responsabilidade do outro (cf. Lévinas, 2013, p. 80). Porém, o negacionismo colocou em dúvida esta responsabilidade para com o outro, Rocha; Castro (2021, p. 64-65) afirmam:

O negacionismo encontra-se nessas segmentações religiosas, quanto à possibilidade de o comportamento social em dadas circunstâncias, incrementar o risco à saúde ou à vida humana, tem sido uma tônica, sobretudo entre os evangélicos pentecostais e neopentecostais. Ao que tudo indica, em sentido levinasiano, a voz que ecoa do infinito, as pegadas de Deus, o “não matarás”, não têm evocado essas instituições refratárias; ao revés, as razões de suas necessidades vêm sendo amalgamadas em postulados políticos aviltantes pois inumanos, que têm servido para justificar toda ordem de sujeição. Inclusive, a linguagem, nestes ambientes, não supõe uma pluralidade de interlocutores, mas uma representação de um (a membresia, que não é um) pelo outro (a igreja institucionalizada) como se fosse uma participação em uma universalidade pré-definida. Na filosofia levinasiana, tal linguagem não é ética, não considera a revelação do Outro para mim; antes, o Eu, preso em sua mesmidade e em seus interesses, “revela” esse outro, como se ele não fosse refratário a toda

²²Claude Lévi Strauss foi um antropólogo, filósofo, sociólogo francês. Foi considerado o fundador da antropologia estruturalista e um dos maiores pensadores do século XX.

tipologia e classificação. E assim, consegue-se, desprezando-se as novas possibilidades tecnológicas de comunicação, afirmar que as pessoas sofridas carecem de culto presencial, pois necessitadas desse ajuntamento, desse calor humano, mesmo vivendo-se uma catástrofe sanitária.

Ou seja, o pensamento de Lévinas demonstra que os discursos destes líderes foram contra o mandato imperativo do “não matarás”. Com isso, as próprias religiões, de certa forma, conduziram, por falta da responsabilidade e de cuidado com o outro, o incentivo à contaminação de pessoas e consequentemente ao estado que poderia levar à morte.

Os discursos da ala conservadora do catolicismo e de algumas das igrejas pentecostais, e de forma especial os neopentecostais, coadunaram com a postura do governo federal de caráter negacionista diante da situação da saúde pública na pandemia. Com estes discursos negacionistas ou que tentaram minimizar ou atribuir a pandemia a um castigo de Deus ou à armadilha de satanás, colocaram a credibilidade e a responsabilidade da religião em discussão. Pelo meio midiático, foram enviando mensagens e discursos contrários às medidas sanitárias, com isso ficou mais difícil enfrentar a pandemia. Como explica Rocha e Castro (2021, p. 54):

Embora não seja possível individualizar a postura de cada tradição religiosa acerca da matéria, já que a COVID-19 perfez divisões internas em diversos segmentos evangélicos, pode-se afirmar que as denominações assim consideradas mais autocráticas, centradas na representação de líderes específicos com feição midiática, indubitavelmente, insistiram em enfrentar as recomendações científicas atinentes à contenção da contaminação pelo Coronavírus, mesmo assistindo a uma verdadeira crescente no número de mortes e o abarrotamento dos hospitais com pacientes portadores de COVID-19.

Os líderes religiosos católicos e protestantes demonstraram que houve uma tensão entre a dimensão da fé e ciência, assim como a dimensão da liberdade e responsabilidade individual e coletiva. Ao minimizar os riscos dos vírus e desacreditar e induzir os outros a não crerem nas medidas sanitárias, estes posicionamentos acabaram fragilizando os esforços de prevenção e colocaram, assim, os fiéis em situação de vulnerabilidade.

Como foi refletido no primeiro capítulo, para Lévinas não há como servir ao sagrado (divino) sem a responsabilidade ética que isso gera para com o outro. A experiência com o sagrado acontece diante da responsabilidade com o outro; ou seja, o sagrado se manifesta não somente em questões doutrinárias ou rituais, mas na ação concreta de cuidado e zelo pelo próximo. Não há como fazer uma experiência de Deus sem a responsabilidade para com o

outro - é simbiose que não pode ser separar. O que aconteceu nestas tradições cristãs, trabalhadas nesta dissertação é, que, durante a pandemia, houve uma dissociação entre o sagrado e a responsabilidade para com o outro. Lévinas (1997, p. 132) afirma: “A transcendência não é sair de si para alcançar Deus, mas responder ao apelo do outro”. Nesta perspectiva levinasiana a transcendência está no encontro, pois é por meio do outro que ocorre a transcendência; o cuidado realizado ou que foi deixado de ser feito é a oração concreta do humano diante do divino.

Pelo pensamento de Lévinas, pode-se realizar uma crítica a essas religiões, pois o sagrado ficou como que derivado ou desaparece: eles falavam em nome do sagrado, mas o desvirtuaram quando, em alguns momentos, não cuidaram do próximo ou impediram, com suas falas, que esse cuidado este acontecesse. Pelo que foi visto até o momento, o cuidado com o outro é pressuposto para acreditar em Deus, mas isso foi colocado em xeque, em alguns momentos, pelas tradições cristãs católica e protestante neopentecostal.

O homem religioso - no caso, o cristão - só participara da transcendência do sagrado quando percebeu que isso só se deu por meio do cuidado com o outro. Lévinas (1997, p. 78) afirma: “Deus se retira para que o homem possa encontrar o rosto do outro e responder por ele”. Com isso, percebe-se que o cuidado, que por vezes deixou de ser realizado, foi questionado, já que ele é o agir concreto de manifestação do sagrado no mundo e na vida do homem.

Se o cuidado é a expressão máxima da relação com o sagrado, e se a fé se fecha em si mesma e não é capaz de gerar responsabilidade ética, há uma crise espiritual, já que dissociou o sagrado do cuidado. Levinas (1963, p.13) afirma: “Separar o sagrado da bondade é voltar à magia e à idolatria”. Lévinas realiza uma crítica à religião que, de certa forma, separa a relação com o sagrado dos deveres humanos - sobretudo da questão do cuidado.

Apesar das controvérsias tidas durante o contexto da pandemia, percebeu-se ao longo do presente capítulo que a dimensão do cuidado com o próximo desenvolvido pelas igrejas cristãs faz parte do seu modo de ser, pois a dimensão do cuidado e do amor pregado por elas perpassa sempre pelo cuidado com o outro. Diante disso, os elementos colocados durante a pandemia colocaram em questionamento o compromisso ético que as igrejas por meio de seus líderes com o compromisso com a vida e de forma especial do cuidado com o outro. A pergunta que se pode fazer é: qual é a repercussão destes posicionamentos e ações de parcela dos membros das igrejas cristãs na sociedade hoje?

4. As instituições cristãs no contexto de pós-pandemia

A catástrofe pandêmica induziu a sociedade contemporânea a reconfigurar suas dinâmicas sociais e a forma como elas são construídas e experienciadas. As vulnerabilidades do tecido social foram expostas de maneira contundente. Como afirmou Dom Joel Portela (2020), então secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), durante uma transmissão ao IHU on-line, a pandemia da Covid-19 evidenciou diversas outras “pandemias” anteriormente camufladas. Dessa forma, compreende-se que a crise pandêmica não se restringiu a uma emergência de saúde pública, mas revelou-se como uma pandemia do sistema econômico, moral, político e até mesmo religioso. Segundo Bezerra; Medeiros (2021, p. 157):

Sem dúvida, a pandemia da Covid-19 iria revelar da pior forma possível o mundo doente, vulnerável, extremamente marcado por inúmeras desigualdades sociais, por um sistema capitalista e liberal que prioriza apenas o lucro em detrimento da pessoa, os constantes atentados ao meio ambiente e graves crises ecológicas, que têm colocado a sobrevivência da raça humana em xeque.

Como discutido no segundo capítulo desta dissertação, as instituições cristãs também foram compelidas a se reorganizar e a reinventar diversas dimensões de sua atuação — desde a expressão cultural até suas iniciativas caritativas. Essas ações refletem o compromisso com o cuidado ao próximo, alicerçado em valores morais inspirados nos ensinamentos de Jesus Cristo, assimilados e vivenciados pelos cristãos em sua conduta pessoal e comunitária.

Ao longo da história, como já apresentado, o cuidado com o outro constitui elemento essencial da identidade cristã. A caridade, portanto, é uma marca indelével das instituições cristãs. Por essa razão, as igrejas desempenharam e ainda desempenham um papel significativo no desenvolvimento das sociedades, especialmente no que diz respeito às relações políticas, sociais e religiosas.

No contexto atual, de transição e reconstrução pós-pandêmica, as instituições cristãs vêm assumindo um papel importante na recomposição do tecido social. Nesse processo, buscam atualizar o mandato histórico da caridade — aqui compreendida como cuidado — à luz dos desafios contemporâneos que a pandemia evidenciou e que ainda reverberam na sociedade atual. Conforme Silva (2008):

Foram as igrejas, que por sua natureza (justificada em princípios morais) e por sua função social — já que são locais onde se vivenciam, moldam e reproduzem comportamentos individuais e coletivos — que tomaram para si

a tarefa de prestar assistência material e espiritual aos excluídos dos bens e serviços da sociedade.

A relevância social das igrejas foi confirmada em pesquisa realizada em 2023 pelo instituto Datafolha, conforme divulgado em sua página oficial de notícias. O levantamento revelou que 68% dos brasileiros consideram as instituições cristãs confiáveis em tempos de crise, reconhecendo nelas uma atuação concreta em favor dos mais vulneráveis. Tal dado reforça a importância e a legitimidade dessas instituições enquanto agentes sociais com forte compromisso ético com a dignidade da pessoa humana.

É nesse contexto que o cristão é chamado a se reconhecer como seguidor de Jesus Cristo. Sem vivência comunitária, sem participação e sem a prática do auxílio mútuo, não há cristianismo autêntico, pois, sua identidade é marcada intrinsecamente pela dimensão comunitária. Diante disso, as igrejas cristãs são convocadas a realizar uma análise crítica de suas práxis pastorais, a fim de assumirem um novo modo de agir, especialmente orientado pelas dimensões do cuidado e do diálogo.

Durante a pandemia, ficou claro, a partir do pensamento de Lévinas, que o rosto foi o sinal visível da presença do divino no outro. Olhar para o vulnerável que clamava por socorro, como já foi dito ao longo da dissertação, é, de fato, reconhecer naquele que “gritava” por ajuda a presença do divino. Lévinas (1970, p. 215) afirma: “o rosto do outro é o lugar da epifania de Deus. Ele me fala e me diz: não matarás”. Ou seja, o cristão foi chamado a olhar para o outro como sinal da presença do divino que pedia auxílio. Separar essa realidade é negar que o outro também seja sagrado diante do divino.

A partir do pensamento levinasiano, que auxiliou a entender a dimensão do cuidado nas igrejas cristãs – especificamente a católica e a protestante de linha neopentecostal - compreende-se que o cuidado possui uma categoria específica, sendo traduzido em responsabilidade pelo outro. Levinas (1980, p. 84) afirma: “o eu é responsável pelo outro antes de ser responsável por si”. Lévinas compreende que a dimensão do cuidado nasce dessa responsabilidade original que conduz o eu ao outro.

As igrejas cristãs são convocadas a responder pelo outro, cujo rosto impele constantemente por cuidado. Assim, entende-se que, se o cuidado gera responsabilidade, esta, por sua vez, gera hospitalidade do outro, acolher o outro.

Cuidar é cuidar do outro, do rosto que provoca auxílio. Portanto, diante do cuidado, da responsabilidade e da hospitalidade, o outro precisou ser carregado dentro de mim, e, a cada ação diária, ele precisa de acolhimento, já que isso parte de uma realidade *sine qua non*. Em Lévinas, compreende-se que a hospitalidade está na acolhida do rosto que interpela por ajuda. Lévinas (1980, p. 170) afirma: “a acolhida do rosto é responsabilidade”.

Nas religiões cristãs estudadas, houve certos momentos em que se percebeu a presença do Cristo no rosto do outro, mas houve momentos em que não houve essa percepção, porque o sagrado foi desvinculado da ética, do rosto do outro. Por isso, em alguns momentos, não houve hospitalidade, maternidade e cuidado. Lévinas (1991, p. 117) afirma: “a responsabilidade é já cuidado com o outro, vigilância pelo seu destino”.

Diante disso, torna-se, portanto, essencial uma autorreflexão *ad intra* e *ad extra* por parte das instituições cristãs — ou seja, uma avaliação que considere tanto a percepção interna de seus membros quanto a imagem que projetam na sociedade em geral, sobretudo no que diz respeito à promoção do cuidado com o próximo. Já que o outro me interpela por cuidados, Lévinas (1972, p. 64) afirma: “Humanizar-se é hospedar-se o outro, deixar-se interpelar por ele”

Diante disso, este capítulo propõe-se a refletir sobre as ações e práticas que as igrejas cristãs são chamadas a assumir no contexto pós-pandemia. Para tanto, seguirá a seguinte estrutura metodológica: em um primeiro momento, será abordado o discurso cristão do cuidado dirigido aos próprios fiéis; em seguida, será analisada a forma como a sociedade percebe os discursos e práticas das instituições cristãs nesse novo cenário.

4.1 A compreensão do discurso cristão do cuidado frente seus adeptos

Os cristãos, sejam eles protestantes ou católicos, perceberam e vivenciaram no decorrer da pandemia, e consequentemente no pós-pandemia, a importância da ação do cuidado com o outro. O cuidado passa essencialmente por uma decisão em que o Eu se projeta para um outro independente dele fazer parte ou não das convicções pessoais do sujeito que ajuda. Desta forma, os cristãos entendem que as suas instituições religiosas são norteadoras e promotoras do cuidado baseadas num

valor supremo que vai muito além de apenas um simples cuidado, mas perpassa por um valor moral advindo da experiência de fé deles. De acordo com Kuzma (2020):

[...] O tempo de hoje se faz exigente e nos convida à compaixão, ao cuidado, ao amor para aquele que sofre e à garantia de que ninguém ficará para trás e que todos seguiremos juntos. Somos responsáveis uns pelos outros e este é um ponto que deve nutrir nossa práxis eclesial e nosso caminho de espiritualidade [...].

Para os cristãos o cuidado com o outro é expressão da caridade que é traduzido pelo amor primeiramente a Deus, com isso, o amor ao ser divino é expresso pelo amor ao próximo. No contexto de pós-pandemia as instituições cristãs colocaram em prática esta visão do cuidado, Cruz; Ulrich (2019, p.729-730) afirma: “os cristãos deveriam amar as pessoas em qualquer circunstância. Um amor traduzido em benevolência, em que se pesem discordâncias e desaprovações”.

Isso é tradução da responsabilidade moral cristã que sinaliza os cristãos e cristãs para um engajamento que os impulse para uma ação caritativa para colaborar em diminuir as necessidades do próximo, independente de quem ele seja. É o agir ético pela responsabilidade que vai ser elucidado por exemplo por Kant no desenvolvimento do seu imperativo categórico que segundo ele, a pessoa tem o dever de agir moralmente levando em consideração as condições universais que respeitem a dignidade da pessoa, sendo uma delas o cuidado que um tem para com o outro.

Para os cristãos, o cuidado para com o outro passa por uma necessidade vital do cristianismo. O cristão compreende que ele é responsável do ponto de vista moral, religioso e social pelo outro, mesmo que este outro não aja de forma similar para com um terceiro. Além de Kant, o próprio Lévinas, autor utilizado como referência para esta dissertação coloca em evidência a responsabilidade ética que se tem de um para com o outro. Ou seja, faz parte do itinerário cristão a ajuda ao próximo e o pós-pandemia deixou isso mais claro para os adeptos desta crença religiosa, pois o discurso e a ação do cristão parte de uma experiência profunda de amor elaborada por aquele que é o sentido desta fé Jesus Cristo.

É por meio desta visão e vivência do amor, que os cristãos podem ser para o outro traduzido assim, o amor em compaixão, cuidado, respeito e ajuda sem perguntar se aquele que está recebendo o cuidado é digno ou merecedor deste cuidado. Para a Ciência da Religião, esses processos não são apenas respostas espirituais a uma

crise sanitária, mas expressões de sentido, organização simbólica e reconfigurações sociais mediadas pelo sagrado.

4.1.1 Os cristãos católicos diante do cuidado com o outro no pós-pandemia

A igreja católica entende que o mandamento de Jesus sobre a caridade a impele a viver essa dimensão por meio do amor e da assistência, sobretudo com os desvalidos. Essa “assistência” dada pelos católicos — e que inclusive sempre foi sua marca histórica, Silva (2006) afirma: “[...] interesses pessoais ou recompensas materiais [...]”, parte da vontade de servir ao próximo, impulsionada pelo dever cristão para com todos, sobretudo os desfavorecidos.

Para os cristãos católicos, o discurso do cuidado não é novidade. Porém, a crise sanitária exigiu uma atualização prática da pastoral entre o discurso e a ação. A pós-pandemia expôs as contradições sociais e, ao mesmo tempo, que despertou nas comunidades eclesiais uma experiência em que o ato de cuidar tornou-se uma forma concreta da igreja ser e agir.

O cuidado sempre foi visto como um dos elementos importantes da vida cristã. O cuidado com o outro sempre esteve presente nos ensinamentos sociais da Igreja, nas práticas das ordens religiosas e nos gestos de tantos homens e mulheres que buscaram ser presença de Jesus no meio dos necessitados.

Boff (2006, p. 29) afirma: “O cuidado é mais que uma atitude moral ou humanitária. É uma postura espiritual, uma maneira de estar no mundo, uma ética da ternura.” Essa chamada “ética da ternura” tornou-se visível em diversas frentes no meio católico por meio de seus adeptos: por exemplo, pastorais sociais organizando doações; padres e leigos oferecendo escuta online; campanhas de apoio emocional; religiosas e voluntários nos hospitais. Portanto, o cuidado saiu da fala e se traduz em ações solidárias.

O contexto de pós-pandemia está exigindo dos fiéis uma visão de fé que não se refugie somente nos templos religiosos, mas que faça dos espaços públicos, tais como: a rua, o hospital e a casa o novo altar em que exala a misericórdia. Diante disso, o cuidado tornou-se expressão do seguimento de Jesus. O pensamento de Sung acaba se alinhando com o pensamento de Gebara (2020) afirma: “Não se trata de rezar para que os pobres sobrevivam, mas de partilhar com eles os meios de vida.” Gebara afirma que o cuidado com o outro deve ser critério de autenticidade da fé.

O compromisso da Igreja Católica no enfrentamento da crise e no pós-pandemia foi marcada por um compromisso social. Várias dioceses se mobilizaram para a distribuição de cestas alimentares, buscaram formas de apoiar psicologicamente pessoas, além de outras medidas que continuam valendo até o presente momento.

O cristianismo deve fazer sempre uma passagem de uma religião, apenas, de dogmas para tornar-se uma religião da presença: estar com o outro, sobretudo com o que sofre. Panikkar (2007) afirma: “[...] caráter iniciático e intransferível da experiência, não a partir de si mesmo, mas sempre a partir de um outro [...]”. A pandemia trouxe à tona essa urgência de cuidar do outro. A igreja se torna uma cuidadora sendo sinal de uma Igreja que, como dizia o Papa Francisco, “é hospital de campanha” que está o tempo todo atenta aos necessitados.

Cuidar não é apenas consolar, é colocar o evangelho em prática, intervindo nas ações concretas das pessoas. Assim, o discurso e as ações do pós-pandemia do cristianismo revela uma descentralização, pois mostra que o cristão católico, por exemplo, não é aquele que vai somente a missa, mas aquele que escuta, acolhe e tem ações de misericórdia para com o outro.

Para o autor em questão, o cuidado é expressão de resistência. Já que vivemos num contexto marcado pela desigualdade que cada vez mais menospreza os mais necessitados promovendo estruturas de injustiças que agrava a vida humana.

Otto (1992, p. 68) afirma: “O encontro com o sagrado é também encontro com a alteridade; cuidar é reconhecer o outro como portador do mistério.” Para os cristãos católicos, o cuidado é expressão do modo como se enxerga a fé, colocando o outro, também, como lugar de revelação.

A caridade divulgada pela igreja católica na sociedade por meio da ação baseada no discurso moral, foi elaborada sobretudo com base em sua doutrina social²³, desenvolvendo-se assim na prática das pastorais sociais, que têm como objetivo primeiro a ação caritativa para com os necessitados. Como afirma o próprio *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* (2004, p. 217):

A solidariedade eleva-se ao grau de virtude social fundamental, pois se coloca na dimensão da justiça, virtude orientada por excelência

²³A doutrina social é o ensinamento católico que visa abordar as questões sociais, econômicas, políticas, ambientais buscando por meio da religião promover a dignidade da pessoa humana e o bem comum. Além de promover princípios e diretrizes que pretende construir uma sociedade mais justa e fraterna, tudo isso baseada nos ensinamentos da fé e da tradição católica.

para o bem comum, e na «aplicação em prol do bem do próximo, com a disponibilidade, em sentido evangélico, para “perder-se” em benefício do próximo em vez de o explorar, e para “servi-lo” em vez de o oprimir para proveito próprio.

A Igreja compreende, no contexto atual, que a solidariedade é o impulso de ir ao encontro do outro. Assim, ela pede, daquele que se coloca no cuidado com o outro, um comprometimento, uma liberdade de quem se sente responsável pela outra pessoa. A instituição tanto realiza esse compromisso enquanto dimensão coletiva como incentiva os seus fiéis a serem responsáveis uns pelos outros.

As Pastorais Sociais, mais do que nunca, foram evidenciadas pelo tamanho de sua importância na promoção do cuidado com a pessoa. A pastoral social vai muito além do que o nome sugere: não olha somente para os necessitados de bens materiais, mas tem por finalidade a evangelização dos pobres. É um dever moral e de fé que o cristão possui em relação ao cuidado com o outro, e é por meio destas pastorais que se evidenciam as ações em prol da vida e do cuidado com o outro em todas as suas dimensões, sejam materiais ou espirituais. O catolicismo vai enfatizando a importância do amor ao próximo como essência da vida de fé. Jesus Cristo, ao resumir a Lei de Deus, afirmou: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (Mt 22,37-39).

A parábola do Bom Samaritano, contada por Jesus, exemplifica que o cuidado com o outro não deve depender das diferenças culturais, religiosas ou sociais, mas de uma disposição concreta de ajudar quem precisa. A Igreja Católica, ao longo dos séculos, consolidou essa doutrina em sua prática social, promovendo a dignidade humana e a justiça social como partes integrantes de sua missão.

A Igreja percebe que o cuidado com o outro, neste novo contexto cultural e social, desenvolveu-se por causa dos novos desafios deixados como resquícios da pandemia: o aumento da desigualdade social, o impacto emocional do isolamento prolongado e a necessidade de reconstrução de vínculos comunitários. Porém, também surgiu uma luz: há uma oportunidade de fortalecer o compromisso cristão com o cuidado ao outro, colocando em prática os valores de misericórdia, justiça e solidariedade.

A caridade com o outro, promovida pela Igreja Católica e seus adeptos, implica promover a inclusão e combater qualquer forma de preconceito ou discriminação. No período pandêmico, foram evidenciadas diversas desigualdades. Com isso, foi necessário repensar suas estruturas, tornando ainda mais urgente a necessidade de

comunidades acolhedoras. As comunidades cristãs católicas compreendem que devem ser espaços de convivência aberta, onde todos se sintam valorizados. A inclusão é uma expressão do amor de Deus, que acolhe a todos sem distinção. A fé católica oferece uma fonte inesgotável de força e esperança.

Como já foi citado no capítulo anterior com alguns exemplos concretos, vários organismos da igreja católica têm promovido ações que dão exemplos do verdadeiro sentido do cuidado cristão. Iniciativas tais como: rede de solidariedade digital, projetos de reinserção social; campanhas de oração e esperança e ações de recuperação emocional. O caminho do cuidado exige um compromisso contínuo, os católicos compreendem que precisam incorporar, no seu dia a dia, práticas do amor ao próximo de forma permanente, promovendo um contexto de solidariedade que ultrapasse as crises.

O cuidado não pode ficar, apenas, nos discursos idealistas, mas deve se tornar uma prática diária. O cristão católico entende que faz parte desse processo, pois compreende que ninguém se salva sozinho (Cf. FT 32). É no cuidado que se expressa a máxima esperança do católico.

O católico é convocado à responsabilidade diante do outro. O seu agir no mundo perpassa pela responsabilidade que o “eu” tem diante do outro. O homem é um ser responsável diante do mundo, que o exige ao agir, dando sentido à sua existência.

A responsabilidade que o “eu” tem diante do outro é expressão de um sujeito que se vê diante do tempo, convocado a agir, demonstrando que a responsabilidade o coloca diante do outro, no compromisso com o outro. É mediante essa visão que o cristão católico se percebe como indissociável do outro. Para o cristão católico, a responsabilidade para com o outro vai além de uma obrigação moral: parte de um desejo que o transcende, baseado nos ensinamentos de Jesus Cristo.

A responsabilidade é o grande princípio ético que norteia a vida em comunidade. O católico entende que sua instituição religiosa o impulsiona a sair de si mesmo e se comprometer com o outro. O mandamento do amor ao próximo é vital que perpassa todos os adeptos católicos. Isso é evidente quando o Concílio Vaticano II mostra que o homem só é capaz de desenvolver sua capacidade de se responsabilizar quando está consciente de sua dignidade e se empenha na ação caritativa para com o próximo (cf. *Lumen Gentium*).

Para o magistério católico, o cuidado e a responsabilidade partem de um dever inerente à dignidade humana. O cuidado com o outro, na visão dos católicos, é a expressão máxima da prática do amor — mandamento deixado por Jesus Cristo, com isso tornou-se um valor moral.

Essa visão do cuidado fica bem clara através de suas campanhas de solidariedade e de cuidado com o outro, expressas pela Campanha da Fraternidade e tantas outras iniciativas que buscam incentivar a promoção da pessoa humana. Os pesquisadores Celso Gabatz, Jefferson Zeferino e Rogério de Carvalho Veras ao tratar da “religião pandêmica” (cf. Liberdade religiosa, fundamentalismos e controvérsias acerca da abertura de templos em meio a pandemia do Covid-19 no Brasil), diz que esta é aquela que legitima ideias e ações irresponsáveis, conduzindo o outro, em vez de assumir uma ética baseada no cuidado.

O cuidado com o outro é um imperativo ético e evangelizador. Como assinala Lévinas, priorizar o próximo ultrapassa a justiça recíproca e inaugura um novo paradigma civilizacional de cooperação e responsabilidade. À luz da fé católica, reafirma-se que só “permanecendo no amor” e vivendo a *Caritas in Veritate* (VATICANO, 2009) é que as comunidades poderão enfrentar as mazelas pós-pandemia. Em última análise, esse cuidado compartilhado fortalece tanto a justificação da lei (no amor cristão) quanto a esperança de um futuro fraterno. Como disse Leonardo Boff, é preciso abandonar “o velho paradigma da vontade de poder” para abraçar “um paradigma do cuidado de tudo o que existe e vive” e da corresponsabilidade coletiva.

O católico percebe, na ação caritativa, a presença salvadora de Cristo. É através dessa ação que se promove o cuidado com o outro, o católico se afirma e se percebe como propagador do Evangelho de Cristo. Nas palavras de Matos (2009, p. 88):

Somente o amor contido na caridade faz com que as pessoas tenham coragem e generosidade para se comprometer com a justiça e paz exigida para o aprimoramento do bem comum. Aderindo ao ideal de caridade, o homem descobre a verdade sobre si mesmo – ou sobre os planos de Deus para a humanidade – e torna-se livre.

Além disso, é necessário fortalecer a formação de lideranças, promover a inclusão social e usar a tecnologia para ampliar o alcance das ações. A pandemia revelou a vulnerabilidade de toda a humanidade, mas também reafirmou a importância

do cuidado com o outro como expressão máxima do amor cristão. Os cristãos católicos, chamados a seguir o exemplo de Jesus, devem ser protagonistas de uma nova etapa de solidariedade, misericórdia e esperança.

O compromisso de cuidar do próximo é uma marca da vida cristã no mundo pós-pandemia. Dessa forma, os cristãos acabam contribuindo para construir uma sociedade mais justa, solidária e fraterna. Segundo a fé professada por eles, é através do amor para com Deus que se reverbera o amor para com o outro, transformando e valorizando a pessoa humana.

Destarte, o discurso do cuidado com o outro, entre os cristãos católicos no pós-pandemia, não pode ser compreendido como uma reação emocional à crise. O cuidado com o outro deve ser expressão da espiritualidade cristã católica. A fé católica é evidenciada no cotidiano a partir da solidariedade vivida, recuperando o rosto mais humano, mais fiel do Cristo que se fez próximo.

4.1.2 Os cristãos evangélicos e a compreensão do cuidado no pós-pandemia

O contexto de pós-pandemia exigiu que o mundo evangélico pudesse rever suas práticas, valores e formas de se fazer presente no mundo, sobretudo no que se refere ao cuidado com o próximo. Berger (1992, p. 118) afirma: “a religião é o escudo contra o caos do mundo”. A pandemia, ao desestabilizar a sociedade coagiu as comunidades evangélicas a ressignificar suas crenças e rituais, além da orientação moral e cuidado concreto com o outro.

A caridade praticada pelos protestantes está ligada à forma como eles concebem a sua experiência de fé, estruturando-se através da experiência do mundo e orientada pelas ações práticas. Tillich (2005, p. 42) afirma: “coragem de ser”, demonstra que a fé é uma força existencial que move os sujeitos em direção ao outro: “A fé autêntica nos leva a sair de nós mesmos, pois ela é uma entrega àquilo que é incondicionalmente significativo”. Mediante isso, para os evangélicos a ação caritativa, de amor ao próximo, de cuidado só é possível por causa desta ação maior que é a dimensão da fé traduzida na ação prática cristã.

No mundo evangélico, essa entrega se traduz como amor que coloca o cristão num posicionamento dele se sentir corresponsável pelo outro. Isso se traduz em ações que vão desde o auxílio financeiro até a escuta pastoral e o acolhimento comunitário. Essas atitudes são marcas indeléveis da fé cristã, pois representa a fé

deles, Sung (2000, p. 67) afirma: “práticas de libertação espiritual e social que revelam o rosto humano de Deus”. Ou seja, o sentido de se ter fé e professar uma fé que vê o outro e o coloca no lugar de cuidado.

Sung (2000, p. 70) afirma: “A espiritualidade cristã deve ser encarnada no cuidado com os corpos feridos, não apenas como uma exigência ética, mas como uma expressão de fé vivida no mundo real.” Nessa perspectiva é fundamental compreender que as igrejas evangélicas se sentiram impelidas a agir no contexto da crise sanitária e pós-pandemia: não por um impulso moral, mas por um dever teológico sobre o papel da fé na vida humana, e com isso continuaram agindo no contexto atual.

A prática do cuidado, nas igrejas evangélicas, se intensificou a partir de uma espiritualidade que interpreta o sofrimento como oportunidade de manifestação da graça. Ao analisar a experiência religiosa em contextos de crise, Otto (1992, p. 55) afirma que o *numinoso*, ou seja, a presença do sagrado, é frequentemente sentido de maneira mais intensa diante da fragilidade da vida: “É nos momentos-limite que o sagrado irrompe com força irresistível, despertando tanto temor quanto fascínio”.

Esse “irromper” do sagrado, no contexto evangélico, se manifestou na multiplicação de grupos de oração, *lives* evangelísticas, atendimentos pastorais virtuais, e também em ações sociais concretas. A resposta das igrejas ultrapassou a esfera litúrgica e assumiu uma dimensão social-organizativa, contribuindo com alimentos, roupas, apoio psicológico e até mesmo orientação jurídica.

Gebara (1997, p. 84) oferece uma visão crítica e necessária ao afirmar: “Religião que não toca as estruturas do sofrimento, que não se encarna nos dramas cotidianos, torna-se apenas uma repetição ritualista sem densidade existencial.” Essa provocação ajuda a compreender por que a pandemia funcionou como um divisor de águas na religiosidade evangélica brasileira: muitas comunidades abandonaram uma fé desvinculada do real para abraçar uma teologia vivencial e engajada. Nesse contexto, o cuidado com o próximo não é apenas uma obrigação moral, mas uma expressão coerente da cosmologia evangélica.

Segundo Clifford Geertz (2008, p. 90), “a religião atua criando um mundo que seja compreensível e habitável”. Para os evangélicos, o cuidado com o outro reafirma que o mundo pode ser ainda redimido. O auxílio prestado às vítimas da COVID-19, a famílias enlutadas e a pessoas emocionalmente abaladas mesmo no decorrer do pós-pandemia reafirmou uma “teodiceia” prática, que não apenas explica o sofrimento, mas oferece alívio imediato e companhia.

Essa dimensão é acentuada por Comblin (1998, p. 77), ao defender que “a fé só tem sentido quando gera vida e dignidade”. A vivência do cuidado, nesse sentido, torna-se também um ato de resistência contra modelos que alienam ou culpabilizam o sofrimento humano.

Embora muitos evangélicos tenham despertado para a necessidade do cuidado com o próximo, há tensões internas relevantes como foi discutido ao longo do segundo capítulo desta dissertação. Por um lado, cresce uma espiritualidade voltada para o bem comum; por outro, persiste um discurso religioso centrado no individualismo e na teologia da prosperidade.

Boff (2003, p. 45) afirma: “a religião pode ser fonte de libertação, mas também de alienação, dependendo de como se posiciona frente ao sofrimento humano e às estruturas de injustiça” se colocando no lugar do outro ou não, cuidando dele ou fazendo uma opção pelo abandono do outro.

Essa ambiguidade está presente em muitas igrejas evangélicas. Há lideranças que negaram a gravidade da pandemia, resistiram às orientações sanitárias e reforçaram narrativas negacionistas e continuam até hoje negando os cuidados essenciais que se deve ter com o próximo. Por outro lado, há experiências profundamente evangélicas e transformadoras que encontraram na crise uma oportunidade de renovação do compromisso cristão com a vida e a dignidade.

É possível perceber que o cuidado com o próximo no contexto evangélico pós-pandemia é expressão tanto da fé vivida quanto de uma construção simbólica que dá sentido ao sofrimento. A pandemia exigiu das igrejas uma espiritualidade mais encarnada, mais sensível ao real, mais comprometida com a justiça e menos abstrata, em que os seus adeptos continuam percebendo a importância de dar continuidade as ações que visam o cuidado e o bem comum.

As experiências de cuidado realizadas por comunidades evangélicas não podem ser reduzidas a assistencialismo ou estratégias de visibilidade institucional. Elas são, como vimos, formas de encarnar sentidos religiosos profundos, resgatar valores evangélicos e ressignificar a presença do sagrado no mundo ferido. Em tempos de crise, Tillich (2005, p. 51) afirma: “a fé verdadeira é aquela que enfrenta o desespero com a coragem de continuar amando”.

Torna-se evidente que o discurso do cuidado com o outro, no contexto pós-pandêmico, foi amplamente incorporado como um valor central da prática religiosa cotidiana. Os adeptos católicos enxergam, de modo geral, que sua Igreja respondeu

com fidelidade ao Evangelho ao intensificar ações de solidariedade por meio das pastorais sociais, mutirões de doações, escuta comunitária e presença em territórios marcados pela dor. Muitos expressam que, diante da crise, a Igreja “esteve ao lado do povo”, representando não apenas a fé institucional, mas também a caridade concreta.

Como já mencionado no capítulo anterior, do lado protestante, sobretudo entre os evangélicos, os fiéis relatam uma valorização profunda das redes de apoio espiritual, emocional e material que foram formadas nas igrejas locais. Para muitos, a pandemia reforçou a importância da comunidade de fé como “família espiritual” que cuida, ora, compartilha e não abandona. Ações como cestas básicas, apoio psicológico, visitas e cultos virtuais são lembradas como expressões vivas da fé em ação.

Entre os dois grupos, observa-se um entendimento comum: o cuidado com o outro não foi apenas uma resposta emergencial, mas uma redescoberta da essência do cristianismo. Na visão dos próprios fiéis, suas igrejas reafirmaram sua missão de ser presença amorosa, solidária e transformadora no mundo. Esse reconhecimento interno reforça a percepção de que a espiritualidade cristã, para ser autêntica, precisa se traduzir em cuidado concreto — especialmente nos tempos de maior vulnerabilidade.

4.2 O olhar da sociedade frente os discursos e ações das igrejas cristãs

Diferente da visão interna que os adeptos destas instituições possuem, a sociedade em geral percebe e vê o trabalho das igrejas, no caso em questão, as cristãs, a partir de suas ações concretas para com a sociedade em que elas estão inseridas. Como já foi trabalhado um pouco mais acima, a sociedade percebe a importância e sabe destas importâncias que as instituições cristãs têm acerca dos cuidados para com as pessoas. Por isso, que as ações caritativas delas são evidenciadas e apesar dos conflitos que possam existir em outros campos com a sociedade as igrejas cristãs por meio de suas ações do cuidado com o outro, acabam sendo de certa forma exaltadas e bem vistas principalmente por aqueles que não seguem a fé destas igrejas.

Diante desta realidade as igrejas acabam realizando um ato de justiça social, em que o cuidar do outro torna-se uma responsabilidade por causa de sua percepção

de fé, mas para a sociedade, qualquer pessoa tem o direito e o dever moral de ser responsável uns pelos outros, Russell P. Shedd (2013) afirma na sua obra “Justiça Social” que nas sociedades do Antigo Testamento puderam evidenciar e viver leis que apesar de serem divinas alcançavam a todos, independentemente de serem judeus praticantes ou não. Mas eram leis dispostas a preservar e proteger a vida humana e social. Ou seja, buscava manter uma sociedade justa para todos os membros, independente de quem fosse crente no Deus de Israel ou não.

Uma das traduções desta justiça social que é colocada como base das igrejas advém de uma preocupação, por primeiro, para com a pessoa. Por isso que os trabalhos sociais que a maioria destas igrejas cristãs realizam estão preocupados com a pessoa humana e não se elas irão aderir a fé ou não. É nesse quesito que a sociedade evidencia o trabalho e a importância deste trabalho social que as igrejas possuem. Lisboa (2016, p. 66) afirma que:

[...] a Igreja age como promotora dos direitos sociais aos considerados marginalizados, ela não está usurpando o papel do Estado, pelo contrário, ela está exercendo a sua função como parceira estatal para construção de uma melhor sociedade [...].

Para a sociedade, as igrejas cristãs são agentes promotoras do cuidado com o outro, sobretudo para com os marginalizados, apesar de ser uma função do estado cumprir com os direitos da pessoa, as instituições cristãs acabam realizando, também, este papel, não se pode deixar de lado que as igrejas agem desta forma por causa do dever moral evangélico, mas elas acabam sendo esta parceira do Estado em promoção da pessoa humana.

Desta forma, as igrejas são valorizadas pela sociedade que acabam incentivando-as inclusive financeiramente para continuarem com os seus trabalhos sociais que vão desde os moradores de rua até o incentivo e pesquisas para o cuidado com as pessoas. A partir destas ações a sociedade compreende e reconhece que as instituições cristãs possuem uma importância social e que por isso devem realizar um trabalho em conjunto que busque promover o cuidado com o outro, dando-o uma dignidade e construindo assim uma nação justa e solidária. Como já afirmamos anteriormente, a atuação das tradições religiosas em contextos de crise é essencial para compreender como o sagrado se insere nas dinâmicas sociais. Pierucci (2004, p. 29) afirma: “as religiões não são apenas sistemas simbólicos, mas agentes sociais com capacidade de interferência prática no mundo real”.

Diante disso, o presente tópico buscará compreender como a sociedade vê o trabalho caritativo das instituições cristãs católica e protestante, ou seja, é uma tentativa de ter um olhar de fora para dentro de como as igrejas são vistas pelas ações e seus trabalhos dentro deste contexto de pós-pandemia.

4.2.1 O olhar da sociedade para a igreja católica nas suas ações no momento atual

Como já foi analisado até o presente momento, a instituição cristã católica no decorrer de sua história atrelou aos seus ensinamentos de fé a prática da caridade, sobretudo com os mais desvalidos. As suas ações caritativas ganham repercussão mundialmente. Isso ficou mais evidente dentro da pandemia e pós-pandemia no qual as obras sociais de acolhimento e cuidado com a pessoa principalmente o mais vulnerável foi e é a marca indelével da expressão de fé em Jesus Cristo.

Para a sociedade, o conteúdo da evangelização e do cuidado que a instituição possui é social, pois o seu centro é a atividade caritativa, visto como expressão do amor em movimento, já que isso é expressão da fé na pessoa de Jesus, em que a redenção assume expressão social e a salvação se identifica com a libertação integral da pessoa (Cf. Kung, 2004, p. 17).

O Papa Francisco foi uma das figuras centrais da igreja católica que permitiu que a sociedade pudesse olhá-la principalmente com um olhar de respeito. Uma igreja que se preocupa com o outro e que se torna responsável e pelo cuidado com a dignidade da pessoa, precisa ver a sociedade a partir da ética do cuidado. Nessa compreensão que a igreja é vista, como expõe Silva; Júnior (2021, p. 10):

[...] nota-se uma nova maneira de ver o mundo a partir da ética do cuidado. Nesse sentido, o momento pandêmico exige das pessoas o isolamento, mas sem perder a dimensão comunicativa através de gestos que geram a vivência da caridade e da justiça, como por exemplo, a preocupação com as pessoas ao redor, vizinhos, bairro, cidade e igreja. Isso implica entrar em contato por telefone, Internet e ir ao encontro presencial com todo cuidado necessário e expressar a solidariedade com o outro por meio da escuta atenta, da ajuda espiritual e material.

A sociedade vê no cuidado da igreja a expressão máxima do reconhecimento e da importância que o ser humano possui, pois no momento atual a condição do cuidado com a pessoa nunca foi colocada tanto em xeque como agora, quando se busca meios de destruir a vida em todas as suas facetas. Com isso a sociedade

entende que a igreja se abre a um compromisso solidário que vai contra a autossuficiência e exploração humana.

A sociedade civil reconheceu essas ações em diferentes níveis. Na pesquisa realizada pelo Instituto Vox Populi (2021), 62% dos entrevistados identificaram a Igreja como uma das instituições que mais atuaram em prol dos vulneráveis durante a pandemia e continua no contexto de pós-pandemia. Tal reconhecimento reforça o papel histórico da Igreja como espaço de acolhida e assistência.

Contudo, o olhar social foi motivo de crítica em relação à lentidão institucional e uma certa dificuldade de diálogo da Igreja com as ciências médicas e sanitárias. Em alguns contextos, houve resistência de alguns setores eclesiais em aceitar protocolos de segurança para o cuidado com o outro, como a suspensão das celebrações presenciais para evitar a aglomeração. No contexto pandêmico, houve alguns líderes religiosos que colocaram a fé contra a ciência, ao invés de conjugar ambas como forma de expressar a busca pela verdade.

Esses conflitos demonstram que o olhar da sociedade para a Igreja é dialético: Por um lado, existe uma gratidão pela atuação solidária que continua até hoje, por outro lado, há cobrança por maior coerência com os valores do bem comum e do cuidado integral da vida.

A sociedade percebe que a prática eclesial do cuidado, mesmo quando silenciosa ou invisível aos meios de comunicação, responde a esse chamado ético que antecede qualquer doutrina ou institucionalidade. Pois em primeiro lugar, deve estar sempre o cuidado com a vida humana.

No pós-Covid-19, a sociedade continua atenta à coerência entre discurso e a ação da Igreja. Por exemplo, a proposta do Papa Francisco (2013, n. 49) de uma “Igreja em saída” ganhou novo vigor diante das urgências trazidas pela sociedade no pós-pandemia. O Pontífice afirma:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças.

Esse chamado repercutiu positivamente na sociedade civil, que passou a ver na Igreja não apenas uma instituição de culto, mas um sujeito social com capacidade transformadora que preza pela justiça social e pelo cuidado com o próximo.

A presença pública da Igreja teve novos contornos, Bingemer (2021, p. 78) afirma: “A Igreja se fez pão, escuta, palavra, presença nos becos, nas redes e nas

filas da fome. Foi mais do que culto: foi compaixão”. Essa reconfiguração da igreja católica foi notada pela sociedade, que passou a perceber a Igreja não apenas como instituição de culto, fechada em si mesma e que fala apenas para os seus, mas foi percebida uma igreja com um papel social ativo na luta contra a fome, o abandono e a desinformação.

Nos grandes centros urbanos, apareceu figuras católicas, por exemplo, como o Pe. Júlio Lancellotti que se tornaram ícones de um catolicismo profético e comprometido com o meio social. A atuação do padre junto a pessoas em situação de rua, mesmo sob ataques, evidenciou o compromisso com aqueles considerados descartados da sociedade. Lancellotti (2021) afirma: “A caridade que não denuncia a injustiça é conivente com ela”.

A sociedade brasileira, historicamente marcada por forte presença religiosa, observou e continua observando com atenção o posicionamento da Igreja durante às vezes em que se exige dela um posicionamento favorável a pessoa humana. Houve, também, reconhecimento da sociedade pelas ações concretas de cuidado e solidariedade.

Zygmunt Bauman (2008, p. 89), quando trata da fragilidade dos laços humanos na modernidade líquida, diz que “a solidariedade não é natural, ela é construída e, por isso, precisa de instituições que a promovam”. Nesse contexto, a Igreja Católica foi avaliada em sua capacidade de construir solidariedade concreta. A percepção do meio social oscilou consequentemente entre admiração e exigência.

Pesquisas indicaram que setores mais engajados da sociedade civil, incluindo movimentos populares e ONGs, consideram a atuação de alas progressistas da Igreja como um caminho positivo que permite que ela se abra e olhe com cuidado para com o próximo. Porém se criticou a ausência de posicionamentos mais firmes por parte de algumas lideranças episcopais.

O período pós Covid-19 representa o início de novas urgências sociais e espirituais em que a igreja é convidada a dar respostas significativas a sociedade. A sociedade continua exigindo da igreja uma postura mais coerente entre discurso e prática da Igreja. O Papa Francisco (2017) insiste na conversão pastoral e na “revolução da ternura” como formas de ação: “Hoje temos necessidade de uma revolução da ternura. Esta revolução começa no coração”

A sociedade compreende que a Igreja necessita ser fiel ao Evangelho e a sua doutrina, mas ressalta que elas podem contribuir com a reconstrução do tecido social

dilacerado pela pandemia. Como sugere Enrique Dussel (1998, p. 152), “a ética do cuidado com o outro é o novo nome da política e da espiritualidade nos tempos da exclusão”.

O olhar da sociedade sobre a Igreja Católica, no contexto pós-pandêmico, revela mais do que uma análise externa; é um espelho que reflete os anseios éticos de um tempo ferido sobretudo gerando uma exclusão da pessoa em todos os seus aspectos. Quando a Igreja se faz próxima dos pobres, desvalidos, defensora da vida e promotora da solidariedade e do cuidado, ela ganha legitimidade e reconhecimento social. Quando, porém, faz o inverso, silenciando-se diante da dor ou relativiza o valor da ciência e da verdade, ela perde sua força profética.

É preciso, contudo, que a Igreja continue a se deixar interpelar por esse olhar social não como ameaça ou como alguém externo que quer ditar o modo como ela, a instituição religiosa deve viver, mas como uma oportunidade de conversão e testemunho a partir da escuta dos necessitados. O cuidado com o próximo não é uma ação opcional, mas expressão genuína da fé cristã que parte de sua adesão a pessoa de Jesus. Bonhoeffer (1995, p. 112) afirma: “A Igreja só é Igreja quando existe para os outros”. Quando ela se fecha em si mesma, perde esta capacidade de cuidado e de existência diante de um mundo que clama por cuidado e socorro que a igreja pode dar.

4.2.2. O olhar da sociedade para as igrejas protestantes e evangélicas no pós-pandemia

As instituições protestantes são marcadas por uma moral que possui uma marca acentuada sobre a responsabilidade pessoal e comunitária diante do mundo e da sociedade em que está inserido. Por exemplo, Max Weber (2004, p. 91), coloca em evidencia que “o protestantismo, ao enfatizar o chamado individual e o dever diante de Deus, promoveu uma ética do trabalho e da responsabilidade social”. Essa moral encontrou novas expressões durante a pandemia, com igrejas promovendo arrecadações, apoio psicológico, distribuição de alimentos e assistência espiritual, como foi visto no capítulo anterior.

A visão protestante contemporânea também evidencia esse compromisso. Para o protestantismo a igreja tem uma grande missão em tempos de sofrimentos, com isso, ela não pode se restringir somente ao púlpito, mas deve se traduzir em presença solidária que acompanha as pessoas em todos os momentos.

Essa presença ativa foi percebida por parcelas da sociedade como um testemunho coerente da fé cristã, mesmo diante de tantas controvérsias que poderiam ter manchado olhar para estas instituições evangélicas.

No contexto atual, inúmeras igrejas protestantes no Brasil buscam adotar ações de solidariedade em prol do cuidado para com o outro. Como por exemplo, organizações como a Visão Mundial, a Aliança Cristã Evangélica e comunidades locais de tradição batista, pentecostal, presbiteriana e luterana vivem engajadas em campanhas sociais, assistência médica básica, além do aconselhamento espiritual.

Conforme o levantamento do Instituto Pacto Pela Vida (2022), mais de 70% das igrejas evangélicas relataram ter realizado ações de distribuição de cestas básicas, medicamentos e apoio a pessoas com depressão ou luto durante a pandemia que continuaram até os dias de hoje. Pois perceberam a importância e o valor do cuidado com o próximo. Deve-se levar em conta que a atuação destas instituições foi ampla, especialmente nas periferias urbanas, onde o Estado muitas vezes esteve ausente.

Mariano (2009, p. 61), sociólogo da religião, afirma: “os evangélicos desenvolveram um tipo de solidariedade comunitária enraizada na vivência de fé cotidiana, que os torna protagonistas locais em tempos de crise e pós crise”. Essa solidariedade informal permitiu que as igrejas pudessem serem vistas com outros olhos, muitas vezes invisível à mídia, acabou impactando positivamente a percepção social em comunidades vulneráveis.

Rubem Alves (1989, p. 132), em sua teologia poética e crítica, já alertava para a tentação da religião em se tornar alienante: “Religião que não toca o sofrimento do mundo é apenas superstição. A verdadeira espiritualidade começa no pranto do outro”. É no encontro com o outro e no cuidado deste outro que clama por cuidados que a religião vai se desenvolvendo e passando até uma outra visão da sociedade. A sociedade brasileira passou a observar com mais clareza as diferenças entre uma espiritualidade engajada e uma religião utilitária ou descomprometida com a coletividade.

Percebe-se que o olhar da sociedade para com as igrejas protestantes no pós-pandemia é marcado por ambivalência: por um lado, admiração pelas iniciativas locais de cuidado, por outra uma crítica diante do uso político da fé e da recusa ao diálogo com a ciência. No, entretanto, as ações de várias comunidades evangélicas são essenciais para continuarem a salvar vidas, alimentar famílias e consolar enlutados

que continuam sofrendo nos tempos atuais. Por isso que a sociedade reconhece que a Igreja protestante e evangélica são lugares de acolhimento e cuidado.

As igrejas protestantes precisaram, por conta de inúmeras questões durante a pandemia e para continuarem seguindo a sua missão, revisarem suas práticas, aprofundarem sua espiritualidade renovando-a através do seu compromisso com a sua fé que se expressa no cuidado com os desfavorecidos. Miroslav Volf (2006, p. 101) afirma: “A missão da Igreja é refletir o amor de Deus em formas sociais concretas. E isso exige compromisso com a justiça, a misericórdia e a reconciliação”.

A atuação de líderes locais (pastores, obreiros e outros) que optam pelo cuidado com a vida foi reconhecida por amplos setores da sociedade, mesmo por aqueles não vinculados à fé cristã protestante. Essa visão tornou-se positiva e esteve especialmente ligada a um protestantismo que se descola das grandes estruturas de poder religioso e político, e se aproxima do sofrimento concreto.

Conforme o sociólogo da religião Ronaldo de Almeida (2019, p. 64):

[...] a força do protestantismo no Brasil reside na sua capilaridade, na presença nos territórios e na escuta da dor cotidiana. Quando essas comunidades optam pela solidariedade, elas se tornam testemunhas do Evangelho no espaço público.

Essa visão reafirma que o testemunho protestante, quando vivido como serviço, torna-se um elo entre fé e cidadania. Muitos brasileiros continuam ainda enfrentando muitos problemas. Neste cenário, a sociedade passou a observar quais instituições permanecem presentes e comprometidas. Várias Igrejas protestantes que conseguiram manter programas de apoio psicossocial, visitas solidárias, auxílio financeiro ou comunitário, tornaram-se referências positivas nos bairros e periferias onde atuam ganhando reconhecimento e proteção por parte da sociedade.

As instituições cristãs no contexto de pós-pandemia compreenderam que não estão, apenas, para reconstruir templos, espaços físicos, mas construir vínculos. Para tal, faz-se necessário que elas possuem o testemunho profético que se coloca como presença constante, que cuida e acompanha sobretudo os mais desfavorecidos. Com isso, muitas comunidades evangélicas que investiram em capacitação de voluntários, em escuta ativa e em projetos de recuperação emocional são vistas com respeito e gratidão por diversos setores da sociedade civil. Uma visão social passou a associar essas igrejas a um protestantismo ético, comprometido com a promoção e o cuidado com a vida.

No entanto, o cenário pós-pandemia também acentuou o desgaste da imagem pública de alguns setores protestantes, fazendo com que a sociedade ao mesmo tempo tenha uma certa rejeição para com algumas instituições protestantes. As igrejas e lideranças que, no decorrer da pandemia, se recusaram a cumprir protocolos sanitários, minimizaram o impacto do vírus ou promoveram desinformação científica, agora precisam enfrentar um julgamento público mais severo. Várias famílias que perderam pessoas, comunidades afetadas por surtos evitáveis e profissionais de saúde ainda tem um certo receio para com o papel que algumas igrejas exerceram na disseminação de discursos irresponsáveis.

O sentimento social de desconfiança e de indignação moral foi alimentado também pela politização exacerbada da religião durante a pandemia que continua reverberando até os dias atuais. Em muitos casos, o nome de Deus foi instrumentalizado para legitimar posições negacionistas, antidemocráticas ou contrárias ao consenso científico como já foi visto no capítulo anterior. No olhar da sociedade pós-pandêmica, isso representou uma traição ao princípio do amor ao próximo, que deve guiar toda prática cristã.

Diante de tantas inconsistências geradas pelos negacionistas da pandemia da Covid-19, questiona-se se esses têm fé, o problema não é a fé em si, mas o como estes vivem a sua fé diante do outro que clama por socorro. Quando a religião não ajuda os seus adeptos a verem o como estão vivendo a sua fé, ela acaba deixando de cumprir o seu papel de religião que consola e ajuda, para um instrumento de dominação. Isso, a sociedade compreende que muitas comunidades protestantes deixaram de cumprir com o seu papel de cuidado.

Um outro aspecto marcante do pós-pandemia é que a sociedade passou a exercer um papel mais crítico e vigilante diante das instituições religiosas sejam quais forem, de forma preponderante com as igrejas cristãs, pois foram elas que de um certo modo causaram conflitos que “perturbaram” o combate da Covid-19. A sociedade compreende que não basta mais que as igrejas proclamem a fé; exige-se delas coerência entre palavra e ação, entre culto e solidariedade, entre espiritualidade e responsabilidade cívica.

O novo olhar social está mais atento às contradições entre o discurso evangélico e as práticas efetivas de cuidado. Igrejas evangélicas que optam por uma atuação verdadeira e desinteressada ganham respeito público, mesmo entre não religiosos. Já aquelas que seguem operando dentro de lógicas de autopromoção,

espetáculo da fé ou manipulação ideológica perdem legitimidade e descrédito por parte da sociedade.

A filósofa Hannah Arendt (2006, p. 98) ajuda a compreender melhor este posicionamento quando diz: “A autoridade só se mantém enquanto é reconhecida como legítima. Quando a sociedade perde esse reconhecimento, resta apenas o poder nu, e esse não sustenta a verdade nem a liberdade”. Quando as instituições evangélicas não cumprem com o seu papel sobretudo quando se trata do cuidado para o próximo expressando assim o seu modo de fé, ela acaba sendo não reconhecida pela própria sociedade como legítima.

O pensamento de Arendt pode ser aplicado ao cenário religioso atual: a autoridade espiritual das igrejas protestantes depende, agora mais do que nunca, da visão social sobre sua relevância concreta no mundo real. A sociedade continua observando cada vez mais as ações das igrejas e suas condutas perante a pessoa.

A sociedade possui uma visão e demanda uma igreja mais humilde, mais compassiva, mais aberta ao diálogo, uma igreja que esteja mais atenta as necessidades do próximo e que cuide dele. Isso, induz que as igrejas reconstruam a sua pastoral no pós-Covid-19, exige uma nova percepção e ação do cuidado que esteja ancorada no serviço, na escuta, na empatia e na reconciliação. Conforme Miroslav Volf (2021, p. 142): “Se a igreja quiser ser relevante no mundo pós-Covid-19, ela precisa deixar de falar apenas para dentro. Deve aprender a falar como quem serve, e não como quem ordena”. Para a sociedade as igrejas necessitam falar e agir e diante disso que elas ganharão credibilidade e confiança ou serão rejeitadas pela sociedade, ficando assim isoladas do tecido social.

Destarte, o olhar da sociedade funciona como um espelho que mostra os limites e as possibilidades da missão cristã seja entre católicos ou protestantes. Não se trata que a sociedade deve interferir no modo como as instituições cristãs devam agir no campo de suas experiências de fé, mas na busca e no reconhecimento de que fé deve ser vivida como expressão do cuidado e da justiça em prol do outro. Desta forma, elas continuarão sendo um dos testemunhos mais poderosos da fé nesta sociedade que clama por cuidado.

5. Considerações finais

Desde o começo deste trabalho, uma inquietação pessoal me acompanhou, crescendo lentamente até se tornar a pergunta central que orientou toda a minha pesquisa: o que move, de fato, as religiões cristãs a cuidarem do outro de maneira tão constante e profunda? Isso não é, apenas, algo que parte do ponto de vista acadêmico, mas passa, também, por uma busca íntima que foi me acompanhando no percurso desta pesquisa. Assim ela me impulsionou a ir além daquilo que estava sendo visto e a tentar entender o que de fato é essencial na dimensão do cuidado. Isso pode ser visto em cada capítulo elaborado, nas reflexões realizadas, pois sentia a necessidade de aprofundar um pouco mais a “raiz” que sustenta essa prática do cuidado, sendo que encontrei este fundamento na visão conceitual da alteridade, sobretudo na visão da filosofia do pensador francês, Emmanuel Lévinas, em que sua ética está baseada na responsabilidade para com o outro, este pensamento serviu-me como referencial teórico para aprofundar este estudo.

Quando a pandemia da Covid-19 começou, essa inquietação ganhou uma urgência ainda maior. As igrejas cristãs foram colocadas dentro de um cenário que, também, por elas desconhecida, marcadas por sofrimentos, várias perdas e como consequência disso incertezas que chocaram o mundo. Foi nesse contexto conturbado que as igrejas tiveram de responder ao chamado ético do cuidado, não só como organizações, mas como comunidades de fé, enfrentando tensões internas e pressões externas. Deste modo, o que propus nesta pesquisa foi compreender e analisar a dimensão do cuidado para com o outro que foi vivido, interpretado e colocado em ação dentro dessas igrejas, tendo como ponto de partida o pensamento do filósofo da alteridade, como é conhecido, levando em consideração tanto a pandemia quanto o período de pós pandemia, buscando, assim, também abrir caminhos para possíveis futuras reflexões.

O percurso metodológico realizado para desenvolver essa pesquisa, foi baseada de forma principal através da revisão bibliográfica e pelos discursos e as ações dos líderes destas instituições religiosas cristãs. Este caminho, ficou cada vez mais evidenciado para mim, quando, por exemplo, pude perceber que falar em “religião cristã” de forma genérica não é o suficiente, já que o cristianismo é visto de forma plural, diversa e com inúmeras expressões, tradições e comportamentos de expressar a sua religiosidade. Esta complexidade promoveu uma visão mais

cuidadosa para que pudesse compreender as várias facetas envolvidas no que se refere ao cristianismo.

Perceber que há uma multiplicidade dentro do cristianismo foi importante para que pudesse perceber que a visão de cuidado para com o outro não pode ser vista como algo esporádico, mas, sim, um componente que deve estar na gênese da identidade cristã desde seu começo. Apesar das falhas, divergências e dos conflitos que eclodiram durante a pandemia — quando pode-se testemunhar discursos e ações controversas em diversas comunidades cristãs —, permaneceu a convicção de que o processo de alteridade segue um caminho que tem um princípio ético-moral e religioso fundamental que conduz a experiência cristã.

À medida que aprofundei minha análise, ficou evidente o papel vital das instituições cristãs em momentos de crise e sofrimento social. Elas se colocam como agentes de restauração, promovendo a convivência solidária. Essa missão vai muito além da dimensão espiritual que é a parte principal destas visões religiosas, mas elas possibilitam na sua dimensão social incluir a responsabilidade social, o estímulo ao compromisso com as medidas sanitárias estabelecidas na época e o apoio seja material e emocional sobretudo aos mais vulneráveis, aspectos que ficaram claros no período pandêmico e evidenciados no decorrer desta pesquisa.

Foi evidenciado durante estes contextos em que as igrejas necessitaram dar respostas significativas que apesar da crise continental vivida por todos e no período de pós-pandemia, as sociedades continuaram a evidenciar a importância destas instituições cristãs, devido a sua postura realizada para com o cuidado para com o outro que foi assumida por elas. Essa visão reforça a imagem do cristianismo como uma força que se compromete com o social promovendo uma inclusão, permitindo que haja solidariedade e compaixão — que são os valores máximos do cristianismo evidenciado pelo seu fundador Jesus Cristo. São estes valores fundamentais para se enfrentar os desafios que foram impostos durante e no pós-pandemia.

Encontrei na filosofia da alteridade, especialmente no pensamento de Lévinas, a lente teórica que melhor me ajudou a compreender essa dimensão do cuidado. Ele nos lembra que a religião deve estar ligada a uma ética da responsabilidade, manifestada na resposta ao outro — um outro cuja alteridade exige do sujeito um compromisso inalienável. Para o autor em que foi baseada a sua teoria, o indivíduo só se forma enquanto pessoa quando se coloca diante do reconhecer do “outro” como, também, uma pessoa distinta e vulnerável como eu, que exige por cuidado. Essa visão

colocou luzes no real significado das práticas cristãs, mostrando que elas possuem uma dimensão ética que está na gênese de suas instituições e que vai além dos seus aspectos formalistas e rituais.

A crítica realizada ao longo do trabalho aos cristianismos – tanto ao neopentecostal quanto ao católico de linha conservadora – que, em determinados momentos, colocaram em dúvida a questão do cuidado, é procedente. Isso porque, segundo o autor escolhido como base para esta dissertação, o sagrado e a ética não podem se desvincular. Em Lévinas, não há como falar de cuidado com outro sem a experiência do sagrado, e o sagrado só adquire sentido quando se coloca diante da responsabilidade para com o outro.

A relação que foi elaborada no decorrer desta pesquisa entre o pensamento do filósofo Emanuel Lévinas e outros pensadores que foram utilizados no decorrer do trabalho pode confirmar a convicção de que a dimensão do cuidado para com o outro não pode ser olhada simplesmente como uma prática social ou apenas ritual, mas é um dever ético que parte do compromisso com o sagrado que por sua vez gera e conduz as relações sociais. Esta visão pode atestar e reafirmar pelas ações concretas das instituições. No contexto da pandemia, a pessoa que estava sofrendo mais de perto — que foi evidenciado como aquele que estava doente, o pobre ou o excluído, ou aquele que não pode deixar de trabalhar — ficou no epicentro das reflexões e das ações pastorais destas instituições, o que demonstra que há uma força ética que impele a todos mesmo em contextos difíceis.

Contudo, o estudo realizado demonstrou que essa dimensão do cuidado não foi colocada e vivida de forma total pelos adeptos destas instituições. Pois acabou sendo em alguns momentos causa de conflitos. Isso gerou uma tensão que colocou em xeque o discurso ético propagado por elas e as suas práticas institucionais geradas por seus líderes, de forma especial entre a relação Igrejas e Estado. Em determinados momentos, algumas decisões e ações de alguns líderes religiosos católicos e protestantes puderam minimizar a gravidade da pandemia, apesar de outros líderes religiosos destas religiões resistirem as medidas sanitárias, gerando algumas rupturas e levando a questionamentos que demonstraram a complexidade que existe quando se fala do cuidado e os desafios da alteridade que são gerados em momentos de crises.

Foi observado que houve uma dualidade na vivência do cuidado entre as tradições cristãs mais expressivas — católicas e protestantes. Embora o cuidado seja

fundamento histórico em ambas, no período pandêmico surgiram atitudes e discursos divergentes que colocaram em xeque essa unidade, mostrando que o cuidado é, ainda, um campo simbólico e social de disputas.

O estudo foi elaborado em três momentos principais: o estudo aprofundado do conceito de alteridade em Lévinas; a análise histórica e teológica do cuidado nas instituições cristãs desde sua origem; e a investigação das práticas e discursos relacionados ao cuidado durante e após a pandemia. Esse percurso me permitiu identificar tanto continuidades quanto rupturas, oferecendo uma leitura crítica e sensível à complexidade do tema.

A despeito dos conflitos, foi, também, evidenciado que as igrejas cristãs se mantiveram firmes no que se refere o cuidado, cuidando das pessoas principalmente as mais vulneráveis que enfrentaram não só a doença, mas tiveram que lidar com a fome, o isolamento e sobretudo a exclusão social. A mais diversa conduta evidenciada é a ética da alteridade em evidência, que foi traduzida em gestos reais de solidariedade.

Os dados divulgados pelo censo do IBGE de 2022 indicaram que as instituições cristãs sobretudo, perderam ou estagnaram os fiéis, isso é um fenômeno que provavelmente pode, também, estar unido às tensões e rupturas causadas pelos discursos e ações no contexto da pandemia. Essa possível perda de credibilidade representou um grande desafio para as entidades cristãs para darem continuidade da sua presença religiosa no meio da sociedade.

Apesar desta pesquisa ter possibilitado alcançar os objetivos propostos, algumas questões ficaram, ainda, em aberto e poderiam ser aprofundadas por próximas pesquisas. Destaca-se a importância de compreender melhor o porquê dos discursos que foram polarizados e das atitudes por parte de alguns membros das instituições cristãs que tentaram enfraquecer a visão sobre o cuidado destas instituições. Ademais, pode-se verificar como as igrejas cristãs estão se reestruturando com o fim da pandemia e se há outras possíveis rotas que podem ser propostas para que se reconstruam a confiança que a sociedade possui sobre elas. Essas possíveis lacunas demonstram que há um território amplo para que haja futuras pesquisas.

Dessa maneira, pode-se perceber que esta pesquisa não deve ser vista como a única que responde os problemas que foram gerados, mas ela deve ser vista como uma reflexão que pode gerar e se abrir para outras possíveis investigações que

possam ajudar no aprofundamento, podendo ampliar o entendimento das visões cristãs em contextos de crises e de transformações.

Por fim, ao concluir este estudo que foi significativo e que extrapolou o ambiente acadêmico, pois foi também para um âmbito de reflexão pessoal acerca do cuidado, reafirma-se a convicção de que, diante do outro ser humano que interpela, não se pode permitir que haja indiferença. A evocação ética a dimensão do cuidado deve ser vista como urgente e deve moldar não só as entidades cristãs, mas sobretudo as mais diversas instituições que trabalham em torno das relações humanas, sendo um convite ao cuidado. Espera-se que este estudo possa inspirar novos horizontes, colocando a dimensão do cuidado para com outro no epicentro da experiência não só religiosa, mas sobretudo social, contribuindo, assim, para a construção de um mundo pelo menos um pouco mais justo, solidário e que preze pelo humano.

Referências

ALMEIDA, Ronaldo de. *Evangélicos à direita*. São Paulo: Unesp, 2019.

ALVES, Rubem. *O que é religião*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

AMADO, Joel Portella. *A Igreja no Brasil no contexto da pandemia*. Entrevista concedida à IHU On-Line, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/605659-a-igreja-no-brasil-no-contextoda-pandemia-entrevista-com-dom-joel-portella-amado>. Acesso em: 28 mai. 2025.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO NORTE. Representantes de igrejas destacam ajuda espiritual e social cristã na pandemia. Natal: ALRN, 2021. Disponível em: <https://www.al.rn.leg.br/noticia/22834/representantes-de-igrejas-destacam-ajuda-espiritual-e-social-crista-na-pandemia>. Acesso em: 18 jan. 2025.

ARNOLD, Henrique Luiz; VON SINER, Rudolf. Covid-19: tentação e responsabilidade. *Caderno Teológico*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 10–23, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/cadernoteologico/article/view/27521>. Acesso em: 26 jun. 2025.

BANDEIRA, Olívia; CARRANZA, Brenda. Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia de Covid-19. *Revista Sociologia & Antropologia*, v. 11, n. 1, p. 187–206, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/4JrSBZDRqG8c9RJzCfxz4BN/>. Acesso em: 25 abril. 2025

BASTOS, Antonio Danilo Feitosa. *Ética da alteridade na metodologia da alternância: uma intervenção filosófica possível*. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/642703>. Acesso em: 04 de fev. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 1992.

BERNARDES, Cláudio T. T. A ética da alteridade em Emmanuel Levinas – Uma contribuição atual ao discurso da moral cristã. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 78, p. 83-101, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/14447>. Acesso em: 05 fev. 2025.

BENEDETTI, Pedro Tomas do Canto. *Elaboração conceitual e desenvolvimento do voluntariado como uma prática da humanidade ao longo da história*. 2017. Dissertação (Mestrado em Gestão e Políticas Públicas) — Fundação Getúlio Vargas, São Paulo,

2017. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/89eeb3d0-bf05-489f-b443-9fbe3c0fb615>. Acesso em: 02 fev. 2025.

BENEDETTI, Ana Livia; TRINDADE, José. A liberdade religiosa no âmbito das constituições federais brasileiras. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 52, n. 2, p. 1–20, 2009. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/1%20%20ARTIGOS/ESTADO%20LAICO%20A%20LIBERDADE%20RELIGIOSA%20NO%20AMBITO%20DAS%20CONSTITUICOES%20FEDERAIS.PDF>. Acesso em: 16 mai. 2025.

BEZERRA, Angélica Luiza Silva; MEDEIROS, Milena Gomes de. *Serviço social e crise estrutural do capital em tempos de pandemia*. Temporalis: Revista de Serviço Social e Política Social, v. 21, n. 41, p. 53–69, jan./jun. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/353032501_SERVICO_SOCIALECRISE_ESTRUTURAL_DO_CAPITAL_EM_TEMPOS_DE_PANDEMIA. Acesso em: 02 jun. 2025.

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Mateus 22,34-40.

_____. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002. Atos dos Apóstolos 2,42-47.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro (Orgs.). *Mulher e relações de gênero*. São Paulo: Loyola, 1994.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/92009783/etica-do-cuidado-em-saude>. Acesso em: 06 fev. 2025.

_____. *A religião no processo de libertação*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão: cartas e anotações escritas na prisão*. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

BORDIN, Reginaldo Aliçandro; JÚNIOR, Jonas Lino Soares. A Ética da Alteridade em Lévinas como fundamento de um novo humanismo. *AUFKLARUNG*, João Pessoa, v.9,n.2,p.73,82,mai./ago,2022.Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/arf/article/view/60881/36353>. Acesso em: 06 de abril de 2024.

BORDIN, Luigi. Judaísmo e Filosofia em Emmanuel Levinas. À escuta de uma perene e antiga sabedoria. *Síntese*, Belo Horizonte, 1998, v. 25, n. 83, p. 551-562.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. A fenomenologia em Husserl. *Revista do NUFEN*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 150-161, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/revistadonufen/article/view/1450>. Acesso em: 04 fev. 2025.

BUENO, E. R. de A. Fenomenologia e a resignificação do trabalho docente. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2001. Disponível em:

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/6/o/Tese%20Enilda%20Rodrigues.pdf>. Acesso: 28 de jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Brasil confirma primeiro caso da doença causada pelo novo coronavírus*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca-causada-pelo-novo-coronavirus>. Acesso em: 03 fev. 2025.

BRASIL DE FATO. Padre pede que fiéis não tomem vacina contra covid-19 e CNBB responde: “Desserviço”. *Brasil de Fato*, 11 jan. 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/01/11/padre-pede-que-fieis-nao-tomem-vacina-contracovid-19-e-cnbb-responde-desservico/>. Acesso em: 05 mai. 2025.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. A vida: dom e cuidado. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 36, n. 152, 2006. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1732>. Acesso em: 06 fev. 2025.

CALVANCANTI, Paulo Henrique. A Ética como Responsabilidade pelo Rosto em Emmanuel Lévinas. 2022. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/A-ETICA-COMO-RESPONSABILIDADE-PELO-ROSTO-EM-EMMANUEL-LEVINAS.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2025

CANABRAVA, Wardison. Artigo científico: O pensamento ético filosófico. São Carlos: Intertexto, 2009.

CARLETTI, José. A pandemia de COVID-19 e o papel das religiões: entre a fé e a ciência. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião*, v. 24, n. 38, p. 68–85, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/download/55752/38675/173607>. Acesso em: 22 mai. 2025.

CERVIÑO, Lucas. A fraternidade em conflito e o conflito fraterno: contribuições a partir da interculturalidade. In: LOPES, Paulo Muniz (org.). *A fraternidade em debate: percurso de estudos na América Latina*. São Paulo: Cidade Nova, 2012.

COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja*. Promulgado em 7 de dezembro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat_iecree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 09 fev. 2025.

_____. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Roma, 21 nov. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat_iiconst_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 12 jun. 2025.

COSTA, Márcio Luis. Lévinas: uma introdução. Petrópolis: Vozes, 2000.

CRUZ, Wallace S.; ULRICH, Claudete B. O bem comum em Miroslav Volf. *Revista Reflexus*, Vitória, v. XIII, n. 22, p. 729-732, 2019. Disponível em: <https://revista.fuv.edu.br/index.php/reflexus/article/view/1886>. Acesso em: 12 jun. 2025.

CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Tempos de esperança e solidariedade: Nota da CNBB diante da pandemia do coronavírus*. Brasília, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/cnbb-emite-mensagem-na-qual-pede-observacao-irrestrita-as-orientacoes-medico-sanitarias/>. Acesso em: 08 fev. 2025.

DATAFOLHA. Pesquisa sobre a confiança nas instituições cristãs em tempos de crise. 2023. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/pesquisa-sobre-a-confianca-nas-instituicoes-cristas-em-tempos-de-crise>. Acesso em: 04 jun. 2025.

DIAS, Kelvin Araújo da Nóbrega; NOBRE, Fábio Rodrigo Ferreira. O negacionismo antivacina e o alinhamento nos discursos de Malafaia e Bolsonaro frente à pandemia de COVID-19 no Brasil. *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, v. 12, n. 24, p. 442–471, 2024. DOI: 10.30612/rmufgd.v12i24.17390. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/moncoes/article/view/17390>. Acesso em: 13 fev. 2025.

DIEKMANN, Leonardo Envall; MASLOWSKI, Adriano André. A influência judaica no pensamento filosófico de emmanuel lévinas a partir da ética da alteridade como filosofia primeira. *Revista Missioneira*. v. 21, n. 2, p. 106-120, nov. de 2019. Disponível em: <https://srvapp2s.santoangelo.uri.br/seer/index.php/missioneira/article/download/3211/1923>. Acesso em: 15 de jan. 2025.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. 11. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1999.

_____. *Da divisão do trabalho social*. Tradução de Maria José de Sampaio Bueno. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 1998.

FRANÇA, Fabiano Leite. O legado de Heidegger à contemporaneidade. *Kínesis*. V. 5, n. 10. Belo Horizonte. 2013. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/4540>. Acesso em 02 de fev. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Mensagem para o XXIX Dia Mundial do Doente 2021*: «Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos» (Mt 23, 8). 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/sick/documents/papa-francesco_20201220_giornata-malato.html. Acesso em: 06 fev. 2025.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Vaticano, 24 nov. 2013. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papafrancesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 02 jul. 2025.

_____. *Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em: 22 fev. 2025.

FERREIRA, Cristiano Lucas. *Fé na educação: projeto de poder evangélico e as políticas educacionais*. 2024. 415 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/51644>. Acesso em: 02 jul. 2025.

GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson; VERAS, Rogério de Carvalho. *Liberdade Religiosa, Fundamentalismos e Controvérsias acerca da Abertura de Templos em meio a Pandemia do Covid-19 no Brasil*. *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 153–187, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v35n3p153-187>. Acesso em: 15 jun. 2025.

GAN, André Ricardo. A ética levinasiana e o sentido humano para o homem contemporâneo. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 7-20, jul./dez. 2014. Disponível em: https://www.faje.edu.br/simposio2014/textos/nao_doutores/andre_ricardo.pdf. Acesso em: 06 de fev. 2025.

GARCIA, Adelson Luiz. *A contribuição do pensamento social de João Calvino para a formação do cidadão*. 2015. 83 f. Dissertação (Mestrado em Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25639>. Acesso em: 04 fev. 2025.

GEBARA, Ivone. *Romper o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Religião e a pandemia Covid-19. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/600224-religiao-e-a-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-gebara>. Acesso em: 26 jul. 2025.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIOVANELLA, Ligia. Negacionismo, desdém e mortes: notas sobre a atuação do governo federal na pandemia de COVID-19. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 895–901, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sdeb/2020.v29n3/895-901/>. Acesso em: 04 fev. 2025.

GIDDENS, Anthony. *Novas regras do método sociológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GONÇALVES, Margarida Lemos. *A missionária que veio para ficar: biografia de Beatriz Silva*. Rio de Janeiro: UFMBB, 2011.

GONZAGA, Waldecir; et al. *Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora

Fundação Fênix, 2023. (Série Religião e Teologia; 23). Disponível em: <https://www.teo.pucrio.br/admin/screens/uploads/ebooks/250%20%20Evangeliza%C3%A7%C3%A3o%2C%20santidade%20e%20amor%20a%20Deus%20e%20ao%20pr%C3%B3ximo%20nas%20Ep%C3%ADstolas%20do%20Novo%20Testame.pdf>. Acesso em: 005 mai. 2025.

GOURGUES, Michel. *Atos 1-12: Missão e Comunidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. p. 58.

GOUVÊA, Hélio da Costa. *Amor ao Próximo: os pobres como sinal de unidade*. Universidade São Francisco, Petrópolis, 2021. Disponível em: <https://www.usf.edu.br/galeria/getImage/768/1278806844359983.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2024.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. de José Arthur Giannotti. São Paulo: Vozes, 2002.

HIDAKA, Renato Kendy; MOMESSO, Caroline Cecchin; VIEIRA, Rodrigo Moreira. *A atuação da Igreja Católica diante da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma análise a partir da produção discursiva da CNBB*. *Pensar Acadêmico*, v. 21, n. 2, p. 1369–1386, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.21576/pensaracadmico.2023v21i2.3470>. Acesso em: 22 fev. 2025.

INSTITUTO DE ESTUDOS DE SAÚDE SUPLEMENTAR (IESS); VOX POPULI. *Pesquisa Vox Populi/IESS sobre a avaliação dos serviços de planos de saúde durante a pandemia da Covid-19*. Brasília: IESS, 2021. Disponível em: <https://www.iess.org.br/biblioteca/pesquisa-iess/pesquisa-iess/pesquisa-iess-2021>. Acesso em: 02 jul. 2025.

KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *Descarte existencial*. São Paulo: Editora Herder, 1969.

KUNZ, Claiton André. *A justificação pela fé no pensamento de Lutero e hoje*. 2016. Disponível em: <https://periodicos.fabapar.com.br/index.php/vt/article/view/198/275/370>. Acesso em: 08 fev. 2025.

KÜNG, Hans. *Ser cristão*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

KUZMA, Cesar. *Ser Igreja em tempos de pandemia e de pós-pandemia: Desafios para a espiritualidade cristã*. Medellín. *Bíblia, Teología y Pastoral para América Latina y El Caribe*, ano 46, n. 177, p. 287–302, 2021. Disponível em: <https://revistas.celam.org/index.php/medellin/article/view/354>. Acesso em: 04 jun. 2025.

LEÃO, LHC. Teologia-política e pandemia Sars-Cov-2/Covid-19. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 32, n. 3, e210899, 2023. DOI: 10.1590/S0104-12902023210899. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/BZNGMGkD8wSV8gFxnJHbqRM/>. Acesso em: 23 fev. 2025.

LÉVINAS, Emmanuel. *Deus, a Morte e o Tempo*. Trad. de Fernanda Bernardo. Coimbra: Edições 70, 1993.

_____. *Descobrimos a Existência com Husserl e Heidegger*. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Difícil liberdade: ensaios sobre o judaísmo*. Paris: Albin Michel, 1963.

_____. *Do Sagrado ao Santo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Ética e infinito: diálogos com Philippe Nemo*. Trad. de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *Humanismo do Outro Homem*. São Paulo: Paulus, 1972.

_____. *Totalidade e infinito - um ensaio sobre o exterior*. Paris: Kluwer Academic, 2000.

_____. *Totalidade e Infinito*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2013.

_____. *Como consentimento para o horrível*. *Le Nouvel Observateur*, Paris, n. 22-28, p. 48-49, jan. 1988. Disponível em:

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O olhar distanciado*. Viseu: Edições 70, 1986. Disponível em: <https://sites.usp.br/fabulacoesdafamiliabrasileira/wp-content/uploads/sites/1073/2022/06/O-olhar-distanciado-Claude-Levi-Strauss.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2025.

LISBOA, C. L. dos S. *A Igreja como promotora dos direitos sociais aos moradores em situação de rua*. *Direito em Ação*, 2016. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rda/article/view/7072>. Acesso em: 15 jun. 2025.

LOPES, Fabricio Roger de Souza. *Missão integral: uma perspectiva teológica da prática do evangelho na vida das igrejas*. 2007, 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 7, n. 11, p. 139-149, jul./dez.

LUTERO, Martinho. *As 95 teses*. Wittenberg, 1517. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/textos/as-95-teses-de-martinho-lutero>. Acesso em: 07 fev. 2025.

MACEDO, Edir. *Palavra Amiga*. São Paulo: Record News, mar. 2020. Programa de rádio/TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4yOaR6yDkDg>. Acesso em: 25 mai. 2025.

MALAFIA, Silas. *Povo é enganado por quarentena de araque*. *Terra*, 2 abr. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/povo-e-enganado-por-quarentena-de-araque-acusamalafia%2C6a7e971d2b24b364dac6bc4b7488acbeiwyu9br3.html>. Acesso em: 25 mai. 2025.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

MATOS, Ana Paula de. *A doutrina católica e sua aplicação: Campanhas da Fraternidade e a questão da terra*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/anapaula.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2025.

MEDEIROS, Octávio H. Ribeiro. Religião e Problema Moral: segmentação social e crescente individuação. Actas dos Ateliers, Vº congresso português de Sociologia, Açores: 2004.

MELO, Nélcio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS; INSAF, 2003. Disponível em: https://books.google.com/books/about/A_%C3%A9tica_da_alteridade_em_Emanuel_Levin.html?hl=pt-BR&id=vK7mJuJgj0EC. Acesso em: 06 fev. 2025.

MOREL, Ana Paula Massadar. Negacionismo da COVID19 e educação popular: para além da necropolítica. Trabalho, Educação e Saúde, Fluminense, v. 19, 2021, e. 0 0315147, p. 1-14.

MORO, Alex. A Igreja precisou se reposicionar diante do seu papel. Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, 20 set. 2021. Disponível em: <https://www.al.rn.leg.br/noticia/22834/representantes-de-igrejas-destacam-ajuda-espiritual-e-social-crista-na-pandemia>. Acesso em: 04 mar. 2025.

MOLLAT, Michel. *Os pobres na Idade Média*. Trad. de Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

MORO, Vásques. El discurso sobre Dios en la obra de E. Levinas. Madrid: publicaciones de la Universidad Pontificia Comillas, 1982.

NETO, Rodolfo Gaede. Diaconia e cuidado nos primeiros séculos do cristianismo. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 55, n. 2, p. 316–332, jul./dez. 2015. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/download/2615/2408. Acesso em: 02 fev. 2025.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

PACHECO, Roni Valério da Silva; RONSI, Francilaide de Queiroz. *As novas formas de experiência cristã: a diversidade religiosa dentro do cristianismo*. 2021. 113 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/54953/54953.PDF>. Acesso em: 08 fev. 2025.

PAIVA, Márcio Antônio de; DIAS, Luiz Fernando Pires. O enigma do mal no pensamento de Emmanuel Lévinas. Revista de Filosofia (Unisinos), São Leopoldo, v. 132, n. 3, p. 136, 2012. Disponível em:

<https://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/download/fsu.2012.132.03/1080/1005>. Acesso em: 08 de jan. de 2025.

PANIKKAR, Raimon. *Ícones do mistério: a experiência de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2007.

PASSOS, Helder Machado. *Relação entre ética e política no pensamento de Emmanuel Levinas*. 2012. 1 vol. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PASSOS, João Décio. *O vírus vira mundo: em pequenas janelas da quarentena*. São Paulo: Paulinas, 2021. E-book. Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2020/05/22_05_reflexoes_sobre_o_coronavirus_joao_decio_passos.pdf. Acesso em: 14 mai. 2025.

PELIZZOLI, M. A *Relação ao Outro em Husserl e Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

PIVATTO, Pergentino Stefano; we, Manfredo Araújo de. *Ética da alteridade*. In:

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de (org.). *Correntes fundamentais da ética contemporânea*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PIVATO, Pergentino S. (Trad.). *Ética da alteridade*. Por Emmanuel Lévinas. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. Responsabilidade e justiça em Levinas. In: Veritas, Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 46, n. 2, jun. 2001.

POIRIÉ, François. *Emmanuel Levinas: ensaio e entrevistas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2004.

RAIGORODSKY, Diego. *O Talmud babilônico e o estabelecimento da lei: uma exposição dos métodos hermenêuticos empregados pelos sábios amoraítas*. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – [Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo], São Paulo, 2015. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8158/tde-10112015-165826/publico/2015_DiegoRaigorodsky_VCorr.pdf. Acesso em: 08 de jan. 2025.

RAMOS, José Mayck Mendes. *Não é isso que prega as escrituras: discussão teológica protestante, estereótipos e práticas discordantes*. TCC (Lic. em Ciências Sociais) — Universidade Federal de Campina Grande, 2024. Disponível em: <https://dspace.sti.ufcg.edu.br/bitstream/riufcg/39937/1/JOS%20MAYCK%20MENDES%20RAMOS%20TCC%20LIC.%20CI%20NCIAS%20SOCIAIS%20CDSA%202024.pdf>. Acesso em 18 mai. 2025.

REIS, Livia. *Tempos de pandemia, práticas cotidianas e projeto de nação: de que evangélicos estamos falando?* Debates do NER, Porto Alegre, v. 21, n. 40, p. 391–414, ago./dez. 2021. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/114161/65800>. Acesso em: 25 fev. 2025.

RIBEIRO, Adriano. Ética em Platão. *Diálogos Filosófico*. 2025. Disponível em: <https://dialogosfilosofico.blogspot.com/>. Acesso em: 06 fev. 2025.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

RODRIGUES, Donizete. *Xamãs, bruxas e pastores: a dimensão religiosa no processo de cura*. *Análise Social*, [S.l.], v. 59, n. 1, p. 2-25, 2024. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/analisesocial/article/download/37657/26029> . Acesso em: 14 mai. 2025.

ROSA, Maria Luísa Portocarrero. *Ética e alteridade em Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Paulus, 2012.

ROSA, Alexandre. *A Epifania do Rosto: Para uma leitura de Emmanuel Lévinas*. 2012.

ROVIGHI, Sofia, V. *História da filosofia contemporânea: do século XIX à neoescolástica*. São Paulo: Loyola, 1999.

SANTANA, Maria Angélica. *Ética solidária: um estudo da ação religiosa e ética da Liga das Senhoras Católicas de São Paulo, nos princípios de Emmanuel Levinas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTIAGO, Valdemiro. Venda de sementes como cura para a COVID-19. *Facebook*, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/posts/valdemirosantiago%C3%ADderdai grejamundialest%C3%A1oferecendosementespersonalizad/3396826570373706/>. Acesso em: 25 mai. 2025.

SANTOS, Pedro Paulo Rodrigues. *A viúva, o órfão, o estrangeiro e o pobre: a genealogia do preconceito e a ética como responsabilidade pelo outro a partir de Emmanuel Levinas*. 2019. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/5288>. Acesso em: 02 fev. 2025.

SARTO, José; VALAMIEL, Roberto; FERNANDES, Ana. Pandemia, religião e política: interpretações conservadoras e a construção de narrativas de punição divina. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 65, n. 2, p. 1–20, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rbpi/2022.v65n2/1-20/>. Acesso em: 25 abri. 2025.

Schaeffer Rocha, Abdruschin; Ribeiro de Castro, Maurício. *A pandemia fora de controle e a postura de algumas igrejas evangélicas: uma resposta ética ao apelo do outro?*. *Revista Davar Polissêmica*, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, jan.–jun. 2021. Disponível em: <https://revista.fbmig.edu.br/index.php/davar/article/view/101>. Acesso em: 22 jun. 2025.

SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus histórico*. São Paulo: Novo Século, 2001.
 SHEDD, Russell P. *Justiça social: uma perspectiva bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

SILVA, Claudia. Igreja Católica, assistência social e caridade: aproximações e divergências. *Sociologias*. Porto Alegre, RS, ano 8, nº15, p. 326-351, jan/jun 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/MZvwXR7sPmBmDbrr3kqZ8BG/?format=html&lang=pt>. Acesso em 14 jun. 2025.

_____. *As ações assistenciais promovidas pelas Igrejas Pentecostais no município de Londrina (1970–1990)*. 2008. 181 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103177>. Acesso em: 03 jun. 2025.

SILVA, Emanuel Freitas da; SILVEIRA, Emerson José Sena da. Quando a religião (des)comunica a ciência: o catolicismo brasileiro e a pandemia de Covid-19. *Dispositiva*, Belo Horizonte, v. 9, n. 16, p. 188–206, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/dispositiva/article/view/24137>. Acesso em: 08 jun. 2025.

SILVA, Everton de Jesus. A ética aristotélica como caminho que conduz o homem à felicidade plena. *Revista Húmus*, n. 7, jan./fev./mar./abr. 2013. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1501>. Acesso em: 02 fev. 2025.

SILVA, Joseilton Nunes da. Vontade e temporalidade: uma análise a partir da obra *Totalidade e Infinito* de Emmanuel Levinas. *O Manguenzal – Revista de Filosofia*, São Cristóvão, v. 1, n. 12, p. 136, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/omanguenzal/article/view/20480/15259>. Acesso em 24 de jan. 2025.

SILVA, Nelson Maria Brechó da; COSTA JUNIOR, Agnaldo. *A ecologia e a antropologia no Papa Francisco: uma leitura à luz de Habermas acerca da tolerância religiosa*. **Reflexão**, [S. p.], v. 46, e215152, 2021. Recebido em 5 nov. 2020; aprovado em 27 jan. 2021. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/download/5152/3216/24053>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SILVA JÚNIOR, Aluísio Gomes da. *Modelos tecnoassistenciais em saúde: o debate no campo da saúde coletiva*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

SILVA, José Edilson Ferreira; SILVEIRA, José. Quando a religião descomunica a ciência: o catolicismo brasileiro e a pandemia de Covid-19. *Revista Brasileira de Política Internacional*, v. 63, n. 2, p. 1–20, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/4JrSBZDRqG8c9RJzCfxz4BN/>. Acesso em: 01 mai. 2025.

SILVEIRA, E. J. S. da. A relação entre católicos carismáticos e a política. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_silveira.htm. Acesso em: 28 mar. 2025.

SOUZA, André Ricardo de. *Abrangência e controvérsias do terceiro setor cristão*. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2011, Curitiba (PR). GT 19 – Religião e Modernidade. Caderno de Resumos. São Paulo: SBS, 2011. Disponível em: https://portal.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=2231&Itemid=171. Acesso em 10 fev. 2025.

SOU CATÓLICO OFICIAL. Urgente! Por favor, nos devolva a Santa Missa. Jovens pedem aos bispos que devolvam a Santa Missa. *YouTube*, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WW5_uwlrDs. Acesso em: 04 abr. 2025.

SOARES, Paulo Cezar. *Por dentro do evangelho*. CartaCapital, Cultura, 23 maio 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/por-dentro-do-evangelho/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

SUNG, Jung Mo. *Desejo, mercado e religião*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SUSIN, Luiz Carlos. *O homem messiânico no pensamento de Emmanuel Lévinas*. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, 1984. Disponível em: https://books.google.com/books/about/O_homem_messi%C3%A2nico.html?id=pD2vwEACAAJ. Acesso em: 08 fev. 2025.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

VOLF, Miroslav. *Exclusão e abraço: uma reflexão teológica sobre identidade, alteridade e reconciliação*. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

VARGAS, Jackson Luís Santos de; FERRARO, José Luís Schifino. Por uma Ética da Alteridade em tempos de pandemia. **Percursos**, Florianópolis, v. 22, n. 49, p. 277-295, mai./ago. 2021. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/19145/2/Por_uma_tica_da_alteridade_em_tempos_de_pandemia.pdf. Acesso em : 12 de abril de 2024.

VATICANO. Bento XVI. *Caritas in Veritate: Carta Encíclica sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade*. Roma, 29 jun. 2009. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/encyclicals/documents/hf_benxvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html. Acesso em: 05 jun. 2025.

VASCONCELLOS, Manoel Luis Cardoso. *Filosofia medieval: uma breve introdução*. Pelotas: NEPFIL Online, 2014. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nepfil/files/2019/02/3-filosofia-medieval-uma-breve-introducao.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2025.

VÁZQUEZ, Juan. *História da ética*. Trad. de Rosiane Follador Rocha Egg. São Paulo: Ática, 1997.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ZANON, Andrei. O princípio da alteridade de Lévinas como fundamento para a responsabilidade ética. *Revista Perseitas*, Medellín, v. 8, p. 75-103, 2020. Disponível em: <https://revistas.ucatolicaluisamigo.edu.co/index.php/perseitas/article/view/3489>. Acesso em 20 de jan. 2025.